



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS



LEONIMAR BACCHIEGAS

**ALICE VAZ DE MELO, A *DAMA DA MORTE* E AS
CONFIGURAÇÕES LITERÁRIAS NO VALE DO IVINHEMA**

**DOURADOS-MS
2013**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS



LEONIMAR BACCHIEGAS

**ALICE VAZ DE MELO, A *DAMA DA MORTE* E AS
CONFIGURAÇÕES LITERÁRIAS NO VALE DO IVINHEMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados / Mestrado em Letras – Área de Concentração: Literatura e Práticas Culturais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da professora Dr.^a Leoné Astride Barzotto.

**DOURADOS-MS
2013**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS



LEONIMAR BACCHIEGAS

**ALICE VAZ DE MELO, A *DAMA DA MORTE* E AS
CONFIGURAÇÕES LITERÁRIAS NO VALE DO IVINHEMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados / Mestrado em Letras – Área de Concentração: Literatura e Práticas Culturais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da professora Dr.^a Leoné Astride Barzotto.

BANCA DE DEFESA

Prof.^a Dr.^a Leoné Astride Barzotto (UFGD) - orientadora

Prof. Dr. Rogério Silva Pereira (UFGD) – membro titular

Prof. Dr. Edgar César Nolasco (UFMS) – membro titular

Prof. Dr. Paulo Roberto Cimó (UFGD) – membro suplente

Dourados – MS, 11 de março de 2013

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Olívia Tolfo Bacchiegas, e ao meu pai, Delvair Bacchiegas, que nunca economizaram o seu amor por mim e por isso foram meu porto seguro, minha força, minha inspiração e o motivo maior de toda a minha luta. A luz que brilha em mim é reflexo deles, e é graças à dedicação, responsabilidade, comprometimento e amor dessas duas criaturinhas tão amadas que consigo equilíbrio para sempre seguir...

Ao amor da minha vida ontem, hoje e sempre... “Sem amor eu nada seria...” Afinal, “que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure”.

Aos meus presentes da vida, que meu esforço sirva de exemplo para vocês quererem e apostarem sempre no conhecimento: Afonso Siqueira, Aline Breuer, Camila Bacchiegas, Cecília Guimarães, Fernanda Bacchiegas, Giovana Bacchiegas e Kaique Eduardo.

AGRADECIMENTO

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Leoné Astride Barzotto, por confiar em mim desde a entrevista e depositar tanto carinho e dedicação no desenvolvimento da minha pesquisa que virou nossa pesquisa, também pelos ensinamentos, pela paciência, pelo apoio, pela força, pelo amor, pela luz...

Aos demais professores do Programa de Mestrado em Letras da UFGD, Prof.^a Dr.^a Rogério Pereira, Prof. Dr. Paulo Bungart Neto, Prof.^a Dr.^a Alexandra Santos Pinheiro, Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco do Santos, Prof.^a Dr.^a Célia Regina Delácio Fernandes, toda a minha gratidão pelos ensinamentos transmitidos. E ao coordenador do PPG, Prof. Dr. Adair Vieira Gonçalves, juntamente com a secretária Suzana Correa Marques, todo meu carinho e gratidão.

Aos meus amigos que sempre incentivaram, acreditaram e ajudaram na concretização desse sonho mesmo quando nem eu ainda acreditava ser possível realizá-lo: Izildinha Lourençone, Mayara Militão, Norilda Siqueira, Renato Moreno, Valdenir Martins, a força que vocês me deram, precisarei de uma vida toda para retribuir.

Aos meus alunos que sonharam sonhos bons comigo, quando da construção das ideias que norteariam a pesquisa. Meninada, tudo vale a pena sempre!

*Porque se chamava homem
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem...*
Márcio Borges

RESUMO

O trabalho configura-se a partir da construção literária do romance *A dama da morte* (1968), de Alice Vaz de Melo, segundo as representações históricas e identitárias do Vale do Ivinhema. Dentro de tal conjuntura, é relevante e imprescindível discutir a presença da voz feminina, o isolamento intelectual da autora, as imposições de recolhimento que a época e o lugar impunham à mulher, que são fundamentais na realização da leitura deste viés para que a constituição de uma comunidade imaginada se evidencie. Pretende-se, também, compreender o sujeito que conjectura toda a narrativa histórico-literária, situando o leitor num espaço e tempo tão verossímeis e dinâmicos que o levam à aproximação imediata do local imagético literário em construção com o contexto coletivo real do Vale do Ivinhema e demais cercanias da região.

Palavras-chave: Alice Vaz de Melo; identidade; configurações históricas; *A dama da morte*.

ABSTRACT

The research is formed towards the literary construction within the novel *A dama da morte* (1968), written by Alice Vaz de Melo, according to the historical and identity backgrounds in Ivinhema Valley; and inside this conjuncture it is relevant and indispensable to discuss upon the presence of the feminine voice, the author's intellectual isolation, the gathering impositions that time and place forced women to follow, are all fundamental to reach the reading process through this aim so that the imagined community constitution becomes clear as well as the origin of the subject who plots throughout the historical literary narrative placing the reader in a time and space which seem to be so credible and dynamic that lead to the immediate approach of the literary and imagetic place in construction with the real collective context in Ivinhema Valley and the other environs of the region.

Keywords: Alice Vaz de Melo; identity; historical configurations; *A dama da morte*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. ALICE VAZ DE MELO: CONSTRUÇÕES LITERÁRIAS NO VALE DO IVINHEMA	16
1.1 - Construções literárias no Vale do Ivinhema	16
1.1.2 - História e Literatura	18
1.1.3 - Representações Literárias	20
1.2 - Alice Vaz de Melo, uma biografia	21
1.2.1 - A narradora intelectual no sertão do Ivinhema	23
1.2.2 - O/A romancista/intelectual	24
1.2.3 - O papel do intelectual no livro <i>A dama da morte</i>	26
1.3 - <i>A dama da morte</i> , o livro	29
1.4 - Ivinhema: o rio e o vale	44
1.4.1 - Relato-certidão do nascimento de Ivinhema	45
1.4.2 - Desbravando a história e a cultura do rio e do vale	47
2. TRADIÇÃO E MODERNIDADE	50
2.1 - Culturas híbridas	52
2.2.1 - Incorporação do elemento estrangeiro	55
2.2 - O feminino em ebulição	58
2.2.1 - A construção do feminino e a ginocrítica	61
2.3 – Diáspora	64
2.3.1 - Na diáspora: formação de identidades culturais	65
2.3.2 - Definindo fronteiras	67
2.3.3 - O Vale do Ivinhema enquanto comunidade imaginada	68
2.3.4 - O centro (ou centros?) e a diáspora	74
3. A DAMA DA MORTE E O VALE	78
3.1 - Configurações históricas	78
3.2 - A voz narrativa em <i>A dama da morte</i>	81
3.3 - Um olhar sobre o romance	82
3.3.1 - O entre-lugar em <i>A dama da morte</i>	90
3.4 - O perfil do feminino	95
3.5 - A identidade diaspórica presente no romance	102
3.6 - Liminaridade no Vale	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	112

- INTRODUÇÃO -

Alice Vaz de Melo nasceu paulista, mas foi no sul, do ainda Mato Grosso, que encontrou o destino e configurou sua história, viveu o/no Vale do Ivinhema como poucos e viu nascer Vila Amandina e a cidade de Ivinhema. Assim como também pôde observar as transformações trazidas com os colonos, o surgimento de vontades, coragens, vergonhas, amores e outros tantos elementos que configuram a formação de uma nova região, tantos pensamentos novos, infintos sonhos moços e, afinal, “porque se chamava moça¹, também se chamava estrada, viagem de ventania...”. E a jovem Alice, que não vivia no país das maravilhas, soube, como poucos, e desde cedo, menina ainda, viver o sertão, colher suas delícias e superar a pequenez tão características de cercanias isolas. Foi mulher e viveu num lugar e tempo rudes, embrutecedores tal qual, e foi como ela mesma caracteriza a protagonista do livro, uma “dama da triste figura”.

E como “sonhos não envelhecem²”, Alice ousou e escreveu o/para seu tempo, contou ao mundo histórias do sertão e/ou desdobramentos de problemáticas universais ocorridas dentro da paisagem acre. Começou com contos e participando de concursos literários pelo país afora, logo em seguida, recebeu o convite da Editora Monterrey para escrever algo de mais fôlego, surge *A dama da morte, corpus* literário do presente estudo, lançado em 1968.

Ter um livro publicado no final dos anos 60, numa das margens mais periféricas da cultura brasileira, e ainda receber elogios rasgados do editor, talvez fosse o ápice para a grande maioria dos escritores. Já Alice continuou nas margens do Ivinhema, uma de suas paixões, observando o curso do rio e da história do Vale. Não quis notoriedade, preferiu a tranquilidade sinuosa e caprichosa da vida local que caminha conforme as circunstâncias, ora barrenta, ora límpida:

A varanda para onde eu me retirava flanqueava todo um lado da casa, o lado que dava para o Ivinhema, ao longe. Suas águas refletiam a luz da lua. Rio de águas barrentas. Rio de águas limpas. Rio de águas tranquilas. Rio de águas nervosas. Rio abençoado. Rio maldito. Rio caprichoso, bom ou mau conforme as circunstâncias (MELO, 1968, p. 24-25).

¹Licença poética a Lô Borges, Márcio Borges e Milton Nascimento na canção Clube da Esquina 2.

² Idem.

Desistiu, assim, de publicar, de escrever, jamais. Deixou romances, contos e poesias, tudo inédito, fresquinho para um dia talvez; o tempo consumiu muita coisa, vários escritos da autora desapareceram. Por isso, a proposta de pesquisa “Alice Vaz de Melo, *A dama da morte* e as Configurações literárias no Vale do Ivinhema” visa recompor e preservar a história e a obra de uma pioneira nas letras na região: “Dona Alice”, como era conhecida, personagem ímpar do cenário local. Foram muitos encontros, alguns desencontros, descobertas, autodescobertas identitárias, sentimentos aflorados e, principalmente, saudade, melhor usar no plural, saudades, afinal, são muitas Alices: a histórica, a diaspórica, a feminista, a intelectual, a romancista, a literária, a liminar, o ser humano. E todas deixaram saudades e marcas na região.

A proposta ainda é de importância acadêmica, posto que aparece enquanto relevante subsídio ao enriquecimento dos estudos e configurações literário-culturais e de questões de formação identitária envolvendo o estado de Mato Grosso do Sul e, em especial, a região do Vale do Ivinhema. A Literatura institui-se enquanto importante mecanismo de expressão artística e reflexo direto das potencialidades criativas humanas, sejam elas positivas ou não, manifesta ou verossímil, o que poderia ser e, por isso, desaloja o indivíduo em um tempo-espço imagético e representativo de questões importantes de formação identitária.

A análise da obra de Alice ainda é inédita, visto o desconhecimento da autora pelo público e crítica, o tempo cronológico distante da publicação do livro e principalmente o interesse acadêmico estar, normalmente, voltado à discussão dos cânones. A discussão terá como pressuposto epistemológico a análise do romance segundo elementos configuradores dos Estudos Culturais na construção das identidades de cultura que são, num primeiro plano, identificadas pelo uso de adjetivos referentes a nações, regiões ou ainda pelo sotaque, porém mais que situar o indivíduo política e geograficamente, respeita e leva em conta as exteriorizações de sujeito e a relação que estabelece com o mundo no qual está inserido. O local de pertencimento diz respeito não só ao lugar, mas também com as redes estabelecidas a partir de “comunidades imaginadas” sem limitações na realidade objetiva e cada vez mais interligadas e voltadas à constituição de um ser humano vulnerável às interferências da mundialização.

No cerne de tais preocupações, serão discutidas também sistematizações teóricas que estabelecem liames ainda com a história e questões relacionadas ao gênero, tão presentes na obra de Alice Vaz de Melo e importantes no bojo das inquietações motivadoras no que tange a formação identitária. Caminhando por estas veredas, o texto *A dama da morte* aparece enquanto tentativa de instituição de uma identidade do/para o Vale do Ivinhema que,

utilizando suportes epistemológicos pontuais, revela um passado cultural rico e denso, no qual se misturam sujeitos diaspóricos a outros autóctones que já viviam na região para criarem estratégias de protagonizar suas próprias histórias e criar um espaço de confluências e independente dos influxos exteriores.

Como objetivos gerais, serão pesquisadas as marcas de formação identitárias utilizadas como configuradoras da escrita de Alice Vaz de Melo no que tange à formação de identidades locais. Em especial, o estabelecimento da cultura do Vale do Ivinhema e a representação de elementos que constituem a história da região e o modo de vida dos habitantes locais, tendo em vista contribuir para a instituição de referências críticas sobre a produção cultural no estado de Mato Grosso do Sul.

Enquanto objetivos específicos, aspira-se verificar no texto de *A dama da morte* os elementos que contribuíram diretamente na análise da história da região, baseando-se em estruturas literárias presentes no romance; comprovar, por meio de generalidades textuais e conceitos epistemológicos ligados à teoria do romance, o caráter literário e romanesco da obra; estabelecer estratégias que comprovem o engajamento da escrita feminina no romance e a defesa pretendida pela autora de ideologias que equiparem mulheres e homens no mesmo campo de ação. Identificar, ainda, temas ligados à formação do intelectual, à diáspora, ao pensamento liminar, ao entre-lugar, ao balbucio teórico, à ginocrítica, ao linguajamento, todos ligados à instituição de um pensamento local livre das influências exteriores.

O capítulo I elucida a escolha do tema “Construções Literárias no Vale do Ivinhema”; propõe a reflexão sobre a formação das histórias coletivas baseadas em escritas que retratam o lugar de enunciação local, dá sequência transitando pelos caminhos da crise da História e do surgimento da Nova História, mais viável posto as possíveis ligações e/ou estabelecimentos de sentido com fontes diversas e capazes de representar o passado num âmbito mais amplo, entre elas, e o que interessa à presente pesquisa, o texto literário, capaz de criar representações sobre um mundo imaginário, porém, verossímil. O próximo passo é inevitavelmente a discussão sobre as representações literárias e as possibilidades criadas a partir delas já que no jogo imagético a leitura literária autentica as conjecturas do que poderia ser.

A continuação do capítulo traz a biografia de Alice Vaz de Melo, apresentando elementos sobre a vida da autora e estabelecendo uma ponte com outros momentos da dissertação, importantes para explicar melhor os conceitos epistemológicos utilizados nas abordagens. A problemática sobre a origem e a função do intelectual, inclui Alice neste contexto e discute o papel de um romancista-intelectual na formação de um novo povoado. O texto do romance vem resumido em seguida, dado o pouco ou nenhum conhecimento da obra

até então. E o capítulo termina com a apresentação do panorama histórico do Vale do Ivinhema e da formação da cidade de Ivinhema, bem como de sua constituição política à época. O capítulo termina com

O capítulo II é iniciado com apontamentos sobre tradição e modernidade e as dificuldades em pensar as ligações entre ambas, é utilizada a antropofagia e seus pragmatismos para o estabelecimento do diálogo entre o tradicional e o moderno, que no subcapítulo são apresentados enquanto continuidades um do outro. A sequência traz as culturas híbridas, seus limites e suas quebras de barreiras conceituais no que diz respeito ao tradicional e ao moderno. Do romance são utilizadas memórias de formação do município e os conseguintes desconfortos causados aos habitantes mais antigos do Vale do Ivinhema, que é a continuação do capítulo na qual é tratada, em nova secção, a incorporação do elemento estrangeiro, ou seja, a antropofagia no texto de *A dama da morte*. Em seguida, o lugar ocupado pela mulher ganha grande espaço na discussão e, assim, a escrita transita sobre a crítica feminina, a construção do feminino e a ginocrítica e configura a importância da mulher no romance, bem como tenta desalojar o pensamento patriarcal como centro gravitacional das identidades culturais múltiplas, afinal, Alice era mulher e escreveu um livro sobre e para mulheres. O capítulo caminha para o final com a discussão sobre diáspora, fronteiras, comunidades imaginadas e instituição e quebra de perspectivas quanto à criação e à manutenção de centros irradiadores de conhecimento; é na diáspora que a discussão ganha fôlego no que tange a formação de identidades culturais que não sofram influxos externos relevantes.

No capítulo III, foi dada atenção especial à obra *A dama da morte*, enfatizando as constituições identitárias e demais formações literárias possíveis e passíveis de confirmação da obra enquanto relevante contribuição para um referencial crítico sobre cultura sul-matogrossense. O capítulo é aberto com as configurações históricas presentes na obra e caminha no sentido de relacionar o imaginário presente no texto com fatos históricos verdadeiros. A escrita de Alice Vaz de Melo é, deste modo, representação do que poderia ter sido ou do que foi. A sequência traz a constituição da voz narrativa feminina no romance e a caracterização do espaço e do tempo, lança um olhar sobre o romance segundo uma perspectiva histórica e identitária. Em seguida, aparece a discussão acerca do entre-lugar, o espaço constituído graças à junção de encontros e desencontros do romance e que dá início à tomada de consciência crítica e à instauração do balbucio pela personagem central, é na formação do novo espaço que a voz subalternizada feminina encontra eco. É apresentada a força do feminino na obra, tão marcante no contexto que fica clara a importância que a autora dá às contribuições das

mulheres na formação das identidades culturais da região, por intermédio da ginocrítica observa-se o quanto o romance favorece a mulher como controladora real dos acontecimentos do Vale do Ivinhema.

Caminhando para o final, a penúltima secção traz a identidade diaspórica aparecendo com força na narrativa, pois é ela quem melhor representa a formação dos conceitos identitários, posto que discute o movimento e a mobilidade dos personagens, que vivendo num espaço de deslocamento (re)constroem suas vidas e dão continuidade a novas histórias; é dando sequência à discussão anterior que o capítulo termina defendendo o pensamento de que a formação de toda e qualquer nova identidade cultural necessariamente acontece a partir das influências sofridas durante a formação.

=====

Este ano as queimadas começaram cedo. Gosto das queimadas, como gosto de tudo que se relaciona com o sertão; menos o inverno, pois as geadas já estão-se tornando rigorosas demais para minha idade. Nesta época, as tardes são vermelhas e os crepúsculos atingem um lilás inquietante. Vermelho como o vermelho das cobras-corais, lilás como os negligés de Miriam. E é também nesta época do ano que Maona se senta na soleira de pedra e fica esperando comigo o desfilar das recordações. Não nos olhamos porque as cúmplices não se olham. E assim ficamos, duas velhas trôpegas, esperando...

Alice Vaz de Melo

(A dama da morte)

- CAPÍTULO I -

ALICE VAZ DE MELO: CONSTRUÇÕES LITERÁRIAS NO VALE DO IVINHEMA

1.1 Construções literárias no Vale do Ivinhema

A leitura de narrativas literárias ou historiográficas é apoiada em processos e estratégias de organizar e sistematizar a realidade de uma determinada época. O escritor/historiador estabelece as “relações e conexões com os dados fornecidos pelo passado” (LEMAIRE, 2000), deixando ao leitor a função de apropriar as significações possíveis e estabelecer configurações e olhares próprios, direcionadas ao universo de interesse particular, porém situados num campo de abrangência maior e de alcance coletivo. As duas possibilidades de narrativas constituem formas de estabelecimento de paradigmas sociais, políticos, econômicos e históricos de uma época, oferecendo possibilidades de olhares díspares capazes de conjecturar tais fenômenos de acordo com as perspectivas de quem lê.

A história tradicional sempre retratou a visão do mundo representado pelo outro. Os mecanismos de poder instituídos pela sociedade no decorrer da construção dos movimentos, que possibilitaram a instauração da sociedade contemporânea, eram definidos pelas diretrizes da instauração da verdade segundo o dominador. A proposta de um novo paradigma histórico é que aconteça o olhar a partir de quem está inserido nela, daquele que, segundo Chartier (2002), vive o momento. A nova história traz em si a incompletude do olhar individual e por isso estabelece a obrigatoriedade de duvidar sempre e buscar mecanismos de autenticação da realidade segundo possibilidades múltiplas de observar e inferir verdades dos acontecimentos passados. A literatura contribui para a construção de tais ideários, uma vez que traz o sujeito enquanto indivíduo capaz de reconstruir a história e/ou significar os acontecimentos segundo representações do que poderia ter sido; o literário, por ser ficção, não deve ser entendido enquanto “mentira”, já que representa um viés possível e passível de realização, é pressuposto de uma realidade verossímil.

A perspectiva individual funciona como filtro que perpassa valores e demais assimilações incorporadas ao conjunto de verdades do sujeito, que durante o processo de interiorização dos conteúdos devolve-os já impregnados com as vivências tidas e indissociáveis do caráter pessoal; assim, o mundo é visto segundo óticas ao mesmo tempo alheias e pessoais quanto ao preenchimento das lacunas de sentido. Para Pesavento (2006), o

que o sujeito acredita é refletido sobre aquilo que analisa, deixando toda matéria impregnada com seus conceitos. Para retratar qualquer possibilidade alheia, é preciso estar inserido na realidade daquele momento avaliado e ter conhecimento aprofundado do modo de vida, costumes e história do grupo observado. O indivíduo não é sozinho, não está independente daquilo que é coletivo, mas também não está aprisionado nas estruturas, mesmo admitindo a existência de uma superestrutura. Segundo Souza (2002), temos que levar em conta que há uma ligação dos indivíduos com a superestrutura discutida por Bakhtin (2002).

Desta forma, enquanto Construções Literárias no Vale do Ivinhema espera-se discutir o papel das representações histórico-identitárias no texto de *A dama da morte* (1968), do mesmo modo que analisar o que a autora configura enquanto história coletiva e voz feminina do sujeito narrador. A discussão e levantamento da leitura dos elementos ligados ao feminino mesclado às observações e olhares de um mundo ainda em formação nas cercanias do que viria a ser o Vale do Ivinhema dá a noção da complexidade do discurso agressivo adotado pela autora e contextualiza a época segundo a ótica centrada da autora, que assim como os leitores do sul – e vinda ela própria do sul – enxergam o sertão enquanto bárbaro e exótico³. Por isso, é relevante levar em conta a existência do conceito “estigma da barbárie”, construído desde a segunda metade do século XIX e representativo da configuração do pensamento identitário da região em contraponto ao olhar de quem está fora. Lyliá da Silva Guedes Galetti, na tese de doutorado “Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso” discute o mesmo contexto vivenciado por Alice Vaz de Melo quando da construção de *A dama da morte*:

É importante chamar a atenção para a interferência das narrativas dos viajantes estrangeiros na confecção desse conjunto de materiais de propaganda sobre Mato Grosso. De maneira geral, boa parte das informações contidas nos folhetos e catálogos mencionados, como por exemplo sobre as dimensões do território e as riquezas naturais, parecem ter sido cuidadosamente adjetivadas e dispostas segundo a mesma lógica que presidia aquelas narrativas: destinavam-se a causar espanto e admiração. Todavia, esses materiais de propaganda também parecem querer dizer aos seus eventuais leitores estrangeiros e brasileiros que, ao contrário do que eles poderiam supor, nem tudo o que diziam as narrativas dos viajantes correspondia à real situação de Mato Grosso, sinalizando que o estado, ainda que possuísse índios e grandes extensões de terras vazias, não estava sob o domínio absoluto da natureza. (GALETTI, 2000, p. 299)

Discutir qual a voz da narradora é imprescindível, já que Alice assistiu o e ao seu tempo; foi mulher e fez-se ouvir num tempo e lugar em que o feminino deveria ser mudo. O

³ Ainda na atualidade é comum o pensamento dos habitantes dos estados mais industrializados ao sul de que basta cruzar as divisas com as regiões tidas periféricas que um mundo novo se apresentará.

ainda sul do Mato Grosso era campo insólito e terra de sujeitos forjados no distanciamento dos centros irradiadores da economia e cultura da época e na dura rotina cotidiana de construir as divisas de uma região que lentamente vinha se estruturando e se adequando aos novos tempos, mesmo esquecida pelas autoridades. Ainda assim teve participação histórica importante e embora sendo “apenas” mulher, foi uma figura ímpar para a época, ajudando a moldar os hábitos de vida dos habitantes da região.

1.1.2 História e Literatura

Construir a representação histórico-literária passa necessariamente pela distinção entre a ótica da história tradicional - a que sempre foi vista como a ciência que interpreta os fatos históricos ou experiências humanas com ajuda dos registros e documentos deixados por um povo sem os quais não é possível comprovar a veracidade de algo que aconteceu - e a nova história, termo apresentado e sistematizado entre outros por Burke (1992), como uma expressão de cunho francês e ligada à ideia de análise por meio do econômico, social e das civilizações; tem sua caracterização no olhar estrutural da vida, das ligações que as humanidades estabelecem e por isso é tão complicada de definir; é mais fácil defini-la “em termos do que ela não é, daquilo a que se opõem seus estudiosos” (BURKE, 1992, p. 10) e ainda seria uma reação à maneira tradicional de observar e transcrever os fatos e/ou acontecimentos.

Enquanto a história tradicional está ligada ao fazer político, é enxergada enquanto narrativa (o que fica são as conquistas de longo prazo), observa de cima as realizações dos grandes homens, constrói-se a base de documentos escritos e oficiais, adota a abordagem mais voltada às tendências dos acontecimentos e é vista como objetiva; a nova história se interessa por toda atividade humana, vê os fatos enquanto análise das estruturas vigentes, analisa a parte da história vista de baixo e os fatos que ligam as duas pontas, observa os movimentos de margem, admite o olhar particular e utiliza um número maior de fontes válidas enquanto registro: evidências visuais, orais, estatísticas, etc.

Nos últimos trinta anos, nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo, a feminilidade, a fala e até o silêncio... [...] Os historiadores intelectuais também têm deslocado sua atenção dos grandes livros ou das grandes ideias - seu equivalente aos grandes homens - para a história das mentalidades coletivas ou para a história dos discursos ou linguagens (BURKE, 1992, p. 11-13).

A história entra em crise quando os paradigmas não representam mais a realidade e a visão global do mundo é substituída pelo recorte social. O homem, segundo Chartier (2002), passa a ser entendido de acordo com suas especificidades e não numa perspectiva de macro; o universo interior e imediato do ser humano, aquilo que possibilita observar a construção individual da história, perde a autoridade, uma vez que sempre retratou a visão do mundo representado pelo outro. A proposta é que aconteça a inversão de possibilidades a partir daquele que observa e está inserido nela, o indivíduo que vive e passa pelo momento, apesar de que mesmo assim ainda há uma visão incompleta, pois ainda o olhar será individual e, por conseguinte, um recorte do real particular. Tal cenário, mesmo apresentando-se como incapaz de representar uma realidade possível, contribui para o levante de discussões constantes na configuração de um novo fazer histórico.

As perspectivas apontadas possibilitam o viés segundo o qual as narrativas ficcionais podem ser analisadas pela ótica de epistemologias comprobatórias e verificáveis e que sirvam de fontes documentais. Desta forma, a observação e análise do texto apresentam-se sempre focadas na intenção de leitura, o que foi escrito traz especificidades próprias do campo de interesse no qual está ligado, porém não perde a função de fonte de pesquisa. A história é sempre um recorte, a parte que comprova o pensamento do historiador e que abona os interesses do mesmo, a literatura também apresenta a construção da verossimilhança, o que poderia ser, mas não é. A representação da realidade é objeto da literatura que, por sua vez, pode fornecer material de cunho objetivo à pesquisa histórica. Neste sentido, a representação da realidade é objeto da literatura e a história visa à construção da objetividade do acontecimento, no entanto ambas as construções partem da subjetividade de quem observa e reproduz em forma de escrita ou escritura; o que para Deca e Lemaire (2000) seria a visão do historiador focada na verossimilhança daquilo que foi, enquanto a visão literária assentasse no que poderia ter sido.

Assim, o romance *A dama da morte* constrói, no corpo da sua narrativa literária, as representações de paisagens, cenas históricas e situações caracterizadas como ficcionais e consequentemente verossímeis, porém capazes de representar a contextualização da realidade de uma época situada no espaço e tempo específicos e vinculados a fatos reais. Os acontecimentos históricos abordados pela autora apresentam configurações próximas de episódios verdadeiros ocorridos quando do povoamento e formação de Vila Amandina – hoje distrito às margens do rio que leva o nome da cidade – e do município de Ivinhema, que empresta o nome ao rio e ao Vale. O que é relatado no texto poderia ter sido, apresentando recortes históricos de memórias coletivas, de imaginários inconscientes, no entanto possíveis.

Segundo Pesavento (2006), “[...] o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo, que coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente”.

1.1.3 Representações literárias

As representações apresentam-se enquanto construções das identidades sociais críveis, instauradas mediante os conceitos de autoridade vigente e instituídos por aqueles “que têm poder de classificar e nomear” (CHARTIER, 2002) em cada sociedade as verdades que devem ser perpetuadas e/ou representadas enquanto caracterização do agrupamento coletivo, tudo submetido à aprovação da comunidade em questão, porque é também ela, junto aos mediadores da ordem a qual será estipulada, que também define o que deve ser configurado em detrimento das edificações culturais próprias. Os agrupamentos sociais utilizam os elementos que legitimam o fazer coletivo em observação ao que está sacramentado como a verdade daquela comunidade e que, a partir dela, sirvam como reconhecimento para os demais sujeitos inseridos no mesmo contexto cultural.

A representação, assim, pode fazer referência a algo ausente que, ao mesmo tempo, configura-se como presente, ou seja, o elemento tem todas as delimitações possíveis e históricas de forma, espaço e tempo, no entanto não tem existência material, é apenas alusão à possibilidade de existência.

Os personagens representados (em quadros, romances, biografias, etc.) são sujeitos ausentes, não têm existência real, são exibições do que não está ali, mas poderia estar. Se o indivíduo é referenciado por verossimilhança, temos a escolha pautada em intenções diversas, não existe por si só, exemplifica uma situação que poderia ter acontecido, crível, autêntica, porém inexistente. O leitor lança o olhar como representação do sujeito presente, da contextualização que realmente existe justamente porque as figuras apresentadas e cuidadosamente edificadas estão ali. No entanto, não são reais, mesmo representando uma situação verossímil uma vez que foram elaboradas a partir de recortes do concreto, de construções e cores possíveis e próximas da realidade, por isso quem a vê, mesmo não tendo a materialização do contato, percebe-a enquanto sujeito presente e factível.

[...] a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma “imagem” capaz de trazê-lo à memória e “pintá-lo” tal como é. A relação de representação, assim entendida como correlação de uma imagem presente e de um objeto ausente, uma valendo pelo outro, sustenta toda a teoria do signo do pensamento clássico (CHARTIER, 2002, p.74).

Um ponto importante relacionado ao tópico diz respeito à forma pela qual a representação dialoga com os discursos de poder instituídos, posto que a dominação simbólica é brutal e pior que a física, por isso é importante observar as reproduções inconscientes, atendo-se ao respeito das verdades alheias. A representação, por manter tamanha proximidade com o verossímil, muitas vezes transforma o embuste em verdade e quando tal estabelecimento ou instauração de concepções que legitimem autoritarismos é consciente, torna-se um perigo e usa a construção de maquinaria opressora:

A relação de representação é assim turvada pela fragilidade da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os sinais visíveis como indícios seguros de uma realidade que não existe. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, em um instrumento que produz uma imposição interiorizada, necessária lá onde falta o possível recurso à força bruta (CHARTIER, 2002, p.75).

Desta forma, o texto de Alice Vaz de Melo configura um local e tempo históricos específicos, é narrado pela personagem central numa rememoração daquilo que viveu num passado já longínquo e por isso está contaminado pelas impressões subjetivas da narradora que pode direcionar o escrito para a direção mais conveniente. A reconstrução do cenário só é possível no leitor, porque as apropriações coletivas do imaginário popular são acionadas e o privado sobrepõe o público. A narrativa configura as lembranças coletivas de movimentos históricos importantes - a Marcha para o Oeste do governo Vargas, que pretendia expandir a ocupação do território nacional e que uma das regiões ocupadas foi a do Vale do Ivinhema – e através da verossimilhança aproxima o real do imaginado. O espaço imagético ganha contornos autênticos e comprováveis mediante a relação, antiga, porém viva, dos receptores da escrita textual; o que foi redigido encontra identificação no conjecturado no ato da leitura e são tais elementos que autenticam o que poderia ser, mas não é.

1.2 Alice Vaz de Melo, uma biografia

É relevante contextualizar a autora Alice Vaz de Melo à paisagem e cena locais; era filha única de Sebastião Vaz de Melo e Etelvina Paro, o pai descendente de italianos se estabeleceu em Amandina, no início dos anos 60, com um armazém de secos e molhados; seu tio, José Vaz de Melo, foi grande proprietário de terras naquela região; a mãe, portuguesa de nascimento, era muito religiosa, mas nunca se apegou aos costumes morais da época.



Figura 1⁴

Desde o início, foi personagem importante na então recém-fundada cidade de Ivinhema (1964). Teve uma vida de transgressões daquilo que era convencionado à mulher do período e seguindo tais pensamentos construiu a sua vida e questionou os padrões estabelecidos e ditames impostos às mulheres, como, por exemplo, um casamento à revelia do pai, que durou cerca de três meses, e foi tido por muitos como sua “carta de alforria” da tradição familiar. Alice se mudou para São Paulo e voltou de lá mãe de uma menina, mesmo mãe solteira, num período que à mulher não era permitida tamanha liberdade, soube ganhar o respeito pela inteligência e frequentava sem reservas todos os locais que queria. Viveu romances importantes com personalidades da cena local, foi ousada para a época e, mesmo assim, sempre foi considerada a principal voz e representante maior da escrita do município.

Além das letras, Alice ficou conhecida por seu trabalho nas artes visuais, pintava em telas de brim, ora figuras femininas em jardins coloridos, lembrando as cores dos muralistas

⁴Figura 1: Fotografia de Alice Vaz de Melo, acervo particular da família.

mexicanos, ora desenhos minimalistas com traços orientais, representando árvores japonesas ou ainda paisagens locais utilizando o rio Ivinhema como fundo. Seu trabalho extrapolava os suportes tradicionais e a pintora partia para almofadas ou peneiras bordadas.

Até sua morte, em 1996, Alice Vaz de Melo era pessoa requisitada para todos os tipos de discursos; fazia-os em aniversários, comemorações cívicas e homenagens póstumas. Sua obra permaneceu desconhecida, pois suas telas eram repintadas até acabarem com o tempo, seus contos eram escritos com pseudônimos e escondidos até da família, seu livro está esgotado há muitos anos, além disso, seu romance inédito *O enterro*⁵ foi descoberto há pouco tempo.

O texto *A dama da morte* (1968), publicado pela extinta editora Monterrey, traz reflexões profundas sobre o espaço de sobrevivência que a voz feminina obriga-se a aceitar enquanto alternativa de negociação, faz das dificuldades lugar de autoconhecimento e transmutação permanente; Alice reflete Catarina – a narradora do romance - que também reflete Alice, num ir e vir que por vezes confunde realidade e ficção.

Se para (FOUCAULT, 1979) o poder é exercido nas microrelações cotidianas e, assim, quanto menos é sentido mais se impõe, a história pessoal da autora exemplifica bem tal pensamento uma vez que foi a primeira professora no distrito de Amandina, borda do rio Ivinhema, e escreveu em jornais locais de 1968 a 1971, e ainda publicou contos em revistas de circulação nacional.

Alice assistiu o/ao seu tempo, foi mulher e fez-se ouvir num tempo e lugar em que o feminino deveria ser mudo, o ainda Mato Grosso era campo insólito e terra embrutecida, mesmo assim teve participação histórica importante e, sendo uma figura ímpar para a época, ajudou a moldar os hábitos de vida dos habitantes da região.

1.2.1 A narradora intelectual no sertão do Ivinhema

A origem do intelectual está na constatação das injustiças que cercam o homem, desta forma, ele se vê obrigado a tomar um posicionamento, a lutar por aquilo que é humano, que é correto, precisa do espaço público e já que a escrita é interferência na realidade e alcança vários públicos, utiliza-se de tal ferramenta para defender seus posicionamentos e ideias.

A palavra intelectual foi usada pela primeira vez na França, no final do século XIX, durante o caso Dreyfus para descrever aqueles que se posicionavam ao lado de Dreyfus.

⁵ Romance ainda não publicado e escrito no começo dos anos 1970.

Etimologicamente: *intus* = para dentro, *lectus* = *legere* (ler); tem-se, então, ler para dentro. A visão da realidade interior do homem, o ler para dentro, digerir o conteúdo e/ou conhecimento investigado, apreciado antes de exteriorizar, de tornar público, fazer-se ouvir. Para Cury (2008, p. 13), utilizando o conceito de Aristóteles, “o intelectual é quem atua por intermédio da palavra no espaço público”, é, por isso, uma figura pública, preocupada com o bem comum e pondo as discussões relevantes acima da própria segurança (SAID, 2005), precisa manter a independência, representar a sociedade; está em condições de representar, falar por outrem, também está preocupado com a justiça e com as relações de poder que envolvem a sociedade.

Seguindo a mesma configuração, o escritor do romance está preocupado com o ético (certo e errado), também em transmitir ideias as quais não encontra no mundo real, nos textos há a luta pela construção da vida como existência melhor, deste modo o escrito é para o agora, constitui-se em ação que visa intervir no presente imediato de quem escreve, convergência entre forças estéticas e éticas, não quer só produzir o belo, pretende mudar a realidade e por isso tem que denunciar a incompletude e trazer a fragmentalidade do mundo.

Assim, ao discutir o papel do narrador/intelectual na formação de um novo povoado, pretende-se observar o olhar de mundo e de toda complexidade do macro mesclado à apropriação do universo particular e das nuances locais daqueles que viriam a formar a região de entorno do rio Ivinhema.

1.2.2 O/A romancista/intelectual

Diante da perspectiva do romance estar assentado na realidade e a personagem ser alguém semelhante ao escritor ou ao leitor, que se constitui em ser problemático e em conflito com o mundo contingente, o romance *A dama da morte*, de Alice Vaz de Mello, direciona a uma ação de construção e reconstrução do ambiente histórico no qual romancista, personagens e leitores interagem na elaboração e configuração da realidade em que estão inseridos. Assim, o entorno do rio Ivinhema, a formação do distrito de Amandina e mais tarde o município de Ivinhema aparecem em situações de equilíbrio com a realidade da época, formam um panorama dos costumes e sistematizações sociais do período.

Corroborando o pensamento acima, o narrador tem como característica o senso prático, utilitário; seja em forma de ensinamento moral ou em experiências práticas. O declínio da narrativa observa-se mais claramente neste ponto. Por isso a arte de narrar está em vias de extinção, cada vez mais se verifica a ausência de experiência nos fatos relatados, a escrita tem apresentado um esvaziamento de ações e experiências.

A aproximação dos acontecimentos, fator fundamental na narrativa, diminui à medida que aumenta a fragmentação do cotidiano na vida moderna, as vivências intensas que o indivíduo tem ao contrário de enriquecer, empobrecem o “contar algo”. O narrador conta o que observa do mundo ou relata o acúmulo de experiências históricas; com tal foco Benjamin (1994) decreta a morte dessa figura, já que graças ao conjunto de elementos apresentados, fica difícil a sobrevivência deste tipo de escrita no contexto moderno.

Mas se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada (BENJAMIN, 1994, p.200).

O romance é diferente dos textos de tradição oral porque não se preocupa com o coletivo, com o dar conselhos. A valorização passa a ser o indivíduo, a problemática que envolve cada ser e a perplexidade de quem vive, constitui-se no único gênero que ainda está evoluindo e por isso caminha junto a outros que já estão formados ou até mortos. Por ter se desenvolvido no seio da burguesia é alimentado pela modernidade e toda a problemática que a envolve (BAKHTIN, 2002).

O romancista segrega-se e parte de tal premissa para construir ou, por vezes, desconstruir o universo da vida interior de cada ser, não é possível incluir qualquer ensinamento no romance sendo o resultado dessas tentativas a “transformação da própria forma romanesca” Benjamin (1994). É a vida subjetiva e os desdobramentos e conflitos que cada ser possibilita que faz do romance a forma ideal para florescer no seio da sociedade burguesa que pode, a partir de então, retratar-se com verossimilhança. O romancista pode mergulhar no interior da personagem e retratar bem mais que o superficial e moral, é possível refletir o mundo de dentro em contraposição às constantes opressões e ditames externos de uma sociedade sempre apressada e sem tempo para discutir o cotidiano nem parar e ouvir o outro.

O romance passa a existir como verossimilhança, de acordo com Auerbach (2009) e por isso tem que denunciar a incompletude e trazer a fragmentalidade do mundo; não pode ser calma, tranquilidade. Não deve falar do que é, mas do que pode vir a ser; o mundo dado, pronto não serve. O romancista tem que propor novas configurações para construir um bom texto. Deve lançar mão da ironia que emerge na subjetividade, que tem a capacidade de se colocar como sujeito da ação; garantido tal conceito, a interioridade torna-se subjetividade.

Para Lukács (2000, p. 71) “O romance vislumbra e configura um mundo unitário na aproximação recíproca dos elementos alheios a si”.

Nesses termos, discutir os elementos de identificação que foram construídos no texto é antes de tudo sondar os aspectos vinculados no papel do romancista/intelectual que está preocupado, independente dos suportes utilizados, com as configurações sociais e históricas que equilibram as relações humanas, posicionamento que traz junto a si o conceito de intelectual.

1.2.3 O papel do intelectual no livro *A dama da morte*

Alice traz consigo a inquietação que perturba o intelectual, que para Said (2005, p. 77) “é uma figura pública, preocupado com o bem comum e pondo as discussões relevantes acima da própria segurança”, que mantém independência e isonomia e por isso fala por outrem. O intelectual se forja na constatação das injustiças que cercam o homem, é o indivíduo que se vê obrigado a tomar um posicionamento, a lutar por aquilo que é humano, que é correto.

Maona é índia. Não gosto que a chamem de bugra. Papai trouxe, pequena ainda, do norte de Mato Grosso. Fomos criadas juntas e sua idade deve ultrapassar um pouco a minha. Sua fidelidade à minha família e depois a mim mesma é algo assombroso. [...] Maona cozinha. Maona planta. Maona costura. E Maona sabe. [...] Maona é o próprio tempo (MELO, 1968, p.08).

Aquela discussão começava a me magoar. Era como se eu fosse um simples objeto inanimado a respeito do qual deversem decidir os outros (MELO, 1968, p.49).

É exposta, de forma clara, a materialização de poder que o estado exerce (a parte visível, que se mostra), mas também aparece de maneira crua o deslocamento dele para aquilo que é intrínseco no ser humano, as instituições que regem o dia a dia (escola, igreja, etc.) forjam a interiorização de preceitos morais determinantes na visão de poder que as personagens mantêm com o mundo.

Padre Luís, porém não parecia pecar por ausência de malícia. Sua voz soou marota: - Encontrei Maona e Ramon no rio. Aqueles dois estão querendo fugir sem a benção de Deus. [...] Não digo que um dia eu deixe de fazer o mesmo papel imbecil, mas será pela imposição absurda da sociedade da qual dependo e não por minha vontade (MELO, 1968, p. 30-36).

Por vezes o texto é, o que Lukács (2000, p.71) chama de “auto reconhecimento da abstração”, o romancista tem que mostrar, dentro do romance, que aquilo é abstração, ficção, elementos configurados e forjados na realidade. Nesses termos a autora se apropria de

conteúdos, ações governamentais de desenvolvimento da região sul do Mato Grosso, fatos históricos locais e/ou globais para criar a trama que alimenta o mote central da história; a verossimilhança é construída a partir da recriação da atmosfera possível e vivida pelos moradores da época, tudo a partir dos elementos de identificação do leitor com aquilo que faz ou fez parte do cotidiano individual ou coletivo.

Os serviços de levantamento seriam iniciados. Os proprietários de terras resistiriam ou não resistiriam. [...] E foram os primeiros os gritos que eu ouvi. Depois tudo principiou. Cavalos e cavaleiros. Os veículos do Governo buzinando. Os soldados atarantados tropeçando uns nos outros. Um verdadeiro pandemônio [...] Os domingos que antecederiam suas andanças pelas terras a serem levantadas e desapropriadas o Dr. Siqueira os passava lá em casa (MELO, 1968, p. 101-129).

A vida rotineira, interiorizada e as nuances e conflitos que impulsionam a essência humana e possibilita o florescimento de elementos díspares, que retratam com verossimilhança o modo de vida social, são abordados pelo romancista de uma forma em que se pode mergulhar no íntimo da personagem e sentir as mesmas angústias e medos, ir além do superficial e moral. Conforme Adorno (2003), as discussões suscitadas no romance passam pela caracterização da matéria em discussão, transpõem a definição imediatista das coisas.

É possível refletir, através do mundo da personagem Catarina, os ditames e constantes opressões da sociedade da época, tão distante e ao mesmo tempo próxima do que acontece na contemporaneidade. Se a solidão, num incrível paradoxo, é a grande verdade moderna atrelada ao receio de perda da liberdade, em meados do século passado o afastamento nas terras do sul do Mato Grosso acontecia por medo de viver só e preservação da família.

A Alice romancista/intelectual, no papel de observadora da realidade subjetiva do seu tempo, expõe aquilo o qual é a função do romance realizar: sistematizar o mundo real a partir das vivências individuais, bem como elencar os conectores que facilitam a edificação de uma sociedade ideal.

Chegamos à igreja de mãos dadas. Fomos recebidos com um silêncio incômodo. Todos consideravam Sérgio um estranho e o fato de tê-lo escolhido, ou de ter sido por ele escolhida, era considerado uma afronta. Afronta a quem? Ao interesse daquelas que também tinham filhas casadouras (MELO, 1968, p.46).

O romancista é, antes de tudo, um observador do seu tempo e por isso tem que sugerir o real e já que a narrativa também é utilitária e funciona como memória coletiva, a autora elabora o cenário histórico/identitário de forma que o leitor tenha, através da ligação dos elementos narrados e a vivência passada dos locais que compõem o espaço cênico, um elo

de construção e elaboração com a realidade presente. Aquilo que é lido é facilmente configurado às lembranças vividas no coletivo, a paisagem deixa de pertencer ao imaginário e inicia o movimento verossímil.

Se a estória de Vila Morena e Terra Nova ligam-se tão perfeitamente ao processo de colonização histórico que deu origem a Vila Amandina e Ivinhema, respectivamente, e se diversos dos eventos retratados na obra têm ligação próxima com a realidade é porque a romancista vê a necessidade de apropriação da realidade como preservação da memória dos povoados da região. Passa adiante experiências e vivências de outros tempos.

Cada vez mais fortes, soavam os boatos de que tirariam o ginásio, a delegacia de polícia e até o cartório de Vila Morena, transferindo-os para Terra Nova que, segundo as notícias, parecia florescer rapidamente. Num domingo, sacudi a indolência de cima de mim e resolvi ir de charrete, com Maona, até à “cidade dos colonos.” [...] Teriam que ir de carro até Porto Vilma, onde poderiam atravessar o Ivinhema na balsa ou, se tivessem sorte, encontrar uma embarcação que os levaria até as terras paulistas nas barrancas do Paraná (MELO, 1968, p. 145-177).

Deste modo não se pode desconsiderar o contexto histórico-geográfico em que foi construída a narrativa, por isso existe na história a apropriação, por parte de quem escreve, de elementos que desconstruem o imaginário genérico de quem lê, extrapolando o universo de conceitos individuais dos então moradores-leitores da região para elaborar a construção de novos preceitos que reforçassem a identidade local. A região vinha sendo colonizada por pessoas de diversos estados, assim criar uma referência identitária, uma origem comum de costumes era importante como referência e marca além de vincar a identidade característica dos moradores do Vale do Ivinhema formando um ideário coletivo.

O texto de *A dama da morte* (1968) traz uma infinidade de elementos que reforçam a edificação do formar a identidade local tão apregoada no corpo do trabalho. Os valores literários contidos ou não na obra não aumentam ou desmerecem as marcas e a voz do intelectual que atua como romancista e configura o mundo a sua volta, desenha a paisagem e pinta com as cores de quem está imediatamente ligado à realidade do lugar. O rio Ivinhema constitui-se na paisagem permanente da história, mas se hoje já não tem mais a importância comercial e logística de outrora, permanece no imaginário como marca de identificação e orgulho dos moradores da região.

Desta forma, a autora não foge da missão de caracterizar sua terra com a responsabilidade e autoridade que o intelectual tem; Alice Vaz de Melo foi figura pública, preocupada com o bem comum e suscitou, sempre que preciso, discussões relevantes,

manteve a independência e por isso representou a sociedade em que estava inserida. Foi antes de tudo uma personagem pública e assim em condições de representar, falar por outrem.

1.3A *dama da morte*, o livro

O livro *A dama da morte* é um romance memorialista, posto que discute a construção de parte da identidade do Vale do Ivinhema e traz memórias de uma realidade que poderia ter sido; o construto textual direciona o enredo para o verossímil, deixando o leitor próximo de elementos constitutivos do seu passado histórico. Foi lançado no final do ano de 1968, pela extinta Editora Monterrey, do Rio de Janeiro, e com ilustração da capa feita por um dos desenhistas mais célebres da época, Benício (*1936). Alice já publicara outros contos pela editora que, gostando do estilo da jovem escritora, encomendara uma peça de fôlego. O editor gosta tanto do trabalho que encomenda mais materiais e na apresentação do texto refere-se a ela “como uma Raquel de Queirós do Centro-Oeste, sonhando com uma literatura maior” (MELO, 1968, p.5).

O texto traz as buscas e inquietações de uma jovem intelectual radicada num espaço geográfico separado da civilização pela floresta e tendo como principal canal de comunicação com o restante do país o rio Ivinhema. Os motivos levantados nas discussões fazem parte das inquietações motivadoras que permeiam o universo da narradora que, dentro do próprio recolhimento criativo, observa as relações interpessoais e os sentidos construídos a partir delas, a exposição e materialização daquilo que (FOUCAULT, 1979) é chamado de formas de poder em diversas possibilidades de fazeres cotidianos, as superestruturas, forjando a interiorização de preceitos morais determinantes na visão conflitiva de mundo.

A narrativa é feita pela personagem central. Logo, está contaminada por impressões subjetivas que podem suggestionar o escrito para a direção mais conveniente e de agrado por parte de quem conta. O mote central - o conflito existente entre as irmãs Catarina, narradora e responsável pela criação da mais jovem depois da morte dos pais, e Miriam, intempestiva e gananciosa – busca convencer o leitor de que é a mais nova a responsável pelo afloramento do caráter negativo de Catarina; porém, o decorrer da leitura mostra perspectivas distintas e afloram possibilidades diferentes nas quais as frustrações da mais velha podem ter fomentado o caráter negativo da caçula; constrói-se, então, um ir e vir na direção das duas personagens. O texto fica em aberto até o fim e dá a quem lê chances de especular uma ou outra verdade, desde o início nada é o que parece, pois há a disputa entre as duas.

Ambas têm a mesma índole e justificam as escolhas com posturas distintas, enquanto Miriam é claramente interesseira, Catarina esconde-se atrás da imagem de boa moça. Miriam, quando põe fim à vida de Sérgio, utilizando para isso o jovem paraguaio Rodrigo, desencadeia o que há de pior (e que estava adormecido) na irmã; Catarina não fica ressentida pela morte do noivo, mas sim pelo que tal união representaria na vida de mulher que desejava levar ao lado do comerciante, tinha a ilusão de casar-se virgem, mesmo que para isso tivesse que cometer barbaridades.

Tendo por princípio a expiação, todo o texto traz a ideia de um diário. Os fatos são descritos como acontecimentos observados por um indivíduo presente e participativo e que em vários momentos discorre sobre a impossibilidade de ser feliz; tem-se a ideia de que a felicidade não é opção para os personagens e tal visão se expande a todos os elementos mais representativos no texto; assim como o gênero diário, são diversos os momentos de confissão da incapacidade de viver acontecimentos bons. A ideia que temos é que algumas personagens escolhem sofrer, não se permitem nova chance e querem confessar e/ou dividir as frustrações, a fim de expiar com outrem o que não conseguem resolver sozinhas, tentam buscar apoio e identificação por parte de quem lê, a própria narradora e a índia Maona confessam as amarguras impostas pelo destino que escolheram viver, buscando compreensão no olhar daqueles os quais também se condicionam às mesmas intempéries do destino. O sofrimento alivia a consciência: “A amargura daqueles que conheceram a felicidade para depois, sendo obrigados, mesmo inconscientemente, a renunciar a qualquer novo ideal” (MELO,1968, p.116).

O contexto histórico, abordado na obra, está relacionado à Marcha para o Oeste do governo Vargas, movimento de expansão e ocupação demográfica com a finalidade de preservar as fronteiras geográficas do país. A região utilizada como cenário para o livro, o Vale do Ivinhema, fez parte do processo de colonização que foi intensificado na década de 60 do século XX. Tal qual na obra, habitantes de partes distintas do país estabeleceram residência na então promissora Ivinhema, no romance tratada como Terra Nova; com a chegada dos colonos à nova cidade, Vila Amandina ou a Vila Morena de *A dama da morte*, passa a exercer papel secundário no que tange aos interesses administrativos do estado, a localidade de antanho não mais atendia às vontades políticas da época e era preciso instituir um centro local com novas vicissitudes, capaz de desfazer os vícios que acompanhavam os antigos moradores das cercanias do rio Ivinhema, acostumados ao latifúndio e ao abandono institucional.

Talvez, por isso, a narrativa discorre de forma com que aparentemente há inocência por parte de quem relata os acontecimentos, os fatos simplesmente envolvem a personagem central como que por capricho do destino e o leitor é induzido a crer na impossibilidade para ser feliz que acomete Catarina. Parece mesmo uma teia caprichosa e injusta, obra do acaso; porém, como já observado a ideia do diário e, por conseguinte, a vontade de confissão, pequenas dicas são deixadas pela autora e contornos imprevisíveis dão perspectivas distintas de interpretação. Há trechos nos quais fica clara a participação da professora e ao mesmo tempo evidente a certeza de impunidade. Catarina brinca com a sorte e com o pensamento de supremacia intelectual em relação aos demais moradores do local, como o trecho no qual, depois de matar o filho do agrimensor, Siqueira, e ferir gravemente a filha do fazendeiro mais célebre da região, Cantídio, vai ao enterro do rapaz e consola o latifundiário, mesmo este prometendo descobrir o responsável, ainda assim aproxima-se do homem para consolá-lo, há a necessidade de desafiar o perigo: “Abanei a cabeça, estremecendo àquele contato” (MELO,1968, p. 105).

O imponderável e o distanciamento institucional pelos quais passa a região parecem justificar os métodos de sobrevivência adotados pela narradora. Questões centrais no que tange a formação da identidade da cercania passavam, obrigatoriamente, pelas distâncias dos centros de poder e pelo pensamento sulista e/ou litorânea de estigmatizar o modo de vida dos moradores locais:

[...] o mal estar cultural e as dificuldades de lidar com uma identidade estigmatizada pela idéia de barbárie não atingiam do mesmo modo a todos os matogrossenses. Os intelectuais cuiabanos, identificados com as oligarquias nortistas que dominavam a política estadual, certamente demonstraram uma maior sensibilidade àquelas representações. Ao que tudo indica na região sul do estado a situação era diferente. Há indícios muito fortes de que as elites sulistas exploraram a seu favor alguns dos componentes-chaves da identidade estigmatizada (GALETTI, 2000, 303).

Os antigos moradores e hábitos configuram um passado rançoso e necessitado de transformações, a construção da nova cidade institui-se enquanto redenção, isola os antigos moradores como figuras deslocadas e sem lugar nas configurações políticas, culturais e econômicas que começam a reger o novo cenário local.

A autora escreve o romance enquanto expiação ou expurgo, por isso o texto é repleto de referências a cobras, serpentes, víboras... A própria Catarina tem para si tais expressões enquanto retratos do que se tornou depois da morte do noivo, Sérgio. Novamente, observa-se a elaboração do relato segundo configurações de diário e agora direcionando a linguagem para o público feminino, cada vez mais o universo confessional é recheado com elementos

caracterizadores de gênero; ganha, assim, nuances específicas e leitor com endereço: a mulher. Vale lembrar, aliás, que a exemplo da intuição feminina e de tantas outras possibilidades ligadas ao intuir, todas as mortes são prenúncios de mudanças em Vila Morena: a de Sérgio é a vinda dos agrimensores e a mudança na direção e vidas dos habitantes locais, a de Siqueira é o fim das desapropriações, a de padre Luís é a chegada da estrada, etc.

Referente à postura voltada ao amor, em Catarina, fica clara a vontade de viver os “desígnios” femininos da época só encontrados no casamento; assim, o aparecimento de Jean-Luc revela a necessidade que a narradora tem de envolver-se com algum homem. No princípio da narrativa configura-se a figura de Sérgio enquanto companheiro e igual, porém o passar do texto traz a vaidade emblemática da personagem que leva o leitor ao raciocínio de que qualquer homem que fizesse com que vivesse aquilo o qual imaginava ser direito e destino de toda mulher: a plenitude do casamento. Catarina apresenta características aparentes de uma mulher independente e forte, mas deseja ser protegida por um homem e parece até mesmo querer ser submissa a um, isso fica claro quando o engenheiro Jean-Luc abraça Flora, o gesto parece desmontá-la, faz querer o mesmo destino para si. As vidas das duas mulheres, Catarina e Maona, são repletas de segredos revelados no decorrer da história do texto, cometem os crimes para defender a necessidade e o direito que acreditam ter em relação à felicidade, aqueles que atravessam o caminho de ambas ou que de alguma forma possam vir a representar algum perigo são eliminados. Catarina mostra ser uma mulher amarga e ressentida com os acontecimentos pelos quais é acometida.

O romance traz, claramente, o tom policial tão apreciado pela autora que deixa transparecer em todo corpo do texto tal característica. Na história, é dado ao delegado o papel de responsável em representar o apreço de Alice por Agatha Christ, Conan Doyle, entre outros; é ele quem investiga, à exaustão, a morte da irmã e do cunhado, num trecho emblemático a própria Catarina diz ser leitora de romances policiais e, numa clara construção típica do gênero, brinca com o leitor apresentando mais uma vez a sensação de segurança e impunidade presente na personalidade da narradora.

- Por favor, delegado, é doloroso para mim falar sobre isso. Jean-Luc não era brasileiro, mas sabia que a picada de uma cobra-coral não perdoa... – Quem lhe disse que a cobra era coral? Servi-lhe mais café. – Guilherme me contou, foi ele quem arrombou a porta... – Por que só arrombou a porta dois dias depois? – Francamente, delegado, quem pensaria em aborrecer recém-casados? Nada o convence de que eles não foram assassinados, hem? Ele abriu as mãos, fitando-as pensativo. – Não, nada me convence, dona Catarina... – E o senhor suspeita muito de mim, não? – Por quê? – Também leio romances policiais. Levantou-se, armando um sorriso. – Uma coisa é desconfiar, outra é provar, dona Catarina. Não vou aborrecê-la mais (MELO, 1968, p.248).

A parte final de esclarecimento e fechamento do livro traz consigo todos os elementos do gênero e mostra a criação, por parte de Alice Vaz de Melo, de uma inacreditável psicopata feminina, em plena década de 1960, já que as mulheres acometidas por tal patologia buscam como vítimas, diferente dos homens que sofrem do mesmo mal, pessoas próximas, por vezes entes queridos. Renomados escritores de expressão nacional ainda não se aventuravam por essa seara, o próprio Rubem Fonseca lança um psicopata masculino somente na década de 1970, no célebre conto “Passeio Noturno”. Catarina é uma mulher consciente do mundo do qual faz parte, sabe do papel que cabe a mulher do período no qual configura a história e isso deixa mais brilhante ainda a construção representativa da autora no que tange o feminino na obra.

O livro é dividido em vinte e cinco capítulos. No capítulo primeiro, o texto começa com o resgate, por parte da narradora, da ambientação espacial da história, passa pela caracterização da personagem Maona, uma índia trazida pelo pai “do norte do Mato Grosso” (MELO, 1968, p. 8), cuja história vai amarrar-se à própria narradora, descreve a “casa de pedra” (MELO, 1968, p.8), local construído quando do então casamento com Jean-Luc, onde muito do texto se explica. O capítulo termina com a apropriação da paisagem do rio Ivinhema o qual Catarina chama de “meu rio”. Seguindo a linha temporal, a narradora-personagem encontra-se na velhice ao lado de Maona, está rememorando os acontecimentos que as levaram até aquele momento; a paisagem é acre, assim como são as lembranças que começam a configurar a história. Há uma recorrência a cor vermelha, são tardes, cobras-corais, sol, rosas e ainda outros vocábulos que trazem a mesma ideia de pigmentação, vermelha é a paisagem presente de Catarina, assim como vermelho é seu passado. A personagem traz a antecipação do que virá a ser a vida dela

Lá fora o vento de agosto sopra. Vento quente e acre, vindo das queimadas. Agita os ramos dos chorões e das matas, além. Os barcos, lá embaixo, forçam as amarras e o barulho das correntes se confunde com o roçar das quinas de saibro. O sol, encoberto pela fumaça, é vermelho, vermelho... (MELO, 1968, p.9).

No capítulo segundo, a narradora configura a relação maternal que estabelece com a irmã, Miriam, depois da morte dos pais, deixa transparecer a falta de controle que tinha sobre a menina graças à condescendência em querer compensar a falta de tempo dispensado ao convívio com a jovem, tudo é permitido a Miriam.

- Cati, você compra, você compra? Quantas vezes ouvi esse apelo? Quantas vezes aquela vizinha ansiosa me interrompia a correção dos cadernos, pedindo,

implorando? Eu cedia. Talvez a culpa tenha sido minha. Eu lhe satisfazia todos os desejos com a desculpa de que não lhe podia dispensar muito tempo (MELO, 1968, p.11).

Aparece o personagem Sérgio, único professor do vilarejo, comerciante e, por isso, diferente dos outros homens da região; surge o interesse por parte da narradora-personagem que não se encaixa na paisagem local, vê uma possibilidade de relacionamento já que “os homens que viviam me assediando pareciam-me imbecis demais ou sem personalidade” (MELO, 1968, p.12). Catarina é apresentada como uma mulher solitária, endurecida pela vida, conservadora e que tem consciência do lugar e tempo no qual está inserida, é mulher num meio embrutecido e por isso tem que conservar a imagem de fragilidade. A opinião de Maona é explicitada e seus sentimentos pela narradora são ressaltados, com um tom de devoção absoluto.

É no capítulo terceiro que Catarina e Sérgio realizam um passeio durante a tarde pelo Ivinhema, mas propositadamente não chamam Miriam uma vez que querem ficar sozinhos, a narradora percebe que está apaixonada pelo forasteiro. Na volta, Miriam os espera no pequeno porto da casa com insultos por não ser convidada. Entra na narrativa o personagem Ramon, que traz presentes para as três mulheres, os regalos ocasionam briga e, por conseguinte, um tapa de Catarina em Miriam. Surge, neste capítulo o ódio de Maona por Miriam quando ela é obrigada a ceder o presente que ganhara “Índio não sente mágoa. Índio só sente o ódio. E acredito que foi naquele momento que Maona começou a odiar” (MELO, 1968, p.20). Ramon é a configuração de um elemento tão comum na região aquele tempo: um assassino da região fronteiriça.

Cumprimento-nos. Sobre a mesa, a guaiaca e o trinta-e-oito, que ele só tirava da cintura em casa de muita confiança. Ramon era um assassino. Um assassino circunstancial, como tantos outros naquela época ao sul de Mato Grosso (MELO, 1968, p. 19).

A personagem Catarina sente toda a responsabilidade pela educação da irmã e acaba esquecendo que ainda é uma jovem, fica claro que se anulou, pelas roupas que usa ou pelo pouco caso que demonstra com a possibilidade de ser desejada. O comércio de produtos orientais entre Brasil e Paraguai aparece no texto “Era uma bonequinha japonesa, delicada e mimosa como soem ser os artigos orientais vendidos nas lojas de Pedro Juan Caballero” (MELO, 1968, p.20).

No capítulo quarto Sérgio declara-se para Catarina que pede para esperarem um pouco mais até terem certeza dos seus sentimentos; um novo personagem aparece na trama, padre

Luís; Miriam percebe o desenvolvimento do romance da irmã, fica irritada e troca farpas com Sérgio; Maona e Ramon decidem casar-se e vão embora no meio da noite. O capítulo traz a preocupação de Catarina com a vida que Maona e Ramon podem vir a levar; aparece uma observação da narradora sobre os cuidados, mimos e caprichos dispendidos pelo padre no trato com Miriam e que é mais um elemento depreciativo na formação do caráter negativo da irmã que a professora pretende criar no decorrer da narrativa “Padre Luís tinha uma queda por ela e, quando Miriam era criança, vivia ocultando-lhe as artes, que nem sempre eram perdoáveis” (MELO, 1968, p. 28). Mais uma localidade aparece no texto, Iguatemi é a cidade onde Maona pretende casar-se.

No capítulo quinto Miriam acorda, pergunta por Maona e, sabendo de seu paradeiro, corre os olhos até o curral reclamando de a irmã ter deixado levarem os cavalos, Catarina observa a frieza de Miriam. Sérgio e Cati (expressão carinhosa pela qual Sérgio passa a chamar a amada) conversam sobre a decisão tomada por Maona e Ramon e surge a reflexão sobre as imposições religiosas da época, desnecessárias para o casal principalmente por serem silvícolas e não comungarem das mesmas verdades cristãs do restante da comunidade local; seria despropositado uma índia que seguia os desígnios de seu povo vestir-se de noiva e entrar na igreja, na sequência acontece o primeiro beijo entre o casal. Miriam conta para Padre Luís sobre a fuga e vai ter com a irmã que primeiro enfrenta o sacerdote seguindo os argumentos que levantara anteriormente com o professor, para depois, percebendo a irritação do cura, voltar atrás e convencê-lo de que acontecerá o casamento. Há menção sobre o comportamento social da época quando, preocupada com a opinião dos moradores de Vila Morena, ouve do professor que todos na cercania falam que eles são amantes, já que as visitas e os passeios entre ambos têm sido frequentes.

Já, no capítulo sexto, ocorre um avanço no tempo, dois meses se passam e, numa reunião mensal na qual o padre direcionava todo o funcionamento organizacional da vila, Sérgio e Catarina aparecem de mãos dadas, despertando o incômodo dos demais participantes, que segundo a narradora também tinham filhas casadouras. Após a reunião, o vigário conversa sobre o relacionamento dos dois, Sergio é irônico, Catarina fica brava com o fato de os dois conversarem sem dar importância para a opinião dela, Miriam escuta atrás da porta e o casal, já na casa da narradora, há um momento de paixão mais intenso que é interrompido por Sérgio para que não “cometam excessos”. O comportamento social da vila é ressaltado utilizando como exemplo um encontro mensal organizado pelo padre da vila “Na noite daquele mesmo dia haveria reunião na igreja. Era a maneira que o padre Luís tinha arranjado

de reunir as principais figuras da comunidade, para se resolver mensalmente os problemas da vila.” (MELO, 1968, p.45).

O papel de passividade com que a mulher é vista aparece no capítulo; em meio à discussão entre Sérgio e padre Luís, Catarina posiciona-se de forma agressiva, também é observado a mudança de postura da narradora frente às transformações que estão prestes a acontecer em sua vida.

É no capítulo sétimo que acontece a morte de Sérgio, como últimas palavras o moço adverte Catarina sobre quão traiçoeira poderia ser Miriam “Cuidado... com a serpente... bobinha...” (MELO, 1968, p.58). A narradora, num primeiro momento, permanece inabalada, para em seguida fugir em busca do consolo de Maona. Acontece o encontro entre ela e o assassino sem que haja perdão; são introduzidos novos personagens, Cantídio, dono da fazenda Cristo Rei, e os filhos Camilo, Otávio e Anita, também é caracterizada a fazenda San Luiz. Mais um referente geográfico local aparece, o córrego Cristalino.

A narradora não diz quem foi o assassino de Sérgio para Cantídio, não querendo mais mortes, julga desnecessário. Maona aparece no final do capítulo numa descrição fortemente idílica e idealizada:

Maona costurava, os cabelos molhados secando à doce aragem do crepúsculo. Ela forçava a vista na quase noite e, a seus pés, dois pequenos carneiros “guachos” disputavam a gamela de leite. Perfumes de alecrim, de hortelã, de coentro e rosas misturavam numa babel de odores (MELO, 1968, p.66).

As fazendas Cristo Rei e San Luiz aparecerão em outros momentos do romance, configurando situações históricas e também narrativas importantes na construção do texto, bem como a personagem Anita que já é apresentada como “[...] a mulher que com o passar dos anos se tornaria uma lenda” (MELO, 1968, p.63).

O capítulo oitavo traz o avanço de alguns dias e a narradora ainda não querendo voltar para casa, com medo de encarar as paisagens onde fora tão feliz; padre Luís vem ao encontro de Catarina para pedir que o autorize levar Miriam para a A.C.F. (Associação Cristã Feminina), em São Paulo; o sacerdote diz acontecimentos recentes fizeram-no conhecer o caráter da garota e que era preciso moldar sua personalidade.

Digamos que conheci Miriam agora. Ou que você tem o direito de refazer sua vida sozinha. Ou que, simplesmente, ela precise com urgência de alguém que molde sua personalidade./ - Padre, o que aconteceu...?/ Ele me voltou sua face torturada./ - Filha, não me obrigue a dizer que ela é um monstro! (MELO, 1968, p.70).

Catarina volta para despedir-se de Miriam, no capítulo nono; padre Luís diz estar temeroso com as transformações que tem ouvido falar que acontecerão; as mudanças no governo transformarão a paisagem do centro-oeste, novas colônias surgirão e, por conseguinte, novas vilas, gente de todo o Brasil povoando aquelas terras que por ora estão distribuídas em poucas mãos, conflitos surgirão das divisões. São discutidas questões históricas relacionadas à Marcha para o Centro-Oeste e consequente colonização da região. A narradora posiciona-se quanto ao pensamento de ocupação das terras, põe-se ao lado da colonização.

Por outro lado, sentia uma ponta de irritação ao pensar nas matas que cobriam quilômetros e quilômetros sem trazer vantagem nenhuma. Eu nunca participaria do ideal de certos mato-grossenses: umas cabeças de gado, uma raiz de mandioca, a cuia de chimarrão... e pronto. Aliás, nem o chimarrão era ideia nossa (MELO, 1968, p.73).

Os agrimensores chegam, no capítulo décimo, e o clima que já inspirava desconfiança transforma-se em ambiente hostil; o plano do governo em colonizar as terras não produtivas com paulistas, paranaenses, mineiros e nordestinos é revelado. Catarina conhece Siqueira e Marcelo e fica amiga de ambos; são apresentados outros personagens: a viúva Genoveva e os filhos, grandes proprietários locais. Catarina tem uma postura diferente de antes, está mais decidida e concorda com a divisão das terras, porém acha melhor o exército fazer parte da operação. Há, por parte da narradora, boa vontade em relação aos estrangeiros “Não podia negar que os ‘gringos’ sempre despertavam meu instinto de proteção e hospitalidade” (MELO, 1968, p.83) numa postura clara de consonância com o pensamento antropofágico modernista. É mostrada a nova postura de Catarina, que é distinta dos outros habitantes de Vila Morena.

Percebendo a necessidade de ajuda, Siqueira vai, no capítulo décimo-primeiro, à busca de reforços, enquanto isso a vida na vila segue, Marcelo fica hospedado na casa de Catarina, Anita aparece para colher informações sobre os agrimensores, no entanto o que acontece é a aproximação com o rapaz, começa um romance muito forte, a narradora chama-os para conversar e diz não estar de acordo com o comportamento de ambos. Siqueira volta, fica a par dos acontecimentos, teme pela vida do garoto e pretende levá-lo embora, ainda em represália pelas atitudes agressivas do rapaz, o pai bate nele, Anita pretende fugir com o jovem para a fazenda do pai. Mais uma localidade é apresentada, a fazenda da viúva Genoveva, Santa Luzia, nome atual de uma gleba do município de Ivinhema. A mulher do médico Franz, Elfrida, é introduzida na história.

O capítulo apresenta o comportamento de inveja e de maldade no qual a personagem está começando a construir a sua história. Em várias passagens, a própria narradora diz ter sentimentos não tão louváveis, tem-se a impressão de que a felicidade do jovem casal incomoda. Num momento diz para Marcelo que ele mesmo deve contar para o pai, pois ela nada falará, mas quando Siqueira chega vai logo contando, nem espera o garoto dizer, tais comportamentos já adiantam as mudanças que vem acontecendo com Catarina, se dela foi tirada a chance de viver um grande amor, incomoda que outros o tenham.

É o capítulo décimo-segundo que trata da morte de Marcelo e do encontro entre Cantídio e Catarina no cemitério; Siqueira embriaga-se e não vai ao enterro do filho. Padre Luís percebe a aparente tranquilidade de Catarina, mas logo em seguida observa que pode sobrevir uma crise nervosa. No capítulo décimo-terceiro os trabalhos de demarcação das terras começaram, o filho mais novo da viúva Genoveva é morto e os trabalhos nesta fazenda seguem sem maiores problemas; a fazenda Campanário foi a segunda, o dono não ofereceu resistência por tratar-se de pessoa esclarecida; na fazenda dos irmãos Romeiro acontece a morte de todos os adultos; chegam na fazenda San Luiz e Ramon é morto, Maona volta para casa de Catarina e é mais uma viúva no livro. Aparece o nome do proprietário do local, Mariano Reis.

Pela primeira vez aparece o nome de Terra Nova, configuração literária da atual cidade de Ivinhema; os colonos não são bem recebidos pelos habitantes de Vila Morena o que ocasiona a organização deles em outros espaços e, por conseguinte, a formação de novas vilas. O poder do estado na demarcação de terras é mostrado, os soldados estão mais bem equipados, aos proprietários só há a opção de ceder ou morrer tentando; fica claro que o contexto histórico no qual o livro é ambientado faz referência à Marcha para o Oeste, idealizada no governo Vargas.

O capítulo décimo-quarto traz a Companhia Mate Laranjeira deixando a região por ser acusada de ajudar o Eixo (Alemanha, Itália e Japão) na Segunda Guerra Mundial, cedendo corante para a pigmentação de uniformes de tais exércitos; é descoberto o envolvimento do médico alemão Franz e da esposa, Elfrida, num esquema de transmissão de dados para a Alemanha o que acarreta o suicídio do casal. Maona, pelas atitudes apresentadas, mantém-se distante de Siqueira, deixa transparecer que atribui a ele a morte de esposo Ramon.

Acontece, no capítulo décimo-quinto, o encontro entre Siqueira e Anita, ela diz que a família não vai reagir à desapropriação, num primeiro momento ele é frio, mas quando a jovem começa a chorar, consola e presenteia-a com uma fotografia de Marcelo. Siqueira compra uma charrete para passear com Catarina, vão à fazenda Rancho Alegre e o agrimensor

censura a professora por ter esquecido de tudo, inclusive de visitar a fazenda que é de um primo do falecido pai. O engenheiro entra na água com as crianças, Catarina, cansada de ficar sozinha com seus pensamentos, vai ter com outras mulheres do local que se escandalizam com a presença de Siqueira somente de short, Catarina fica ofendida com a provocação do engenheiro que diz provocá-la para tentar despertar a mulher fechada em copas; revela, então, o apelido que ele mesmo deu à jovem: “A dama da morte”. Na vila corre a história da maldição pela qual Catarina é acometida, todos com os quais convive, morrem.

Acontece a morte de Siqueira, tudo leva a crer que foi picado por uma cobra. Todos os homens que o acompanhavam vão embora, a fazenda Cristo Rei não é tocada; corre o boato que a morte pode não ter sido acidental. No começo do capítulo Maona, que odeia Siqueira por culpá-lo pela morte de Ramon, aparece com uma cobra coral enrolada no braço, o engenheiro fica com medo. Durante todo o capítulo, Catarina fica incomodada com o engenheiro que a provoca muito, em um momento Catarina diz para Maona ter mais cuidado e que ela não é a única que sabe odiar, diz também que não quer ter que defendê-la.

Catarina e Maona, no capítulo décimo-sexto, vão conhecer Terra Nova, mas não são bem recebidas, a narradora fica frustrada por ter sempre defendido a desapropriação de terras, apreciar a vinda de colonos e agora ter a presença rechaçada por eles. Através da descrição feita pela narradora do novo povoado, percebe-se o deslumbramento dela, também acontece o mesmo quando passa pelos lotes e novas plantações, aquilo tudo é o que sempre imaginou para o estado. Por outro lado, a personagem Maona mostra-se cética diante do que vê; há, nesse momento, o pensamento contrastante das duas mulheres que representam o antagonismo existente no estado, de um lado a modernização desejada pelo elemento estrangeiro, no caso a narradora que vê na chegada dos colonos a oportunidade de transformar a paisagem do sul do estado, e de outro o cultivo da tradição das invernadas pelos autóctones e representado pelo pensamento de Maona que não vê como avanço a colonização crescente na região, é um momento de transformação e modernização por que passa o país e o desafio é conciliar o novo e o antigo.

Chegamos na hora do almoço, depois de atravessar, por horas e horas, lotes e mais lotes cobertos de plantações. Havia cafezais cujas plantas ainda não haviam saído das covas. Uma família de gaúchos tentava o cultivo do trigo. Foi a cultura que mais me comoveu./ - Isso é belo, Maona!/ Ela encolhia os ombros com desdém./ - Prefiro as invernadas... (MELO, 1968, p. 145).

No capítulo, o rio Ivinhema continua presente na vida da narradora, é através dele que as mudas de rosas chegam a Catarina. Vila Morena está em decadência. Ginásio, delegacia

ecartório vão para Terra Nova. Padre Luís morre, há notícias da abertura da MT 41, o roseiral de Catarina ganha notoriedade, Padre Marcos substitui o antigo vigário e vira amigo das duas mulheres. Correm superstições sobre Catarina e Maona, dizem que praticam rituais de magia negra; Anita vira lenda; Miriam chega com um grupo de amigos de São Paulo para passar o final de ano.

No capítulo décimo-sétimo, Miriam e os amigos vêm passar um mês de férias, o período é o final de ano, o grupo é bem animado, Tonio estudante de medicina, a irmã Maria vestibulanda, Fernando outro estudante de medicina e Moisés estudante de engenharia. Moisés ganha a confiança de Maona, Catarina pergunta para Moisés sobre o perfil psicológico de Miriam, o rapaz define-a como alguém fria e calculista e que é capaz de qualquer coisa para conseguir se dar bem. Padre Marcos conhece os jovens e durante um jantar, enquanto acontece uma discussão sobre religião e Miriam diz não acreditar em Deus, Catarina censura a irmã e surge um mal estar entre elas. Após a partida de Padre Marcos, os jovens dão um passeio de barco e Fernando fica às margens com Catarina, tem uma conversa rápida sobre Miriam, diz que ela na verdade inveja a autenticidade de Catarina e Maona e dá um beijo em Catarina que, assustada com a atitude inesperada do jovem, foge.

Chega o Natal, capítulo décimo-oitavo, durante a ceia os jovens falam sobre a descoberta de cápsulas de cianureto encontradas na casa do médico alemão Franz e junto com licor de pequi; Maona observa Miriam e percebe que ela oferecera uma taça de vinho com o veneno para Moisés, então se adianta e tira a taça das mãos da estudante e oferece para que ela beba primeiro, na sequência a própria índia joga a bebida no chão:

Maona, porém, adiantou-se e pegou o copo. Seus olhos reluziam, fixos nos de Míriam. – Beba você primeiro. Dá sorte... Míriam recuou instintivamente. Maona insistiu: - Você toma um gole, depois ele toma outro... Minha irmã empalidecia mais e mais. [...] Seus olhos continuavam fixos em Míriam. Depois, vagarosamente, foi derramando o vinho no chão. [...] Pelo menos, na manhã seguinte, não teríamos que nos preocupar em procurar a outra cápsula (MELO, 1968, p. 169).

Moisés pinta o retrato de Maona, Tonio conhece Anita e apaixona-se, diz que vai voltar e conversa sobre isso com Catarina, Miriam percebe o interesse do rapaz e fica acuada diante da situação, pois mantinha interesse na fortuna do jovem; Fernando diz para Catarina que ela é especial, o que mexe com a narradora. O capítulo é repleto de contextos psicológicos, a ideia que se tem é de que a narradora é uma vítima do acaso, da “aranha” que tece o destino dos que estão a sua volta.

Os jovens voltam para São Paulo no capítulo décimo-nono. A estrada MT 41 começa a ser construída, Catarina conhece Jean-Luc que, por ser belga, precisa de aulas de português para comunicar-se melhor com seus homens. A narrativa ganha os contornos definitivos a partir deste capítulo “E foi aí que a aranha recomeçou a tecer sua teia de tragédia” (MELO, 1968, p.179). Catarina mostra que tem inveja da juventude, mesmo querendo esconder-se atrás de máscaras.

No capítulo vigésimo, Catarina mostra-se apaixonada por Jean-Luc, porém descobre que ele está morando com Flora, uma jovem paraguaia que não tem família, faz uma visita e constata o que Maona lhe falara. Catarina fica transtornada com o acontecido, tenta dormir e não consegue, vai ao encontro de Maona que realiza um ritual antigo de magia, tudo indica que os comentários de praticarem bruxaria, que surgem acerca das duas mulheres, provêm de acontecimentos como o presenciado pela narradora quando do encontro e revelação das práticas antigas adotadas por Maona. Catarina diz estar com muita raiva do amor entre Jean-Luc e Flora; Maona pergunta se não existisse Flora o engenheiro estaria com Catarina. No final do capítulo Flora desaparece, corre o boato que fugira com algum ex-namorado. Novamente o moderno e a tradição encontram-se; a narradora, após presenciar um ritual ancestral protagonizado pela índia, diz não se sentir à vontade presenciando-o, porém há o respeito com aquilo que se apresenta enquanto incompressível para Maona, mesmo não abonando e/ou aceitando as credences da índia, Catarina observa respeitosa a verdade alheia; também é evidente, no trecho, que as duas pretendem e fazem algo com Flora.

O capítulo vigésimo-primeiro traz o envolvimento de Catarina e Jean-Luc, lentamente ela se aproxima e o engenheiro cede. Sem empolgação pede Catarina em casamento e o namoro começa a acontecer, decidem construir uma casa de pedra junto às margens do Ivinhema; Tonio volta atrás de Anita e traz cartas de todos; Jean-Luc regressa de viagem e insiste em manter relações sexuais com Catarina, que resiste e insiste em manter-se virgem até o casamento. Tem a chance de consumir a união, porém não quer que seja assim; a ideia transparecida é a do casamento enquanto vitrine para os olhares alheios e, para tanto, quanto mais próximo for das idealizações românticas patriarcais que nutre, maior será o valor. Tudo no relacionamento dos dois acontece com ar de calma, todos falam do quão perfeito é o casal. Catarina se esquece de Sérgio, a impressão que a própria narradora-personagem passa é que a mágoa alimentada desde o início do texto é com não ter conseguido casar com o professor e mostrar o feito para toda a vila. Não se importou de ter ficado sem a companhia do moço, tinha o desejo de casar e mostrar a todos que realizara os desígnios de mulher, tão presentes em toda a narrativa e no que concerne competir e ganhar das outras moças do local;

a configuração construída é a de que poderia ser outro pretendente qualquer, Sérgio fora apenas o canal. É também no capítulo que a narradora dá dicas sobre o papel fundamental exercido pelo canteiro de rosas e do papel essencial o qual ganhará no decorrer do corpo do romance.

Concordei em silêncio. Era época de transplante das mudas de roseiras e, enquanto Jean-Luc falava, eu observava Guilherme arrumar a terra de um novo canteiro. Ali seriam plantados os novos enxertos de minhas roseiras preferidas: salmão e amarelas.../ Ela merecia as mais belas rosas... (MELO, 1968, p. 192). Meu canteiro de rosas, o mais novo, estava mais belo do que nunca e a terra, afinal, parara de ceder... (MELO, 1968, p.197).

Guilherme, o garoto que cuida das rosas, envolve-se numa briga, no capítulo vigésimo-segundo, Catarina vai em defesa dele e mata, a sangue frio, Tonhão, o responsável pela agressão, Jean-Luc vê tudo e fica chocado. Ninguém comenta o ocorrido, Maona fala com todos na vila. O motivo da briga entre o jovem e o funcionário da empresa de Jean-Luc é a acusação desse de que fora Catarina quem sumira com Flora. Jean-Luc conversa com Catarina, que para convencê-lo a ficar com ela, simula um arrependimento. Num passeio pelo roseiral encontram um brinco que, segundo Jean-Luc, parece um presente que deu para Flora. A narradora pensa que o brinco possa representar um mau agouro e Miriam chega no outro dia.

Neste capítulo a narradora revela-se fria e calculista quando Guilherme diz que o homem que ela acabara de matar acusara-a de sumir com Flora, pensa: “Eu acabava de matar o homem certo” (MELO, 1968, p.208). Mostra-se também racista e configura o pensamento dos moradores locais para com os trabalhadores forasteiros que vinham de fora para trabalhar na região, chama-o em todo o capítulo de “negro”, agregando a tal expressão valor pejorativo, num momento chega a perguntar a Jean-Luc se ele está mais preocupado com um “negro” que com ela, a postura mostra o distanciamento entre os habitantes da região e os trabalhadores, geralmente de origem negra, que vinham de fora para trabalhar. Catarina não demonstra nenhuma hesitação em matar, nem depois quando trata os ferimentos de Guilherme sem mãos trêmulas.

Sabia o que o rapaz estava pensando, ou adivinhava: ele se havia negado a acreditar que eu tivesse feito desaparecer Flora, no entanto fora testemunha de um crime espontâneo e gélido, e a mesma mão que matara o estava agora curando sem um tremor, uma vacilação (MELO, 1968, p. 209).

Miriam chega, no capítulo vigésimo-terceiro, e Catarina descobre que ela denunciara Fernando e outros marxistas enquanto realizavam uma reunião em São Paulo. Conhece Jean-Luc, Maona fica preocupada em ela interessar-se pelo noivo da irmã só por maldade. Na primeira manhã ela vai até a ponte, mergulha e Jean-Luc repreende-a dando uma bofetada depois de ela dizer algo que o desagrada, à noite pede desculpas pelo ocorrido e Catarina percebe que ele trata-a como criança. Maona e Catarina conversam sobre o passado e fica claro que elas são responsáveis pelos crimes que acontecem em Vila Morena, a índia diz que Miriam é pior que elas duas juntas e que faz maldades sem motivos, a narradora indaga perguntando qual o motivo que elas têm.

O capítulo vigésimo-quarto traz a partida de Miriam, Jean-Luc diz a Catarina que se envolveu com a irmã e que não pode mais viver sem ela e que Miriam deu um mês de prazo para resolver a situação. Catarina vai até o roseiral e diz não ter adiantado nada fazer o que fez com Flora, volta para casa, Maona dá-lhe um tapa e ela desaba a chorar. Mais uma vez fica claro que Catarina matou Flora para ficar com Jean-Luc.

O capítulo vigésimo-quinto mostra o casamento de Jean-Luc e Miriam; Catarina e Maona viajam logo após a cerimônia para Foz do Iguaçu. Todos no vilarejo comentam o acontecido não acreditando na presença da ex-noiva e esperando alguma reação, ao contrário disso, tudo transcorre tranquilamente na cerimônia e o casal vai morar na casa de pedra, residência construída para o então casamento com Catarina. Acontece a morte do casal no que aparenta ser um acidente. Transcorre a investigação e o fechamento da mesma; o destino final da casa é ser habitada pelas duas mulheres. No capítulo, acontece o fechamento da história, a narradora explica o porquê dos assassinatos, mas não consegue atribuir uma justificativa à morte de Marcelo.

1.4 Ivinhema: o rio e o vale

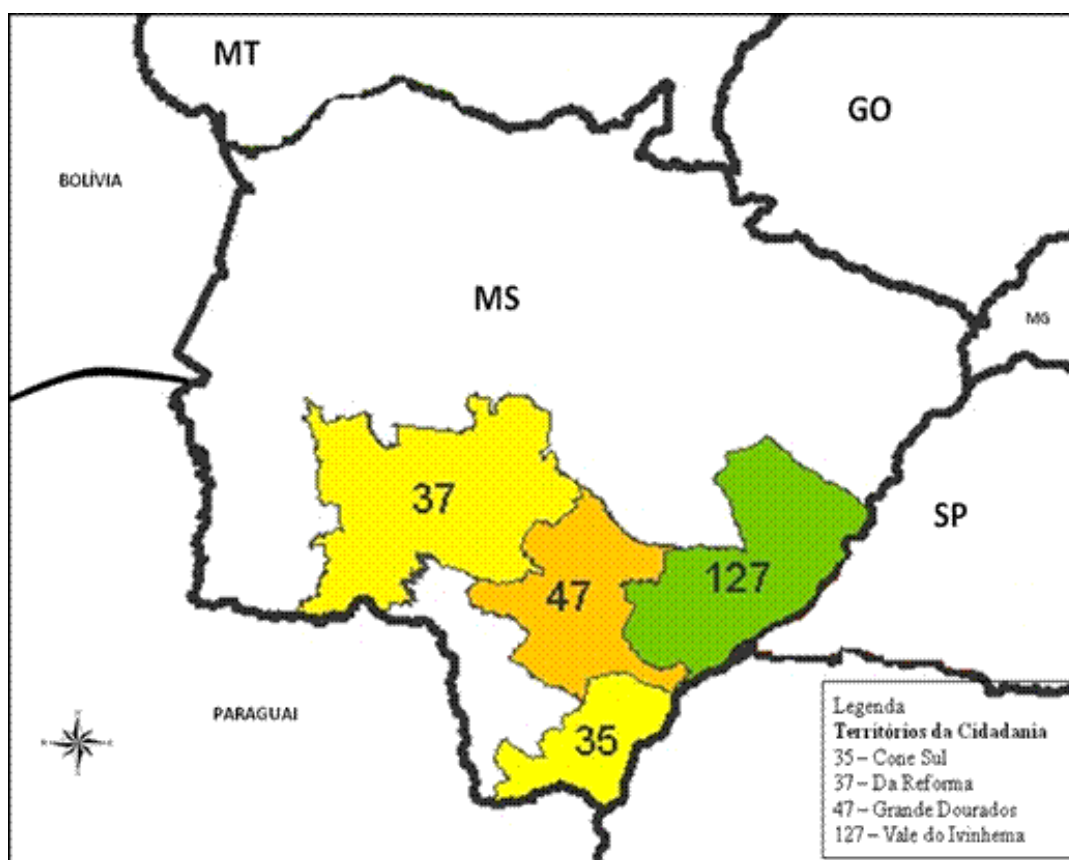


Figura 2 – Vale do Ivinhema⁶

De acordo com fontes ligadas aos registros da própria empresa SOMECO (recolhidas em livros e registros administrativos e/ou contábeis da própria colonizadora e muitos manuscritos), o paulista Reynaldo Massi, acreditando na pujança do então estado do Mato Grosso, adquiriu, na década de 50, terras com grandes áreas de matas ainda sem urbanização e colonização. Crendo no crescimento da região, graças à Marcha do Oeste, constitui em 25 de novembro de 1957 a SOMECO (Sociedade de Melhoramentos e Colonização), uma empresa que teria sob sua responsabilidade a orientação dos estudos da região, planejamento das áreas adquiridas e racional utilização, bem como traçar um programa para a sua infraestrutura. O fato estendeu-se durante dois anos, quando forneceu dados, elementos e condições para que o urbanista brasileiro Francisco Prestes Maia pudesse projetar a sede do município de Ivinhema, para uma população de 10.000 habitantes, numa área de 400 alqueires paulistas, dividida em

⁶Figura 2: fonte <http://www.elistas.net/lista/encuentrohumboldt/archivo/indice/3181/msg/3254/>. Acesso em 02/12/2012

cinco zonas distintas: área central, comercial, residencial, operária e industrial, distribuída em oito bairros: Piravevê, Guiray, Vitória, Água Azul, Triguena, Itapoã, Centro e Industrial.

1.4.1 Relato-certidão do nascimento de Ivinhema

A colonização do extremo sul do estado ganhou força com o movimento denominado “Marcha para o Oeste”⁷, projeto do governo Getúlio Vargas que pretendia ocupar os espaços poucos habitados da região a fim de proteger as fronteiras do país e fortalecer o território brasileiro, descentralizando a concentração demográfica basicamente sulista e litorânea.

Uma das expressões da Marcha para o Oeste para Figueiredo era o povoamento do interior do país. O autor insistia que o Brasil devia ser povoado, pois povoar o país seria conquistá-lo, justificando que havia muita riqueza abandonada, não explorada, pois não havia agente humano para encontrá-las, assim como a segurança nacional era afetada. Uma das formas de se resolver esse problema era a redivisão dos quadros estaduais. Este plano sugeria a equivalência de área e de potencial político entre os estados, sendo que estas áreas não poderiam ser nem grandes demais, nem pequenas demais, e que as desigualdades iniciais de povoamento, riqueza e progresso fossem atacadas a fundo pelo Estado Nacional, distribuindo recursos e não privilegiando nenhum estado (SCHWAB, 2009, p. 06-07).

As primeiras levas de colonos foram assentadas entre os anos 1940 e 1950, o segundo momento da Marcha aconteceu na década de 60. A ideia inicial do governo se resumiu em buscar colonos para povoar o estado, cultivar produtos agrícolas e, em 03 (três) anos, lhes entregar a posse definitiva das terras. Porém, algumas terras não progrediram ou não foram bem aproveitadas, o que fez com que fossem vendidas nos grandes centros urbanos, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo. Reynaldo Massi viu oportunidades nestas propriedades e seus primeiros trabalhos de colonização tiveram início em 27 de dezembro de 1955, com uma equipe técnica, que recebeu a incumbência de demarcar e constituir a área destinada à colonização.

É de 7 de março de 1957 a autoria de um relato não assinado, que outrora fez parte do arquivo da colonizadora SOMECO e que conta o processo de colonização da cidade de Ivinhema e conseqüente entorno; o documento pertence, hoje, ao arquivo do município e precisa detalhes relevantes da ocupação do território.

⁷Na década de 1940 o governo federal intensificou a política de povoamento do interior do país, Ceres, em Goiás, e Dourados, em Mato Grosso do Sul foram as primeiras áreas de colonização originadas a partir deste processo.

O acesso da equipe de agrimensores foi muito dificultoso, já que ao chegar a Campo Grande não conseguiram informações suficientemente claras que os fizessem alcançar as terras adquiridas por Reynaldo Massi. Diante de tal problemática, a equipe pôs-se a traçar como rota as trilhas remanescentes da Companhia Mate Laranjeira até ganhar a localização das glebas destinadas à instauração da SOMECO S/A. Para vencer a distância percorrida utilizaram-se os meios de transportes disponíveis na época: mulas de carga, além de ser aberto caminho pela antiga estrada utilizada pela Cia. Mate Laranjeira, que abandonada encontrava-se completamente tomada pela mata, também deve ser acrescentado às dificuldades existentes os diversos rios transpostos a vau, posta a inexistência de pontes. A equipe partiu de Porto Brillante em duas barcas-motor na etapa fluvial da empreitada. Enquanto escolha do trajeto foi levada em consideração a facilidade no acesso e viabilidade econômica, usando a rota pelo Porto São Luiz, no Rio Ivinhema, e passando por Amandina, local utilizado como ponto de abastecimento pela proximidade geográfica estratégica das glebas que seriam abertas às margens do Ribeirão Vitória, 35 quilômetros em média.

O clima predominante do Vale do Ivinhema é o típico do cerrado, Tropical Sazonal, apresentando duas estações definidas: inverno seco e verão chuvoso. Foi no período das águas que os trabalhos de demarcação começaram, fator que, graças às péssimas condições climáticas, causou diversos transtornos, acidentes com as embarcações e prejuízos. Segundo relatos da época, algumas doenças ainda assolaram os desbravadores, dentre elas a malária.

A fundação da SOMECO aconteceu oito meses depois do início da demarcação das terras, em 25 de novembro de 1957. Os primeiros trabalhadores começaram a chegar em 1961, ano em que houve o primeiro pouso de avião em agosto; 1º de setembro do mesmo ano é conhecido como marco histórico, pois foi realizada a primeira queimada o que configura, para muitos, a efetiva fundação da cidade. Deste momento em diante é iniciada a demarcação de uma área de 7.788 alqueires paulista de mata bruta, onde, vez por outra, deparava-se com cruces de ferro fundido e bronze e vestígios de antigos acampamentos, contando a história dos primeiros colonizadores ou "ervateiros" fronteiriços e paraguaios que se dedicavam a exploração de erva-mate - concessão do Governo Federal à Companhia Mate Laranjeiras. Seis anos depois da 1ª demarcação houve a criação efetiva do Município por meio da Lei nº 1.949 de 11 de novembro de 1963, data em que se comemora o aniversário da cidade.

Ainda no mesmo documento, aparece referência ao pai de Alice Vaz de Melo: “o abastecimento ficou a cargo do senhor Sebastião Vaz de Melo, paulista de Cafelândia e estabelecido em Amandina que, fidalgamente, no decorrer dos trabalhos, não só acudiu com o que tinha em estoque como também adquiriu de terceiros muitos artigos a fim de poder

atender aos pedidos, sabendo de antemão que só receberia no final do serviço, com cheque que seria enviado de Dourados ou São Paulo, como de fato foi”⁸. A informação vai ao encontro dos dados já existentes quanto à participação da família da autora no processo de ocupação da região, mostra também o papel importante ocupado por eles.

1.4.2 Desbravando a história e a culturadorio e do vale

O Rio Ivinhema tem importância fundamental na obra *A dama da morte* (1968). É em suas margens que, estacionada no tempo, a narradora espera o julgamento e, talvez, absolvição e expurgo dos crimes que cometera no passado. O leito alagadiço e de densa vegetação mescla e oculta a própria história da personagem, é nele em que vive os melhores momentos do romance, assim como também é o rio o grande cúmplice e parceiro ideal para acobertar o derradeiro encerramento e vingança das frustrações de mulher sofridas pela competição com a irmã. Durante toda a narrativa, o Ivinhema aparece enquanto observador do destino dos personagens, comporta-se como guardião dos segredos e memórias dos habitantes locais. Vai além de coadjuvante e configura tempo e espaço, ligando passado e presente, encurtando ou aumentando distâncias e, por conseguinte, impondo a velocidade vivida pelos moradores da região que dependiam dele para tudo. No texto, o rio presencia impávido a tudo e a todos, leva e traz e institui-se como única rota possível de acesso, fato não distinto da realidade histórica: “O rio era minha estrada e eu não imaginava outra. O rio levava e trazia minhas cartas. O rio levava o dinheiro da mesada de Míriam. O rio me trazia novas mudas e enxertos de roseiras” (MELO, 1968, p. 152). O Ivinhema nasce a partir da junção dos rios Dourados e Brilhante e percorre cerca de 250 km até desembocar no rio Paraná.

A região prolonga-se em suaves ondulações que se desdobram desde o divisor das águas fartas que corre em direção a galhada do Ivinhema, que nasce pela formação dos rios Dourados e Brilhante e se estende por mais de duas centenas de quilômetros através de seus afluentes [...] até onde suas águas encontram o colar de ilhas que compõem a várzea do ribeirão Samambaia e outros pequenos córregos, antes de desembocar no caudal farto e manso do rio Paraná (DUTRA, 2011, p. 220).

O Ivinhema, assim como a maioria dos rios do interior do país, exerceu a função de “grandes senhores do tempo. Por eles passam a economia, a guerra e a informação. E, irremediavelmente, a história” (DUTRA, 2011, p.220).

⁸ A citação faz parte de documento, redigido à mão, e que fez parte do acervo histórico da própria colonizadora – SOMECO – e de cuja autoria não ser mencionada.

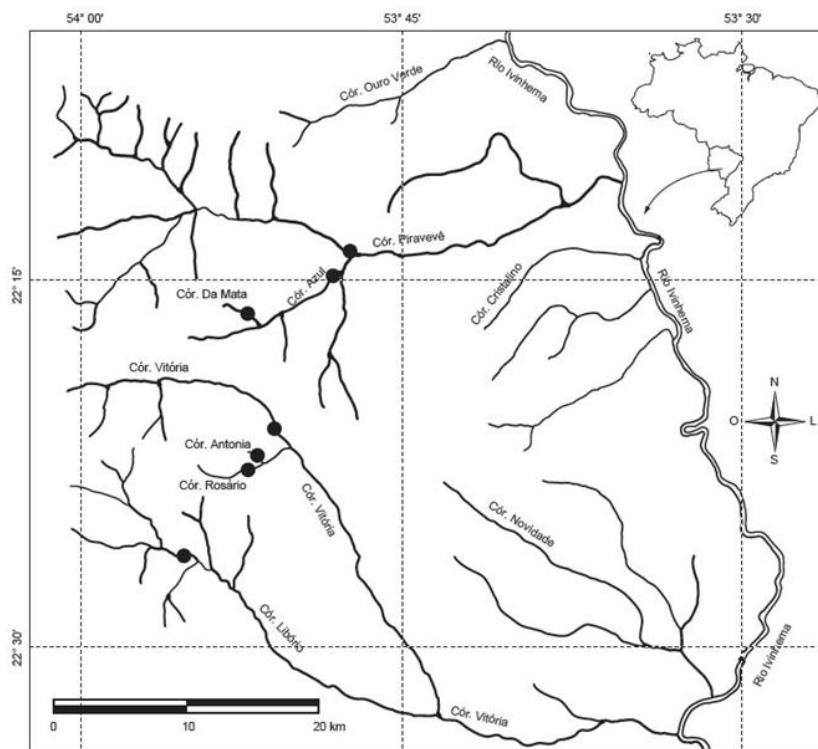


Figura 3: Bacia hidrográfica do Rio Ivinhema⁹

O Vale do Ivinhema, a despeito do rio, também foi rota para importantes viajantes que deixaram marcas relevantes no que tange a construção da futura geografia local¹⁰, bem como contou com importantes grupos indígenas que habitaram e/ou tiveram passagem importante na história da região, como é o caso dos Ofaiés que segundo Dutra (2011), perseguidos pelos criadores de gado do Vacaria, descem o Ivinhema até sua foz, no trajeto engrossam as fileiras de inúmeras disputas que vinham sendo travadas por proprietários e índios.

Atualmente, a região do Vale do Ivinhema conta com costumes tipicamente oriundos dos colonos que povoaram o local com o movimento “Marcha”, mesclando com hábitos, cada vez mais fortes e presentes, das populações autóctones, como é o caso crescente do consumo do tereré e de algumas comidas de origem paraguaia.

⁹ Figura 3: fonte http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1676-06032008000300018&script=sci_arttext. Acesso em 02/10/2012

^{10c}“Joaquim Francisco Lopes, preposto do Barão de Antonina, foi um desses que explorou a região por terra. Ao lado de João Henrique Elliott, que, em 1850, havia se tornado proprietário da fazenda Aroeira, na região da Vacaria” (DUTRA, 2011, p. 225).

=====

Em uma clareira aberta na mata, uma cidade nasce. A velha caldeira que, um dia puxou qualquer trem da Noroeste, agora faz funcionar a serraria do “Manoel Português” rodeada de uns poucos ranchos e barracos. Bandos de papagaios fazem algazarra no mato enquanto aqui e ali um ipê roxo se destaca no verde novo.

Tudo tem jeito de novo e cheira a esperança.

Alice Vaz de Melo

(O enterro – romance inédito)

- CAPÍTULO II - TRADIÇÃO E MODERNIDADE

O texto de *A dama da morte* traz a inquietação de uma narradora que, vivendo os ares transformadores da modernidade inevitável que chegara ao sertão do país, ocupa lugar privilegiado de liderança frente a tais acontecimentos e capta tanto os elementos representativos de formação de uma nova identidade contaminada com configurações e pensamentos de vanguarda vindos dos grandes centros da época, quanto à força e ao legado das culturas primitivas que se desenvolveram na região Centro-Oeste. As primeiras ocupações do local e conseqüente desenvolvimento ocorreram de forma lenta, dissonante do que acontecera com os principais centros localizados no litoral. Assim, novo e antigo misturam-se num movimento paradoxal, criando expectativas distintas do pensar usual que afasta, em cantos opostos, os dois conceitos; há necessidade de interiorização de ambos no que concerne à construção de verdades relacionadas à perene movimentação do pensamento de transformação da história das sociedades contemporâneas.

Diante das dificuldades em pensar as ligações entre tradição e modernidade e todas as configurações que podem ser retiradas daí, inclusive a perspectiva de análise segundo o viés da antropofagia, faz-se necessário entender os dois conceitos não de modo abstrato e homogêneo, mas encarando as várias possibilidades de sentido que ambos apresentam. Não há somente uma tradição, uma herança à qual a modernidade sobrepõe o pensamento e renega ao ostracismo aquilo que representa o passado, da mesma forma que o que é moderno não deve ignorar as raízes de significação que principiaram movimentos norteadores dos conceitos e verdades absorvidas e consumidas na atualidade. Um diálogo entre o passado e o presente deve ser instituído, pois um participa do outro (CUNHA, 2002).

Etimologicamente temos a 'tradição' como a responsável por "entregar", "passar" o patrimônio acumulado da cultura de uma geração a outra, o que foi construído pela espécie humana ao longo de sua existência (BORNHEIM, 1987). Fica evidente a transitoriedade e ligação nos elementos que definem passado, presente e futuro. O transitório implica diretamente no trânsito entre os fazeres e verdades culturais através do tempo, o eterno movimento que imprime à tradição a obrigatoriedade de subsidiar o que é construído depois dela. Assim, a relação entre os tempos faz com que a ideia de homogeneidade da tradição ceda lugar ao pensamento de transformações constantes e de um passado sempre em

movimento e sujeito a incorporações e assimilações comuns no tocante ao que cada cercania define enquanto apropriação da sua própria história ou absorção dos elementos alheios e/ou estrangeiros que, por imposições diversas, imprimem um ritmo próprio de transição para o novo.

Seguindo a filologia, o verbete ‘moderno’ (*modernus*) se origina de modo (*modus*), significa “medido”, aquilo que acaba de acontecer ou que ocorreu há pouco:

Moderno, um termo que para nós indica o presente absoluto, uma espécie de presente na segunda potência, ou o presente como futuro de si, é o termo para o que passou ou que acabou de acontecer. E esta contradição não se limita à etimologia; também na estética, o moderno implica em desdobramentos entre o presente e o passado (NESTROWSKI, 1992, p.64-65).

O moderno traz consigo a ideia do imediato, do acontecido, mesmo traçando uma relação paradoxal com o conceito de tempo; se é forjado no presente. Logo, carrega as experiências constitutivas da história anterior a ele; independentemente de que traga em si a ruptura com o passado, não há esgotamento absoluto dele. Temos o moderno trazendo para o que passou, seu próprio tempo. Porém, o que prevalece no conceito de moderno é a concepção de estar mais adiantado, avançado que todos os outros indivíduos que existiram anteriormente. Ou seja, é apresentar a noção temporal como questão identitária, como elemento caracterizador e fonte de domínio nos espaços sociais. Ser moderno carrega a percepção imagética de estar mais adiantado, num nível superior aos outros seres humanos situados temporalmente num outro tempo histórico. É necessário estabelecer aqui o ritmo do relógio como marcador. Tem-se o que discute Nestrowski (1992, p.65), quando discorre sobre a fixação do momento presente no que é agora: “uma correlação entre a vontade da presença e combate à tradição” dando a entender que o novo vai sempre à frente do antigo.

Deste modo, tradição e modernidade apresentam-se como faces indissociáveis da mesma realidade, estabelecem a via dupla onde o moderno caracteriza-se como oposição ao que permanece na tradição e essa, por sua vez, demarca como tradicional tudo aquilo que se apresenta em oposição aos ideais da modernidade.

[...] o raciocínio de Paz, como disse, é bastante sedutor. Vai ele construindo esses argumentos para concluir que a poética de hoje é a “poética do agora”, que não marcaria ruptura com o passado nem tampouco veria o presente como razão e argumento para que só pensemos no futuro e na utopia (SANTIAGO, 2002, p. 114).

A discussão dos conceitos de tradição e modernidade aqui levantados traz em si a antropofagia e seus pragmatismos - seguindo os ideários do Manifesto Antropofágico, de

Oswald de Andrade, em 1924: “Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem” (ANDRADE, 1976, p. 03) - cuja absorção dos aspectos positivos da literatura estrangeira e, por conseguinte, a incorporação na cultura nacional é vista como reinvenção dos conhecimentos acumulados, estabelecimento de novos pensamentos refeitos a partir de uma base sólida e impossível de separar, é a força da tradição influenciando sobre o moderno, por isso o ideário antropofágico visa absorver o melhor, mas sem reproduzir, estabelecer leituras críticas e até bem humoradas para manter constantes diálogos entre o antigo, o estrangeiro, a tradição, e o novo, o local, o moderno.

2.1 Culturas híbridas

A expressão cunhada e conhecida como ‘Culturas Híbridas’ pode ser definida enquanto quebra das barreiras que separam os conceitos do que é tradicional e daquilo que é moderno, entre o erudito, o popular e o massivo. Em suma, culturas híbridas designam a miscigenação apresentada por distintas culturas, ou seja, uma heterogeneidade cultural ativa no dia a dia do mundo moderno e engajada, também, nas disparidades do tempo. Canclini (2003) elenca a discussão de a diversidade cultural nos diversos lugares do globo ser tamanhas que aceitar a pós-modernidade irrestrita torna-se difícil levando-se em conta que ainda há modernidade em vários locais. A esse fenômeno, o autor nomeia de ‘heterogeneidade multitemporal’.

Ser culto, e inclusive ser culto moderno, implica não tanto vincular-se a um repertório de objetos e mensagens exclusivamente modernos, quanto saber incorporar a arte e a literatura de vanguarda, assim como os avanços tecnológicos, matrizes tradicionais de privilégio social e distinção simbólica (CANCLINI, 2003, p. 74).

Tal mistura junta linhas de diferentes óticas, podendo mesmo caracterizá-las enquanto visões díspares de mundo, passando a formar uma nova cultura, a qual será resultado da construção identitária e da elaboração de signos próprios no que concerne à origem da formação da identidade autêntica de um povo, ou seja, daquilo que pode ser configurado enquanto cultura local.

Parto de uma primeira definição: entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras (CANCLINI, 2003, p. XIX).

A modernidade configurou-se a partir de culturas híbridas, capazes de atingir espaços multitemporais. A evolução dos meios de comunicação de massa foi fator facilitador para a hibridação. Deste modo, é possível apontar os elementos configuradores de influências existentes entre as duas formas: a modernidade apresenta marcas da heterogeneidade, do mesmo modo que as culturas híbridas mantêm laços de dependência com os desenvolvimentos tecnológicos, e das sistematizações e dos conhecimentos científicos criados pela espécie humana moderna.

Em diferentes contornos da sociedade contemporânea são percebidos tais diálogos, por exemplo, quando coleções de arte erudita juntam a seus acervos cortinas artesanais, estabelecendo a junção do culto e do popular, também quando uma artista latino-americana radicada nos EUA¹¹ adiciona elementos melódicos africanos em sua canção ou, ainda, quando prédios coloniais são reformados mantendo a fachada e incluindo sistemas tecnológicos de ponta. É inegável que a hibridação cultural, cada vez mais, está presente no cotidiano de todos os indivíduos, formando uma plêiade de identidades, sendo uma característica essencial da sociedade globalizada, plena de mesclas de ínfimas nuances de cores e estilos, instituindo a marca maior do indivíduo moderno, estabelecendo uma nova fase e novos elementos para o conceito das culturas tradicionais.

Corroborando a temática, o argentino Néstor Garcia Canclini, em seu *Culturas Híbridas* (2003), levanta interessantes reflexões no que tange à discussão acerca do eixo tradição/modernidade/pós-modernidade, e propõe importantes contribuições sobre a ausência de políticas culturais modernas na América Latina. De acordo com o pesquisador, os enlevos ocorridos em relação à hibridação cultural da América Latina advém da falta da intervenção do estado na implementação de programas públicos reguladores baseados em princípios vinculados na modernidade e que se caracterizem enquanto processos socioculturais nos quais as estruturas e/ou práticas, existentes de forma a não manterem contato, misturem-se no intuito único de estabelecer novidades nas estruturas, nos objetos e práticas contemporâneas. Tal configuração é o que permite analisar a importância que o hibridismo, gerador de

¹¹ A colombiana Shakira fez sucesso mundial com a canção de abertura da Copa do Mundo da África quando acrescentou elementos melódicos tribais africanos no refrão da música.

tamanhas combinações e sínteses imprevisíveis, teve no século XX, nas mais distintas áreas, dando a possibilidade de feitos tão impensáveis quanto produtivos dos demais pensamentos culturais que então existiam na América Latina.

Assim, quando propõe o debate envolvendo os conceitos de tradição, modernidade e pós-modernidade na América Latina, Canclini (2003) constrói o pensamento de que o enlaçamento das culturas populares e cultas, a mistura entre os meios massivos¹² de comunicação e os processos de recepção e apropriação dos bens simbólicos são os elementos constituintes essenciais daquilo que se entende por culturas híbridas e que para entendê-las melhor há a necessidade de adotar uma ótica também híbrida, visto que essa resulta da combinação de outras ciências: antropologia e sociologia, arte e estudos das comunicações e por isso abarque melhor o conceito de complementação entre as formulações filosóficas estudadas, que desde o início da discussão, no presente trabalho, são configuradas enquanto complementares e indissociáveis.

Seguindo a presente linha de raciocínio, uma das principais intenções do texto do argentino radicado no México é discutir as contradições da cultura urbana e o caráter, com vistas emancipadoras, do projeto de expansão, renovação e democratização da América Latina, posto que os países sejam, atualmente, resultado da solidificação de tradições culturais-linguísticas de coletivos originais, assim como da sua sobreposição e mistura com os elementos tradicionais dos setores educacionais, políticos e religiosos de procedência ibérica. Mesmo as investidas da elite na tentativa de atribuir à sua cultura uma sistematização com nuances modernas, dificultando a disseminação da cultura indígena e colonial nos setores populares, a mistura ocorrida dessas inter-relações acabou por gerar formas híbridas em todas as camadas sociais latino-americanas.

[...] a incerteza em relação ao sentido e ao valor da modernidade deriva não apenas do que separa nações, etnias e classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam [...] Como entender o encontro do artesanato indígena com catálogos de arte de vanguarda sobre a televisão? [...] Não se trata apenas de estratégias das instituições e dos setores hegemônicos. É possível vê-las também na “reestruturação” econômica e simbólica com que os migrantes do campo adaptam seus saberes para viver na cidade (CANCLINI, 2003, p. 18).

Desta maneira, o texto de *A dama da morte*, de Alice Vaz de Melo, utiliza a memória da formação do município de Ivinhema e adjacências para discutir questões relacionadas à

¹² No livro *Culturas Híbridas*, o termo *massivo* do espanhol é preservado, principalmente quando se refere à cultura e aos meios de comunicação, mesmo que a expressão mais utilizada em português seja cultura de massa e meios de comunicação de massa.

tradição daqueles que sempre estiveram ligados à região e suas reações ao movimento inevitável de colonização das cercanias; uma vez que a chegada dos colonos gerou desconforto e transformação da paisagem local, muitos reagiram de forma violenta e negativa, outros, percebendo ou desejando o inevitável, passaram a absorver, numa clara atitude antropofágica, a nova vida que se desenhava, fazendo uso da cultura estrangeira como definidora de caracteres formadores da nova identidade cultural do Vale do Ivinhema: “Míriam e seu grupo de malucos revolucionaram por completo minha vida, Vila Morena e até Terra Nova” (MELO, 1968, p. 153). Tudo corroborando o pensamento de construção da identidade localizada, que parte do lócus de enunciação, que trata do condicionamento da cultura local a ambientes indissociáveis dos conceitos constitutivos de formação da América Latina, visto que toda iniciativa de instituição de novas cercanias acaba obedecendo a preceitos constitutivos já estabelecidos pelas formatações histórico-sociais e econômicas que regem o cenário da América ibérica.

2.1.1 Incorporação do elemento estrangeiro

O conceito de tradição e modernidade na obra *A dama da morte* é verificável mediante o estabelecimento de processos investigativos delimitadores de tais conceitos e, ao mesmo tempo, capazes de configurar o viés da antropofagia, como resultado final, presente na construção do dentro, o local e moderno, e do fora, estrangeiro e tradicional. A obra carrega a memória da formação do município, por isso é necessário discutir os tópicos definidores em separado, com a finalidade de valorizar cada um dos elementos discursivos e/ou narrativos e não causar confusão quanto àquilo que é ficção e/ou verossímil com a realidade. Fazer um recorte considerando as posições contrárias no que concerne à tradição e a modernidade se caracteriza enquanto discurso moderno. O movimento de ruptura iniciado pela modernidade delinea o que deve ser encarado enquanto conceitos tradicionais e configura, assim, os liames do que é moderno.

O texto “O entre-lugar do discurso latino-americano”, de Silviano Santiago (1978) apresenta a epígrafe de Antonio Callado para conceituar a incorporação da cultura estrangeira, tão importante ao desenvolvimento do pensamento da América do Sul quanto a do lugar da cultura local em detrimento à estrangeira. Da mesma forma, é possível observar a construção da narrativa de *A dama da morte* na qual há claramente a assimilação do que vem de fora por parte da autora, que é observadora atenta dos movimentos externos que acontecem no seu

entorno e das transformações acarretadas graças ao constante vai e vem de forasteiros, bem como toma para si o conhecimento que trazem, assimilando rigorosamente o que é positivo.

O jabuti que só possuía uma casca branca e mole deixou-se morder pela onça que o atacava. Morder tão fundo que a onça ficou pregada no jabuti e acabou por morrer. Do crânio da onça o jabuti fez seu escudo (CALLADO apud SANTIAGO, 2000, p. 9).

O teórico, ainda na epígrafe, demonstra a adesão ao antropofagismo e, por conseguinte, a absorção do caráter cultural positivo deixando de lado os elementos ultrapassados oriundos do pensamento europeu colonialista/neocolonialista; a ruptura com a tradição apresenta caráter enaltecido das cores locais, tem o moderno o tom perfeito de formação da identidade nacional. Em todo o corpo do trabalho, Santiago pontua a negação relacionada ao pensamento de dependência cultural enraizada no imaginário popular e institucionalizada como verdade absoluta. É essa a revalorização de conceitos pluriculturais que engrandece o ideário local e é buscada por grande número de teóricos. Corroborando tal assertiva temos:

A cor local literária pode ser vislumbrada em uma obra que traz nuances específicas de uma dada localidade, incluindo performances culturais típicas desse lugar, expondo traços singulares que formatam uma determinada comunidade tanto no âmbito real quanto no imaginário e, por isso mesmo, a cor local também considera os fatores psicológicos dos indivíduos na tessitura literária, o que geralmente não ocorre em outras áreas (BARZOTTO, 2011, p. 79).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Eneida Maria de Souza (2002) problematiza, no texto “O discurso crítico brasileiro”, questões da dependência cultural frente aos países hegemônicos. Nestes moldes, a proximidade entre modernização e transculturação nas populações autóctones leva a pensar tanto no desencontro entre as ideias importadas e a realidade local dos países periféricos quanto na aceitação dessas culturas em relação ao próprio atraso vivido, admitindo assim os empréstimos culturais.

O estreito laço entre modernização e transculturação [...] conduz a diferentes pontos de vista quanto ao tema da dependência, levando-se em conta ora o descompasso entre as ideias importadas e a sua atualização nos países periféricos, ora a aceitação do atraso como ardil para a aquisição dos empréstimos culturais (SOUZA, 2002, p. 45).

Alice também comunga de tal pensamento, vê na assimilação de culturas alheias o caminho para superar o distanciamento entre o sertão e o litoral, formando uma nova

identidade: “Eu nunca participaria do ideal de certos mato-grossenses: uma cabeça de gado, uma raiz de mandioca, a cuia de chimarrão... e pronto. Aliás, nem o chimarrão era ideia nossa” (MELO, 1968, p. 73). O sentimento corrente de inferioridade que os escritores latino-americanos têm em relação aos europeus é levantado por Eduardo F. Coutinho, que observa a postura de inferioridade apresentada pelos autóctones e vê na colonização um processo que “sempre deixou transparecer, ao longo de suas diversas manifestações, uma incômoda sensação de marginalização” (COUTINHO, 1995, p. 621). No entanto, o pensamento latino-americano tem mudado a partir do século XX, quando vários textos passam a ter representatividade não só para os habitantes e produtores de pensamento local, mas também aceitos pela crítica europeia.

Talvez o pensamento de débito advenha de que na América Latina as correntes teóricas não são esgotadas totalmente, vão e vêm como modismos, o que acaba prejudicando, porque nada é aprofundado, todas as ideias são importadas e por isso há o modismo, aquilo que está em alta na Europa deve ser apropriado por aqui (COUTINHO, 1995). Diante de tal contexto, os escritores modernistas tentaram formar uma literatura genuinamente brasileira, absorvendo traços de outras literaturas, cada qual a sua maneira e atravessando o território do Brasil já que “A nossa formação esteve sempre configurada por uma estética de ruptura, da quebra por uma destruição consciente dos valores do passado” (SANTIAGO, 2002, p. 108); porém, é percebido que a identidade de uma cultura não se faz com a exclusão do outro e sim na maneira como é utilizada a tradição alheia.

A globalização tem mudado o olhar das realidades econômicas, tecnológicas e políticas do planeta, provocando análises e olhares diversos sobre os fenômenos de constante transformação; é, portanto, inevitável pensar os Estudos Culturais e literários isolados de tal contexto, livres das influências da mundialização e preservados num ambiente local. Porém é esse pensamento que ainda isola e deixa as dimensões culturais da globalização continuar mal entendidas no contexto globalizante, pois, se ela é “real” e “autêntica” (HUYSSSEN, 2002, p. 15), tem caráter local e não deve ser entendida enquanto global; a tradição preservada reflete no moderno.

Deste modo, a formação de uma identidade cultural brasileira deve incorporar a tradição e a modernidade, respeitando as distintas possibilidades de produção escrita, questionando os cânones oficializados e a depreciação por aquilo que é considerado baixa cultura; “A identificação de uma identidade cultural brasileira que se revela múltipla, plural, antes híbrida do que una e estável como pretendeu ser em tempos modernos” (RESENDE, 2001, p.83). É importante lembrar, ainda, que a narradora-personagem aparece durante todo o

processo de construção do texto de *A dama da morte* como legítimo elemento feminino, repleto de complexidades e carregado dos designios relacionados a tal sujeito, dando à narrativa aspectos fortes de demarcação do espaço de gênero e fazendo das personagens femininas reflexo do que estava acontecendo com a formação do ideário da época, fato configurador no qual o pensamento de interiorização e posterior exposição do conhecimento é construído a partir do choque entre as duas vertentes discutidas anteriormente: o moderno e o tradicional.

Os colonos faziam compras em Vila Morena. Suas crianças frequentavam nossa escola. Mas ninguém queria amizade com eles. Por isso, conforme iam chegando e se apercebendo da indiferença de todos, iam-se unindo e formando sua própria comunidade. Assim nasceu Terra Nova, que mais tarde iria crescer e esmagar definitivamente a minha vila (MELO, 1968, p. 110).

2.2 O feminino em ebulição

A incorporação de elementos modernos passou a fazer cada vez mais sentido na cultura ocidental, discussões antes restritas a determinados grupos hegemônicos passaram a ganhar novos contornos à medida que a tradição aceitava analisar as mesmas verdades sob óticas dispares do que outrora fora apregoado enquanto verdade absoluta. Neste contexto, o feminino ganha nova aura e o que concerne ao universo de gênero antes, rechaçado, passa a fazer parte do campo de interesse de uma gama cada vez maior de pesquisadores interessados em interiorizar o conhecimento acumulado de gerações, saberes que autorizavam atrocidades no que se refere à mulher tem começado a ser utilizados na luta por conquista de espaço; novamente o dilema da convivência, e crescimento provocado por ela, entre o moderno e o tradicional.

À mulher, durante muito tempo, foi destinado o papel de coadjuvante histórico-social e, por isso, devia ser lapidada com o intuito de obedecer aos dogmas da Igreja e ainda com vistas à satisfação, *a priori*, dos pais e, posteriormente, do marido, sempre escolha da família. Os desejos, vontades e sentimentos não deviam ser demonstrados, ao contrário disso, tinham que estar ocultos. Os flertes, no Brasil Colônia, aconteciam nas igrejas e os namoros somente depois de consentidos pelo pai. A sociedade exaltava a superioridade masculina, o que ficava claro quanto à educação destinada às moças. Os atos que desabonassem a subserviência feminina eram vistos com desagrado e, assim, a sociedade como um todo – especialmente a igreja – condicionava o comportamento das mulheres segundo justificativas e posicionamentos bíblicos, que serviam de manuais de conduta, e que direcionavam desde o

modo de se vestir, comportar-se e, mais fortemente, manter a submissão ao homem. Os relacionamentos construía-se pelo que ditavam os textos bíblicos e esses mostravam as diversas faces da mulher: falhas por representar a criação a partir da costela curva do homem; feiticeiras e detentoras naturais do pecado primeiro, etc.

Segundo Bonicci (2009, p. 63, grifos do autor), “a colonização e o discurso colonialista eram impregnados pelo patriarcalismo e pela exclusividade sexista. O termo *homem* e seus derivados incluíam o homem e a mulher; o mesmo privilégio não era dado ao termo *mulher*”. Evidentemente, no que concerne à educação, as mulheres, desde o nascimento, recebiam preparação para exercerem a função de esposa, de mãe, de executarem os serviços do lar, já os meninos tinham a incumbência de tornarem-se, e para isso eram preparados e truncados, chefes da família.

Fazendo uma pausa intersticial no panorama histórico construído até então, podem-se observar os reflexos da sociedade do período no que tange aspectos femininos, pois o texto de *A dama da morte* traz a configuração social dos anos 1940, espaço temporal imagético no qual é configurado e nele é possível observar o papel de submissão encarado pelas mulheres do período, no entanto e mesmo assim, a narradora é feminina e criada pelo ponto de vista feminino. Os personagens masculinos discutem problemáticas inerentes ao universo e ao interesse feminino sem dar importância à opinião e/ou desejos das mulheres; em diversos momentos do romance, a narradora-personagem, Catarina, em rompantes de libertação das opressões sofridas pela condição de fêmea submissa, posiciona-se, deixando clara sua postura:

Aquela discussão começava a me magoar. Era como se eu fosse um simples objeto inanimado a respeito do qual devessem decidir os outros. Quando dei por mim, estava perdendo o respeito e gritando palavras ácidas. – Será possível que me considerem menor de idade ou retardada? Será que ‘eu’ também não tenho opinião? Parece-me que não há necessidade de obrigar alguém a casar-se comigo. O senhor não acha que está se intrometendo demais, padre? (MELO, 1968, p. 49).

Pode-se observar a presença da Igreja enquanto força mantenedora dos costumes e da permanência de valores consagrados à conservação dos próprios interesses eclesiásticos. O contexto histórico, temporal e geográfico da história, sul do então Mato Grosso na década de 40, é reflexo da influência religiosa nas ações cotidianas no que se refere, principalmente, ao feminino.

A configuração sócio-histórico-cultural descrita acima sofreu mudanças lentas, porém o fortalecimento do cinema, depois dos anos 1950, fez com que o comportamento feminino iniciasse uma mudança, as moças se espelham nas personagens trazidas pelas telas. Outro

fator importante no que diz respeito à mudança social é a propagação da literatura no país. No século XIX, a leitura de jornais, folhetins e revistas passou a trazer certo desconforto, visto que era preciso manter certo policiamento para que não houvesse a subversão dos valores até então idealizados. No entanto, as mais significativas transformações, que serviram de aporte para a condição atual da mulher, ocorreram a partir dos anos 1960 - na chamada 'segunda onda feminista' - com os movimentos feministas, cujos caminhos já estavam sedimentados nos EUA e na Europa.

[...] a gaúcha Maria Benedita Bormann, defende as propostas da 'nova mulher', naquele momento em voga na Europa e Estados Unidos: sexualmente independente, sem aceitar o casamento como única solução de vida e felicidade, com oportunidades de estudo e de profissionalização, com projetos de satisfação dos próprios desejos (GOTLIB, 1998, p. 13).

Foi inevitável a influência desses movimentos em terras tupiniquins, posto que reivindicavam igualdade dos direitos femininos em consonância aos masculinos: “muitas das reivindicações estavam intrinsecamente associadas ao retorno da democracia, e várias militantes participavam de organizações de esquerda, que nem sempre se abriam às questões de gênero”(LEAL, 2008, p. 121). A mudança gradativa na postura da sociedade brasileira fez com que as mulheres galgassem espaços no mercado de trabalho, refutando o pensamento de o lar ser o único espaço de atuação possível e desvencilhando-se da postura ligada a ele de esposas, mãe e dona de casa. Outra importante conquista feminina foi a utilização de contraceptivos; o controle na estrutura das famílias passava também pelo psicológico, uma vez que o corpo passa a ser usado também para o prazer, fato já acontecido com os homens.

O outro vetor seria o controle da mulher sobre a própria fertilidade, que também faz parte tanto das pautas feministas quanto das antifeministas. Susan Faludi ressalta que o efeito do *backlash* cria uma falsa dicotomia, como se as mulheres tivessem que escolher entre uma justiça pública e a felicidade privada, como se seus problemas tivessem sido criados pelos próprios avanços feministas (LEAL, 2008, p. 129).

No âmbito das letras, no que diz respeito à literatura feminista, o olhar deve ser direcionado à década de 1960, quando o termo é cunhado e aparece com força nos círculos acadêmicos. Temos, de um lado, a ideia de 'feminino' que carrega em si concepções retrógradas e voltadas ao universo de opressão por que passou a mulher durante tanto tempo e de outro a expressão 'feminista' mais voltada a questões políticas e por isso alçada somente ao plano das ciências sociais. No entanto, a expressão, no que concerne à literatura, apresenta também perspectivas do universo narrativo da mulher, traz o indivíduo retratado pleno de

consciência e sabedor da voz que tem e do roteiro social vivido. A conscientização alcançada pela autora, representando ora o personagem ou narrador, ora seus próprios conceitos transferidos para a narrativa mostram, ainda (LOBO, 1997) “uma posição de confronto social, com respeito aos pontos em que a sociedade a cerceia ou a impede de desenvolver seu direito de expressão”.

Neste sentido, sempre houve autoras "feministas" dentro do contexto de suas épocas, tornando-se o termo impróprio apenas por uma questão cronológica. Como exemplo, Safo, Sórora Juana Inés de la Cruz, Gertrudis Gómez de Avellaneda mostraram uma consciência política ou esclarecida de sua existência em face da história excepcionais para seu tempo, e poderiam ser eventualmente identificadas com o "feminismo" (LOBO, 1997).

Faz-se necessária a interpretação da realidade feminina segundo o conhecimento acumulado, tanto por autoras que expressaram as representações sociais, históricas e culturais em lutas constantes por afirmação da identidade da mulher, quanto pelas conquistas atingidas lentamente, por mulheres diversas que mesmo não deixando registro ou “levantando bandeira”, como diz Adélia Prado no poema “Com Licença Poética”, possibilitaram a instituição de conquistas importantes. Desta forma, “todas concordamos que as mulheres devem receber pagamento igual por trabalho igual, ser iguais perante a lei, não fazer mais tarefas domésticas que os homens, não passar mais tempo com os filhos do que passam os homens – fazemos isso?” (GREER, 2001, p. 13).

2.2.1 A construção do feminino e a Ginocrítica

É enorme a discussão acerca das teorias do feminismo enquanto gênero sexual (*gender*), fator que deve ser entendido não como herança da natureza do nascimento do indivíduo, mas como construção cultural. Nota-se que tais configurações fazem parte da antropologia cultural e da sociologia, já que explicam o feminismo segundo o viés de binarismos contrastantes e dicotômicos suspeitosos que se eternizam nas divisões entre o homem/macho e mulher/fêmea em analogias inconscientes entre a aparência física e psíquico-cultural.

Dentro das configurações acima descritas, também é importante observar que a imprensa foi o veículo que potencializou a emancipação e divulgação dos textos produzidos por mulheres e mais especificamente o periodismo feminino, “o primeiro deles foi provavelmente, segundo Dulcília S. Buitoni, o jornal carioca *O Espelho Diamantino*, lançado

em 1827¹³” (GOTLIB, 1998, p. 10). A partir de então, vários outros jornais e revistas foram fundados com a intenção de discutir problemáticas voltadas às mulheres e levantando questões importantes; como, por exemplo, abolicionismo, o direito ao voto, divórcio. Inicialmente, os assuntos giravam em torno de moda, literatura, crônicas de bailes, teatro, etc. num segundo momento foram ganhando os contornos apontados anteriormente. Dentro de tal contexto, a gaúcha Maria Benedita Bormann lança o romance *Lésbia*¹⁴ em 1890, (GOTLIB, 1998) no qual a personagem separa-se do marido e passa a escrever sua própria história, tem-se então a emergência da mulher que escreve e utiliza elementos de interesse femininos – como a independência econômica – direcionando textos a outros indivíduos de interesses iguais.

As crescentes conquistas literárias femininas levam a formação e conseguinte reflexão acerca da pergunta: O que é Literatura Feminina? Ou ainda, o que demarca a escrita feminina? O presente questionamento é motivador da Ginocrítica, estudo de texto partindo do viés de observação do emissor, mensagem e receptor e que é configurado segundo as perspectivas da escritora, do assunto voltado ao campo de interesse feminino e da leitora; leva-se em consideração a prerrogativa de que existem formas distintas no processo de leitura ao estabelecer relação entre mulheres e homens - graças a diferenças biológicas e culturais. Pode-se responder tais questionamentos dizendo que a literatura feminina é o texto produzido por mulheres, porém, nem todas as escritas feitas por mulheres podem sustentar tal afirmativa. Para tal, há de se abranger ao menos duas das características anteriormente abordadas, o ponto central é que o texto seja de autoria feminina e, assim, que carregue consigo elementos que confirmem marcas perceptíveis ao feminino e interesses relacionados ao tema.

[...] literatura femenina es, en mi opinión, aquella que posee al menos dos de estas marcas: que su autora sea una mujer y que el texto lleve marcas perceptibles de esta feminidad. Aunque estas dos instancias se completan cuando la lectora es una mujer y su inferencia (interpretación), identifica, descodifica y acepta estas marcas de feminidad (GOICOECHEA, 2001, p. 193).¹⁵

A Ginocrítica é diferente da crítica feminista, porque ao contrário dessa, não prevê a revisão de textos literários produzidos por homens, concentra os esforços exclusivamente na

¹³Dulcília Schroeder Buitoni. *Imprensa Feminina*. São Paulo, Ática, 1986.

¹⁴ Norma Telles. Escritoras, escritas, escrituras. In: Mary Del Priore (Org.), *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo, Contexto/Editora UNESP, 1997.

¹⁵[...] literatura feminina é, na minha opinião, aquela que possui al menos duas destas marcas: que sua autora seja uma mulher e que o texto traga marcas perceptíveis desta feminilidade. Embora estes dois casos se completam quando a leitora é uma mulher e sua inferência (interpretação), identifica, decodifica e aceita estas marcas de feminilidade (GOICOECHEA, 2001, p. 193, tradução minha).

autoria feminina; a justificativa é observada em E. Showalter (1994) – uma das promotoras mais obstinadas - quando do propósito de valorar as vivências, experiências culturais e expressão de óticas ligadas ao feminino, rechaçando as opressões patriarcais que desde sempre interpretavam o campo de interesse da escrita feita sobre a mulher.

Assim, a primeira tarefa de uma crítica ginocêntrica deve ser a de delinear o locus cultural preciso da identidade literária feminina e a de descrever as forças que dividem um campo cultural individual das escritoras. Uma crítica ginocêntrica iria, também, situar as escritoras com respeito às variáveis da cultura literária, tais como os modos de produção e distribuição; as relações entre autor e público, as relações entre arte de elite e arte popular, e as hierarquias de gênero (SHOWALTER, 1994, p. 51).

Observa-se que as marcas de origem sexual – masculino/feminino – assim como outras – ideologia, raça, condição social – são presentes e observáveis, porém o que importa é a força com que aparecem em determinados textos e não em outros e os consequentes desdobramentos desse fator – essencial no que diz respeito à análise e interpretação de textos genuinamente femininos. Corroborando a afirmativa:

[...] *creo que una de las actividades que ha recuperado validez con el feminismo es la de defender la existencia de sexo en todas las obras hechas por el ser humano, pero sin olvidar considerarlas en toda su complejidad y con todos sus matices* (GOICOECHEA, 2001, p.193)¹⁶.

A movimentação pelo globo de indivíduos com identidades culturais múltiplas influencia e possibilita a troca de experiências entre distintas vivências e cria paradigmas novos que constroem fazeres e costumes igualmente novos. O pensamento patriarcal, na diáspora (in)voluntária¹⁷ perde espaço, posto que a mulher também representa força de trabalho importante e contribui financeiramente para a manutenção do grupo; assim, abre-se espaço à equiparação entre os sujeitos e o elemento feminino ganha voz e representatividade, mesmo que o homem mantenha a postura de provedor, abre espaço para a divisão de responsabilidades com a companheira. Há, ainda, a migração mediante questões voltadas a perseguições políticas, religiosas e/ou outras. Essas duas configurações inauguram a

¹⁶creio que uma das atividades que tem recuperado legitimidade com o feminismo é a de defender a existência de sexo em todas as obras feitas pelo ser humano, mas sem esquecer-se de considerá-las em toda sua complexidade e com todos seus nuances(GOICOECHEA, 2001, p.193,tradução minha).

¹⁷ Enquanto diáspora voluntária entende-se a movimentação pelo globo (normalmente de países pobres para centros ricos) que buscam empregos que tenham remuneração superior ao local de origem. A diáspora involuntária compreende perseguição política, exílio, religiosa, etc. A expressão “diáspora (in)voluntária” serve para configurar e abranger melhor os dois cenários.

possibilidade de criação de um lócus de enunciação no qual a mulher insere-se enquanto centro gravitacional de situações voltadas para um universo de interesse comum entre outras mulheres que se identificam com o discurso e o reproduzem dentro de seus campos de ação. O feminino, portanto, reproduz configurações específicas a um público direcionado e dissemina os costumes mesclados de vários grupos culturais.

2.3 Diáspora

A instauração da nova mentalidade moderna passa pela permanente desconstrução do pensamento de que “*Los vencedores escriben la historia y los vencidos lacuentan*” (PIGLIA, 2001, p. 29), logo, a formação da identidade geográfica, política e cultural do indivíduo diaspórico configuram-se a partir de um lugar de enunciação escolhido como ponto de convergência, onde constrói um espaço imagético representando seu local de origem e que, saudoso pelo distanciamento geográfico, busca formar, estabelecendo ligações entre os dois pontos e a nova localidade, seu lar; cria-se, assim, uma identificação maior entre o sujeito e a paisagem original. O olhar à distância ao mesmo tempo em que cria o sentimento de saudade, dá a este mesmo sujeito a impressão de não mais pertencer àquela terra, passa a ser um estranho diante do local identitário original. Há, pois, a contaminação com o novo espaço, não existe mais somente o ponto de partida. A pátria que recebe impinge marcas, o que normalmente são fatores positivos, levando em consideração que os movimentos de diáspora quase sempre representam melhoria de vida no que diz respeito ao fator econômico. Portanto, é uma questão de tradução *versus* tradição, pois ao mesmo tempo em que o sujeito precisa se adaptar ao novo ambiente, ele precisa igualmente sustentar a memória de sua origem para não se ‘perder’ enquanto indivíduo de uma dada comunidade/nação.

Os entrevistados de Mary Chamberlain também falam eloquentemente da dificuldade sentida por muitos dos que retornam em se religar a suas sociedades de origem. Muitos sentem falta dos ritmos de vida cosmopolita com os quais tinham se aclimatado. Muitos sentem que a “terra” tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas (HALL, 2003, p. 27).

O conceito de diáspora vem, originalmente, da migração e posterior colonização da Ásia Menor e Mediterrâneo pelos gregos entre os séculos VII e VI a.C e ganha mais expressão quando da configuração da história dos judeus, que são obrigados a sair de sua terra natal. Passa também, seguindo o mesmo preceito, pela história bíblica de Moisés e o êxodo e

configura-se enquanto representação significativa do real no holocausto nazista. Tem-se a observância de construções históricas partindo de mitos fundadores que através da história de uma tribo (os judeus) deslocada do tempo e imutável por ele, liga passado, futuro e presente numa perspectiva sem interrupção. Tal herança leva ao fato de que “*La verdades un relato que otrocuenta. Um relato parcial, fragmentario, incierto, falso también, que debe ser ajustado con otras versiones y otras historias*” (PIGLIA, 2001, p. 30). Respeitando a concepção criadora da ideia de diáspora, é observada a ligação e, por conseguinte, instituição de uma identidade forçada a partir dos desarranjos impostos pelo deslocamento desses sujeitos (no caso os judeus), a vida fora do lugar de origem faz florescer identidades amarradas partindo do desconforto do isolamento, existe a aproximação de um espaço de vivências culturais múltiplas e próximas, criado como identificação e amarrado no “fora”, em oposição àquilo que é vivido e verdadeiro ali, no lugar de enunciação, no “dentro”.

O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora [...] A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura (HALL, 2003, p. 33).

O fenômeno é observado fortemente na história da África, que deve ser configurada enquanto junção de várias culturas, falares, tribos e povos e tem como construção imagética comum o tráfico de escravos. Estabelece-se ligação com a história do Caribe - que recebeu indivíduos dos quatro cantos do planeta em movimentos que ora eram de escravidão declarada, ora de trabalho semiescravo disfarçado de movimento migratório - e de sua também diáspora em direção às terras da rainha. Migram para a Inglaterra, porém encaram o mito do retorno à terra prometida como sendo o momento de redenção. Cria-se a ideia de uma volta futura à terra de origem, local onde a história individual pode comungar com a gama de histórias plurais e formar a memória coletiva; o espaço de origem é encarado como ideal e por isso a volta e/ou criação de vínculos e associação com indivíduos que compartilham a mesma realidade passa a ser a grande verdade do indivíduo em trânsito. É tomada enquanto referência a história caribenha, posto que o texto de Stuart Hall, *Da Diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), é presença constante na discussão, no entanto o fenômeno é mundial.

2.3.1 Na diáspora: formação de identidades culturais

A construção de uma identidade cultural ligada ao local de origem passa, assim, pela ideia da globalização; elementos que antes eram encarados como representantes de uma dada região, perderam a fronteira e representam identidades plurais em contextos diversos. É cada vez mais forte o conceito de universalidade, mas é também cada vez maior a ligação dele com a busca por identificação de valores que passam a ser plurais de acordo com os interesses econômicos que os movem em dada região:

A existência de tradições, ou heranças culturais que permitem combinar (mestiçar, hibridar, transculturar) o hambúrguer do McDonald's com o mate uruguaio; a camiseta Benetton com a alpargata crioula dos gaúchos; [...] parece indicar um substrato ou uma herança cultural muito mais forte do que a versão demonizada do efeito globalizador parece acreditar (ACHUGAR, 2006, p. 85).

A diáspora é vista sob a mesma perspectiva, os sujeitos modernos levam consigo as influências da origem, entretanto são influenciados pela situação que os cerca, ficam ligadas as novas possibilidades de vida e são, assim, condicionadas pelo ambiente. O local e o global estão ligados entre si, cada indivíduo existe a partir da consciência do grupo. Antes havia um único centro - a Europa - já a contemporaneidade traz o pensamento diaspórico e, com isso, a constituição de múltiplos centros.

O texto de *A dama da morte* traz a formação de personagens com origens distintas¹⁸, mas que apresentam identificação com o lugar da enunciação, formando a partir dele novas vivências identitárias; o local de vivências atuais, como discutido anteriormente, é valorizado enquanto fomentador de novas possibilidades e construções de saberes ligados à vida também presente.

No íntimo, você receia que ele não se case com ela. E daí? Serão felizes da mesma forma. Você tem medo de que eles não possuam um teto. Ora, Maona passou a infância sob galhos de árvores e céu; garanto que no fundo renega qualquer tipo de cobertura que não seja o9 que conheceu ao nascer. Sei: estou sendo romântico. Você também o foi. Já imaginou Ona vestida de noiva e Ramon enfarpeado num terno escuro, ouvindo as baboseiras do padre Luís? Seria ridículo (MELO, 1968, p. 36).

O trecho retrata a discussão entre Sérgio e Catarina acerca da decisão de Maona ir viver seu amor com o paraguaio Ramon longe das bênçãos da igreja. É configuração da

¹⁸ É importante observar os fenômenos migratórios do período em que o livro é escrito, a região Centro-Oeste passa pelo processo de modernidade e ocupação demográfica, instituído pelo governo Vargas, a Marcha para o Oeste, processo de cessão de terras que tem início na segunda metade dos anos 1940.

identidade da personagem Maona e de como teve que mudando do norte para o sul do então Mato Grosso, construir uma nova vida na localidade, adequando-se aos desígnios do lugar. Apesar de viver longe daquilo que carrega enquanto verdade inerente, passa a fazer parte da paisagem local e a viver de acordo com ela. No momento em discussão ela volta a encarar os mesmos hábitos e costumes de seu povo.

2.3.2 Definindo fronteiras

O estabelecimento delimitador das fronteiras, bem como o princípio de formação delas inicia com a construção do conceito de nacionalidade - a noção de “cultura nacional” foi criada no século XIX e delimitar os limites geográficos torna-se importante fator no que concerne à instauração dos princípios de soberania e território de um país – e está diretamente ligada ao de nação e independência. No momento em que as fronteiras territoriais são formadas, instituem-se também outras simbólicas e/ou imaginárias; porém a divisão limítrofe de uma localidade não significa que ali é o fim ou começo de algo, até porque os limites de onde começa e termina um espaço territorial não refletem os limites culturais e de vivências plurais.

La idea de frontera como separación, límite y barrera da paso a otra cuyo sema nuclear cobra valor de ‘pasaje’, ‘relación entre elementos diferentes’, ‘puente’, colocando en simetría a las culturas periféricas que, de este modo, entran en distintas formas de contacto, ya no sólo en su forma dependiente (PALERMO, 2004, p. 241).¹⁹

Desta forma, a concepção de fronteira ultrapassa a ideia de limite e ganha conotação de elemento delineador de um espaço de múltiplas facetas identitárias e culturais, fica o conceito de divisa somente enquanto convenção política e sistematizadora de organização de um território específico. Dentro da presente sistematização teórica e com vistas aos pensamentos de Achugar “o que pareceria estar ocorrendo é que o chamado processo de homogeneização/globalização opera em outro nível que parece tornar obsoletas tanto a escala como a própria categoria de nação” (2006, p. 81) e o pensamento de Palermo:

¹⁹A ideia de fronteira como separação, limite e barreira cede a outra cuja raiz cobra valores de ‘passagem’, ‘relação entre elementos diferentes’, ‘ponte’, colocando em simetria às culturas periféricas que, deste modo, entram em diferentes formas de contato, já não mais em sua forma de dependência (PALERMO, 2004, p. 241, tradução minha).

La construcción de los estados nacionales puso en funcionamiento un imaginario construido por los relatos de las tradiciones locales orientadas a fortalecer las fronteras políticas que [...] dio homogeneidad a la heterogeneidad propia de cada una de ellas (PALERMO, 2004, p. 242-243).²⁰

O apagamento de fronteiras nada mais é que a globalização, uma vez que apagar os limites dá mais possibilidades de manipulação econômica e cultural; conseqüentemente apagar tais fronteiras possibilita a implantação das ideologias da metrópole com mais facilidade. Isso dá lugar à noção de “liminaridade²¹”, de “entre lugar”, de permanente intercâmbio, sobretudo cultural. As configurações textuais de *A dama da morte* mostram a construção de um espaço formado a partir de verdades novas, forjadas no convívio das personagens advindas dos mais diversos locais e influenciadas pela diversidade coletiva. As fronteiras geográficas, no texto, ao contrário de limitar, estabelecem um campo comum de convivências múltiplas, capaz de abarcar as diferenças e nivelar as pluralidades, institui uma nova identidade cultural forjada na troca: “Míriam e seu grupo de malucos, revolucionaram por completo minha vida, Vila Morena e até Terra Nova” (MELO, 1968, p. 153) e ainda “Eu me perguntava como e por que Míriam fizera amizade com aquele grupo. Eram tão diferentes de nós! Depois eu iria notar que eram diferentes de mim, não dela” (MELO, 1968, p. 154).

2.3.3 O Vale do Ivinhema enquanto comunidade imaginada

A “Colonialidade do Poder”²² institui-se enquanto grande situação mantenedora da dependência dos países periféricos em relação aos poderosos, as superpotências econômicas ainda detêm grande influência e participam como protagonistas no que acontece no cotidiano de tais países, um exemplo é o fato de os EUA não aceitarem a Palestina fazendo parte da ONU. Os países menos influentes, mesmo com toda a autonomia política, ainda sofrem com os mandos e desmandos das “grandes nações”; é neste cenário que Walter D. Mignolo (2003) em *Histórias Locais – Projetos Globais* questiona tais projetos e promove a discussão acerca da naturalidade com a qual a ideia de supremacia de determinadas teorias é aceita enquanto

²⁰ A construção dos estados nacionais pôs em funcionamento um imaginário construído pelos relatos das tradições locais orientadas a fortalecer as fronteiras políticas [...] deu homogeneidade à heterogeneidade própria de cada uma delas (PALERMO, 2004, p. 242-243, tradução minha).

²¹ Liminalidade é um conceito cunhado pelo antropólogo escocês Victor Turner, segundo o qual é a fase intermediária entre o distanciamento e a reaproximação entre indivíduo e estrutura social em rituais de passagem.

²² Entenda-se o termo, nesse contexto, como tentativa contemporânea de manipulação, das nações mais poderosas sobre aquelas menos favorecidas no panorama socioeconômico mundial (BARZOTTO, 2011, p. 76).

verdades absolutas e superiores, tudo abonado graças aos lugares geoistóricos onde são produzidas, espaços esses que as tornam avançadas e absolutas, são levados em consideração o idioma com o qual são construídas, geralmente, o inglês, francês e alemão - a partir da Europa e dos Estados Unidos.

Em outra configuração, as teorias produzidas em línguas e locais historicamente subalternizadas – como é o caso do espanhol utilizado na Bolívia e o português no Brasil - são sempre vistas com desconfiança e reserva quanto à pretensa validade universal. Um questionamento é relevante na interpretação de Mignolo (2003): será que as teorias exercem o mesmo papel e/ou apresentam significações iguais tanto nos locais geoistóricos onde são produzidas e, por conseguinte, estabelecem significações originais quanto nas localidades para onde migram? Também vale indagar por que algumas teorias têm mais alcance que outras. As respostas aparecem na colonialidade do poder e na diferença colonial, instâncias segregadoras de poder que configuram determinados indivíduos num grau de importância maior graças à localização geográfica de seu nascimento, que atribuem importância ao pensar e teorizar em relação à geografia de origem do sujeito.

A conceitualização serve no que tange a história de formação da América Latina e os caminhos utilizados na construção das nações latino-americanas no passado, que historicamente foram vistas como dependentes de um centro de influência e pensamento superior, assim como para abonar a ótica de eterno influxo sofrido em relação às nações mais tradicionais e com pensamento já abonado pela vivência histórica mundial e, assim, absoluta. Fica claro que a colonialidade não é solta, despreocupada, voltada para a estética ou arte, é a colonialidade do poder; o colonialismo institui-se, então, numa metáfora do poder do mundo moderno.

No seu artigo de 1997, Quijano apresenta o seguinte argumento: “Colonialidade do poder” e “dependência histórico-estrutural” são duas expressões-chave inter-relacionadas, que percorrem a história local e particular da América Latina, não tanto como uma entidade existente onde eventos “ocorreram” e “ocorrem”, mas como uma série de eventos particulares cuja localização na colonialidade do poder e na dependência histórico-estrutural fez a América Latina o que ela foi no passado e é hoje, do período colonial no Peru a Fujimori, como a articulação paradigmática do neoliberalismo. A colonialidade do poder sublinha a organização geoeconômica do planeta, a qual articula o sistema mundial colonial/moderno e gerencia a diferença colonial (MIGNOLO, 2003, p. 85).

A diferença colonial ocorre fora da Europa e na modernidade, abona a formação do imaginário constitutivo do sistema colonial/moderno quando se arraiga na colonização epistemológica pautada no etnocentrismo e no eurocentrismo, alastrado no seio da

modernidade desde a literatura, filosofia, religião até a ciência. É importante pontuar que a globalização sempre aconteceu, porém é na atualidade que tem maior força; deve ser configurada a partir do surgimento no imperialismo (basta lembrar que antes da ida dos europeus aos novos territórios não havia colonialismo) e continua com grande influência graças aos vínculos construídos através dos tempos entre as nações hegemônicas e as dominadas chegando até a atualidade como bem é conhecida.

É também a diferença colonial que rearticula as fronteiras internas e externas, já que passa a observar e participarem assuntos e problemas locais de nações com menos expressão política mundial e que fazem parte de projetos coloniais de impérios solidificados através da história, como exemplo pode-se observar a influência atual da França na Líbia, os franceses têm amplo domínio no Maghreb²³ e atuam constantemente no cotidiano da região. Os elementos acima observados revelam que durante extenso processo da formação do sistema moderno/colonial se institucionalizou uma autêntica geopolítica do conhecimento, em que as localizações geoistóricas mantêm relação com as localizações epistemológicas, tal relação é configurada pela diferença colonial.

A genealogia do pensamento é um saber criado num ambiente de comunidade baseado no projeto de poder global, a sociedade é criada a partir de um pensamento de consumo global e/ou mundanizado e capitalista. No entanto, não é um processo de passividade que acompanha as configurações da colonialidade do poder, ao contrário disso o cenário apresentado é propício ao surgimento de revanchismos por parte dos países que sofrem algum tipo de influência e acabam reproduzindo os maus tratos, o ataque às Torres Gêmeas nos EUA é, de forma cruel, uma resposta do mundo árabe aos desmandos americanos na região.

Todas as reflexões e pensamentos acerca dos conflitos da colonialidade do poder e os desmandos efetuados e constantes pelos países dominadores, propiciam a criação de “filosofias próprias”. A consciência da “teoria da dependência” faz com que haja esclarecimentos sobre o que aconteceu em relação ao domínio da América Latina pela Europa; outro pensamento é a descolonização das mentes que é a instituição do pensamento de independência em relação à Europa. As filosofias próprias “são propostas de auto descobertas, gerando ideologias e saberes próprios, a partir de intelectuais periféricos” (ACHUGAR, 2006)”. A construção de filosofias próprias faz com que o poder de influência dos países dominadores seja fragmentado, elas “agem contra a subalternização do conhecimento”. Ainda em Mignolo (2003, p. 82) observa-se expressões e seus respectivos

²³Região composta pela Líbia, Marrocos, Argélia e Mauritânia.

autores que refletem a colonialidade do poder (Quijano): Transmodernidade (Dussel), Une pens eautre (Khatibi), Cr olisations (Glissant).

Mignolo não discute somente a colonialidade e a subalterniza o, num segundo plano aponta para a emergência de novos *loci* de enuncia o, ou seja, defende a ideia da cria o de mecanismos que possibilitem um novo pensamento, uma “gnose liminar”. O Pensamento Limiar (Pensamento Liminar, Gnose Liminar, Epistemologia Liminar) significa antes de qualquer outra coisa “pensar sem o outro”;   a produ o que visa   independência de uma na o, a cria o de um pensamento próprio, diferente do que vem do estrangeiro. O texto de *A dama da morte* apresenta têm tais formata es “Tive vontade de dizer-lhe que na sua terra as mulheres temiam a morte, mas na minha faziam dela um culto”, (MELO, 1968, p. 207). Os países subalternos produzem conhecimentos   margem do que os países dominadores instituiram quando da coloniza o. Assim, o ponto chave do Pensamento Liminar constitui-se em romper com a hegemonia eurocêntrica sobre a perspectiva da forma o do pensamento epistemológico; formar outra língua, híbrida e transculturada (exemplo: o espanhol falado na América Latina não   o mesmo falado na Espanha).

O potencial epistemológico do pensamento liminar, de “um outro pensamento”, tem a possibilidade de superar a limita o do pensamento territorial (isto  , a epistemologia monotípica da modernidade), cuja vitória foi possibilitada por seu poder de subalternizar o conhecimento localizado fora dos parâmetros das concep es modernas de razão e racionalidade (MIGNOLO, 2003, p. 103).

Quanto ao Pensamento Liminar   importante relacioná-lo com o “linguajamento”, posto que há uma geopolítica da língua que implica nas localiza es epistemológicas e têm nas geografias literárias. Tais configura es direcionam para novas localidades linguísticas que não são mais as nacionais. Nessa nova contextualiza o, a língua   metamorfoseada em linguajamentos novos, uma língua liminar pontuada pelo bilinguajamento ou plurilinguajamento que representam o transitar entre falares, pensar na fronteira, a epistemologia liminar que se desliga do monolingujamento colonial e/ou nacional. A emergência de uma gnose liminar e uma fala liminar direciona a novas configura es humanizadoras que deixam para tr s as históricas e geopolíticas do ocidentalismo que tanto marcaram os últimos quinhentos anos do sistema moderno colonial, baseados na colonialidade epistemológica e na subalternidade de culturas e conhecimentos.

Assim as léguas, o linguajamento e a diversidade de compreensão caminham de mãos dadas com o saber subalterno e com a compreensão da diversidade enquanto

diversidade global e não como “diferença” dentro do “universal” (MIGNOLO, 2003, p. 337).

O linguajamento institui-se enquanto mecanismo que une os indivíduos ao redor de vontades comuns em busca de conhecimentos culturais que possam ajudá-los na ascensão de um grupo e, por conseguinte, na busca pelo poder, para isso foi necessário que a mente evoluísse na direção de conjugar benefícios que dessem vantagens a cada agrupamento e da junção de tais interesses conjugados fossem criados uma mesma linguagem, que por sua vez daria representatividade a esses novos indivíduos. Tudo leva a observância da importância dos acoplamentos sociais.

Tal pensamento leva à reflexão acerca de como uma localidade é configurada enquanto espaço identitário e representativo para determinado agrupamento social; as influências e vivências múltiplas têm raiz na colonialidade e, por conseguinte, respinga no projeto de sustentação do sistema eurocêntrico, bem como na geopolítica epistemológica que mantém toda a estrutura de capital do ocidente. É importante o uso do pensamento de Benedict Anderson (2008), no que faz referência ao conceito de nação, e, conseqüentemente, de comunidades imaginadas, que para ele nada mais é do que espaços limitados, soberanos e, sobretudo, imaginados. Limitados porque por maiores que sejam, sempre haverá fronteiras finitas; soberanos, posto que pressupõem lidar com enormes pluralismos vivos e imaginados, pois seus habitantes, mesmo jamais conhecendo totalmente uns aos outros, dividem simbologias e signos comuns, os quais se fazem reconhecerem enquanto pertencentes a uma mesma localização imaginária.

O Vale do Ivinhema pode ser caracterizado nos mesmos parâmetros observados por Anderson (2008), quando o autor configura a constituição de tais “comunidades imaginadas” graças à existência de uma espécie de “camaradagem horizontal”, que tem sua instituição muito devida a uma construção cultural do que política e/ou coercitiva. Direcionando a discussão em tal sentido, o que diferenciaria as muitas localidades é o modo como são imaginadas e as possibilidades criativas e constitutivas de que lançam mão. Assim, não há comunidade mais ou menos reais, todo agrupamento, parafraseando Guimarães Rosa, é para o que nasce; o que aparece, então, é a imaginação das comunidades, que segundo observações do autor, não constitui sinônimo de sociedades irrealis, porém de uma rede de ligações que preenche seus membros de particularidades específicas.

O argumento aqui considerado é que, na verdade, as identidades locais formadas a partir de espaços de múltiplas origens e vivências díspares não são características com as quais o indivíduo nasce, porém são formadas e transformadas no interior da representação

cultural instituída e tendo como ponto de partida aquilo que traz cada sujeito no processo de instauração de uma nova identidade. Sendo assim, a localidade onde um agrupamento se organiza não é somente uma entidade política, mas também algo que produz sentidos dentro de um sistema de representações culturais. Os indivíduos não são apenas cidadãos legais de um local, eles também interagem com as ideias que representam e fazem sentido no que se refere ao seu cotidiano. O entorno do Vale do Ivinhema é, portanto, a junção de interesses múltiplos que se completam em consonância a um bem maior, a defesa de valores concernentes a grupos sociais específicos, que utilizaram a vivência coletiva para validar e/ou defender direitos legais ou conceitos morais cabíveis e que sustentavam as verdades da região.

Seguindo a mesma vertente e completando o pensamento defendido, o Rio Ivinhema tem papel preponderante dentro de tal contexto, faz ligação do passado com o presente e dá possibilidades dos habitantes de outrora iniciarem o processo de construção de identidades próprias e criar, desta forma, a comunidade imaginada defendida na presente pesquisa. Desde tempos coloniais, o rio em questão apresenta-se enquanto importante rota no que diz respeito a uma infinidade de fatores de cunho histórico, econômico e social, ora pela logística no que concerne ao povoamento do ainda sertão do Mato Grosso, ora na busca de riquezas (ouro ou escravos índios) ou ainda no cuidado com as fronteiras.

O Ivinhema, seguindo o mote inicial da presente discussão, configura com cores locais a colonialidade do poder e o pensamento epistemológico geohistórico ligado ao eurocentrismo e, em cada momento histórico específico, reflete os interesses ligados aos projetos imperiais das nações que comandam a cena mundial, seja Portugal e Espanha no século XVI, passando na sequência por Inglaterra, França e Alemanha e chegando no século XX nos Estados Unidos. As preocupações da região do Vale giraram, muitas vezes, em torno de interesses advindos dos centros de poder instituídos em cada época.

A formação, através do tempo, de valores e verdades ligadas ao universo de interesse, daqueles que passaram a habitar a região e a estabelecer laços com os costumes locais, foi criando novas possibilidades de instituir e reforçar o imaginário dentro do que se pode chamar, segundo Benedict Anderson (2008), de instauração de uma comunidade imaginada, criada a partir da junção dos diversos choques, sejam eles encontros ou desencontros, positivos ou negativos, dos habitantes que passaram a vivenciar o local de formação da cultura.

Portanto, o pensamento liminar – faceta crítica dos Estudos Culturais - passa a representar-se na região quando tais indivíduos utilizam o que trouxeram das experiências vividas em seus contextos históricos e sociais anteriores e começam a estabelecer novas

situações de interação com os outros sujeitos do lugar, principiando, então, a formação de verdades tanto inerentes quanto dissociáveis do agrupamento que passa a representar o pensar do local de enunciação que estão vivendo a partir daquele momento. O rio é o responsável por dar caminho às transformações que o agrupamento social que se inicia precisa, pois é através das águas do Ivinhema que novos moradores chegam e que a vida segue da mesma forma que as águas leitosas.

2.3.4 O centro (ou centros?) e a diáspora

A noção de diáspora, nos últimos anos, ganhou força, nas ciências, enquanto elemento de compreensão do processo massivo migratório de indivíduos que estavam fora dos alcances e fronteiras geográficas de uma cultura ou de um país. Constitui-se, por isso, num processo de mobilização demográfica importante, ocorrido com mais intensidade na atualidade e estudado com mais afinco graças à preocupação crescente com as transformações acarretadas em decorrência das diásporas nacionais e transnacionais, é cada vez mais influente e com a mesma intensidade aumenta o interesse das ciências sociais e da história em estudá-lo.

Diversos são os fatores que justificam o fenômeno da diáspora: a contemporaneidade e seus desdobramentos, no que diz respeito à postura do sujeito moderno e a construção das necessidades de consumo capitalista, faz com que o sujeito necessite cada vez mais consumir; também há a má distribuição de renda, que aumenta as diferenças econômicas e conseqüentes desdobramentos no que concerne suprir os “bens incompressíveis” (CANDIDO, 1995, p. 3).

São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (CANDIDO, 1995, p. 3).

E ainda a perseguição e fuga decorrentes de guerras e/ou processos não democráticos em países do terceiro mundo, a fuga de catástrofes naturais, a crescente miséria nos países periféricos, etc.

A narrativa de *A dama da morte* faz com que o pensamento de transitoriedade entre os centros ganhe corpo quando é discutido o papel de um novo povoado que se formara próximo à fictícia Vila Morena, o surgimento de Terra Nova e os possíveis ganhos tidos por ela representam a perda de conquistas já sacramentadas pelo vilarejo mais antigo, o que fora um

centro antigamente, perde importância e cede lugar a outro: “Cada vez mais fortes, soavam os boatos de que tirariam o ginásio, a delegacia de polícia e até o cartório de Vila Morena, transferindo-os para Terra Nova que, segundo notícias, parecia florescer rapidamente” (MELO, 1968, p. 145).

A mobilidade demográfica propiciada por intermédio da colonização crescente na região possibilita a instituição de novos pensamentos e a criação de verdades concernentes a localidades específicas, Vila Morena permanece com o pensamento influenciado pela leva de trabalhadores que aportam em suas paragens, porém estes se integram às vivências locais sendo mais influenciados que influenciando, em Terra Nova o processo é distinto, uma vez que os moradores são colonos advindos de diferentes lugares, porém a identidade cultural da região influencia menos no processo de formação identitário dos “agora” moradores do sul do Mato Grosso, aquilo que é trazido de suas terras de origem acaba ganhando mais espaço e influenciando na representação cultural da região.

Comprovando a pluralidade de centros, faz-se necessário observar o pensamento de Jean Bessière (2011), no texto “Centro, Centros: novos modelos literários” no qual defende que o movimento de migração acontece em consonância e direção ao centro, torna-se importante, desta forma, trabalhar com tal ideia, posto que o conceito seguia somente preceitos eurocêntricos e modernamente tem sofrido várias contribuições teóricas que pulverizaram o pressuposto de unicidade. O conceito de centro pode variar de acordo com a situação geográfica, social, histórica ou econômica de uma determinada região em relação à outra localidade e essa, por sua vez, pode apresentar relação distinta com espaços outros, imagéticos ou não. A inteligência do antigo centro era reproduzida pelas colônias, fazendo com que um único pensamento fosse formado e que só aquilo que era europeu fosse valorado, contemporaneamente há a participação das localidades antes dominadas, fazendo com que outros fazeres tomem espaço no discurso e ganhem também notoriedade.

Certamente há centros. Em outros termos: há muitos centros; apesar de não terem as mesmas identidades, eles se caracterizam pelas mesmas funções. [...] Há centro se há poder econômico, poder cultural, estratégia de retorno dos simbólicos e das historicidades dos centros estabelecidos (BESSIÈRE, 2011, p. 13-31).

As construções identitárias que forjaram a ótica primeira do “centro” perpassam questões ligadas à dominação econômica e com as mudanças atuais do capital fazem com que instituições consolidadas pelo tempo – o cristianismo é uma delas – repensem seu poder e reconstituam seu pensamento central; tudo isso faz com que haja mudanças sobre a forma de

enxergar e manter as relações de poder. Mas inevitavelmente vem a pergunta: como o centro se torna centro? Quem são os indivíduos que validam um local – antes ‘marginal’ – com o novo estatuto de centro? Por que assim o fazem? Através da definição de uma geografia fronteiriça que imbrica todas as regiões segundo outros valores, Achugar (2006) discute o fato da periferia não empobrecer ninguém, mas sim situá-la; as fronteiras foram postas por terra, para tanto basta observar as redes estabelecidas pela internet. A existência de um centro só é possível mediante o estabelecimento do poder econômico, cultural ou simbólico e por isso os movimentos de diáspora fluem em tais veredas pelos atrativos agregadores oferecidos por esses locais. O texto de *A dama da morte* traz personagens que colaboram com a leitura de espaço diaspórico defendido na presente discussão.

Seguimos em silêncio para casa. Ao chegarmos lá, havia um cavalo amarrado ao mourão de aroeira. Os complementos de prata nos arreios, o “poitã” vermelho eram inconfundíveis. Esquecida de tudo, Míriam entrou aos saltos na casa, gritando: - Ramon! Ramon! Também eu me sentia contente. Ramon sempre constituía uma novidade para nós. Fronteiriço dos bons, cantava como ninguém e vivia “campeirando” de um lado para o outro. Das suas idas ao Paraguai, trazia-nos novidades e novas canções [...] Ramon amava Maona. Porém, quando falava com ela enrolando a doce algaravia guarani, eu entendia uma coisa: ‘esperar’ (MELO, 1968, p. 19).

Portanto, a caracterização e posterior absorção de elementos constitutivos da paisagem local, e de sujeitos que transitam entre diferentes territórios geoistóricos, indica o descentramento dos espaços geográficos, dando importância àqueles que suprem necessidades incompressíveis ou não, mas que instituem elos importantes na cena social, econômica ou histórica das regiões, na época, afastadas dos centros e que permaneciam inacessíveis ao indivíduo local, sempre carente de espaços de representação próprios.

=====
Adeus...

Adeus vagões floridos... Adeus cafezais meninos e pomares infantis. Adeus velhos e adorados pais...Adeus córregos saltitantes e adeus Ivinhema-rio e Ivinhema-cidade que desperta...Adeus sertão...

Pressinto que não voltarei. E é preciso que eu parta, que me vá... Que tente outra vida diferente e menos estéril.

Alice Vaz de Melo

(Decisão – conto inédito de 1962)

- CAPÍTULO III -
A DAMA DA MORTE E O VALE

3.1 Configurações históricas

Os elementos histórico-literários e consequentes representações do texto de *A dama da morte* devem ser observados a partir da configuração narrativa construída num momento histórico específico e num espaço delimitado enquanto verdade verossímil. Os personagens e situações textuais somam ao raconto e enriquecem o universo de possibilidades de escrita, aproximando quem lê do cenário e configurações desejadas pela autora. O ponto de chegada constitui-se fator essencial da empreitada da obra, o importante passa a ser a construção de um panorama “histórico” sem marcas e/ou engajamento, por isso, é possível retratar as paisagens e situações de vivências coletivas e prováveis de forma tão real. O romance, assim, ganha contornos de realidade e traz, por meio da ficção, aquilo que “poderia ter sido” no cotidiano do Vale do Ivinhema em meados do século XX.

O historiador, ao compor a sua análise, ao trabalhar com a convenção da veracidade, tem mais chances de compor um pensamento político; e, infelizmente, pelo que posso observar pela história, ele o compõe como unidade. Ao contrário, a literatura, ao trabalhar com a ficção, com uma outra convenção que não a da veracidade, ao invés de ir em busca das grandes unidades do processo, trabalha com a diversidade, e é essa diversidade que muitas vezes ainda traz como ingrediente a categoria estética. E, muitas vezes, ela pode nos fazer, como historiadores, compreender melhor o mundo em que vivemos ou pensamos; ela nos permite pensar sobre esse mundo (SILVA, 1993, p. 215).

O texto começa sem acertar a delimitação temporal, sabe-se que a narradora rememora a paisagem do entorno do rio Ivinhema e as cercanias que se transformarão nas fazendas da região, na Vila Amandina e na cidade de Ivinhema. Quanto ao tempo, é possível inferir do próprio texto informações que cunham a história nos anos 1940, são pistas disso trechos que falam da entrada do Brasil na Segunda Guerra e do olhar desconfiado e rejeição dos moradores da pacata Vila Morena diante de um médico alemão, Dr. Franz, e da esposa, Elfrida, que passam a viver ali. Há ainda menção à retirada da Companhia Mate Laranjeira da região, fato que acontece quando Getúlio Vargas, em 1943, assume o governo e cria os

Territórios de Ponta Porã e Iguaçu, ação que anula a concessão²⁴ de terras que a Companhia possuía.

Como alerta CHARTIER (1990), deve-se em primeiro lugar situar o autor e sua época; por isso, a relevância da construção da biografia da autora da obra analisada, pois a relação dela com o espaço e o amor pelo rio constroem toda a narrativa.

Alice apresenta as características da sociedade do interior, do então sul do Mato Grosso, conforme a narrativa evolui. A linha central da história é o comportamento antagônico das duas irmãs que mexe com a estrutura organizacional da localidade e do entorno em que vivem, porémé importante também pautar a discussão na paisagem insólita da região (que aparece como pano de fundo da novela e que por vezes apresenta-se com a própria extensão e expressão dos acontecimentos e ações transcorridos com os personagens) e nos acontecimentos históricos e costumes do período, para verificar a possibilidade de aproximação entre a história e a literatura. Algumas perguntas são necessárias para tal realização: o que é relevante do ponto de vista histórico na obra? Como pode ser utilizado como documento histórico? Capta a essência da época? Qual contextualização traz o autor com o romance? Enquanto respostas serão observadaselementos do texto de Alice Vaz de Melo, bem como outras referências, com a finalidade de identificar pontos centrados na verossimilhança e que não tenham comprovação isolada de outras escritas.

O primeiro período do texto, que é fundamental na autonomia histórica, traz “Este ano as queimadas começaram cedo” (MELO, 1968, p.7), fazendo menção às queimadas que fizeram parte do processo de colonização nos anos 1960 e 1970, relacionando as derrubadas de matas e a renovação das invernadas destinadas ao pasto do gado.

Este ano as queimadas começaram cedo. Gosto das queimadas, como gosto de tudo que se relaciona com o sertão; menos o inverno, pois as geadas já estão se tornando rigorosas demais para minha idade. Nesta época, as tardes são vermelhas e os crepúsculos atingem um lilás inquietante (MELO, 1968, p.7).

A paisagem, que é reflexo do estado emocional da narradora, é também a rememoração de um momento histórico particular da região do Vale do Ivinhema, época em que os primeiros colonos fixaram residência e tornaram comum a prática das queimadas, que, aliás, ainda acontecem até os dias presentes. O leitor, embasado em outros contextos,

²⁴A Companhia Matte Larangeira foi uma empresa que surgiu de uma concessão ao comerciante Thomaz Larangeira. Atuou na exploração de erva-mate no sul do Mato Grosso.

configura a realidade então passada e testemunhada também por outros indivíduos com o que verdadeiramente “poderia ter sido” da história. Ele traz para si o que é memória coletiva a partir do estado de espírito de Catarina, que representa, através de seus sentimentos, as vivências dos moradores de antanho com os atuais e aciona os mecanismos de representação da realidade. É domínio público o conhecimento histórico acerca dos movimentos de colonização e das práticas utilizadas para “limpar” a terra da invasão da floresta ou atear fogo no colírio seco para a renovação das pastagens, e é em tal contexto que a narradora torna possível a identificação do leitor com a história.

Foi um bom passeio. Tornei a descobrir que minha terra possuía lugares maravilhosos. E gente maravilhosa também. Paramos numa das fazendas [...] – Isto sim, é bucolismo puro, não Vila Morena com suas cobras e derivados. As palavras de Antônio soaram verídicas, em meio ao chapinhar de água esparramada pelas crianças, que brincavam na pequena represa, logo abaixo da casa da sede. Tomamos caldo de cana em canecos de ágata, sentados no chão e entre o rebuliço das crianças que vinham de longe para passar as tarde de domingo no “Rancho Alegre” (MELO, 1968, p. 136-137).

A autora descreve também alguns hábitos da sociedade da região à época, na metade do século XX. A vida social é retratada através de reuniões e/ou visitas do pároco para direcionar o funcionamento e resolver os problemas da vila, os passeios de charrete nas tardes de folga, as pescarias e passeios no rio Ivinhema que tanto alegram a escritora, os encontros dominicais das famílias nos lagos ou rios menores para confraternizarem e deixarem as crianças livres, as reuniões de mulheres em torno da cozinha com a finalidade de trocar receitas e experiências, o encontro de vizinhos nas varandas no fim da tarde, as moças casadouras, o bate-papo enquanto se toma tererê “Tomamos o ‘tererê’, pois não havia água quente para o chimarrão (MELO, 1968, p. 62).

A preocupação com os costumes sociais da época não é gratuita, justificam vários dos comportamentos da narradora, que faz uso deles para mascarar suas atitudes e escamotear os desvios de conduta que lentamente vão ganhando corpo e criando outra leitura dos fatos. A agressividade crescente de Catarina é constantemente mascarada e se esconde atrás da figura da “pobre solteirona” que todos fazem dela. A personagem vai mudando e o leitor é levado a crer que os hábitos da época escravizam o seu comportamento; os costumes sociais, assim, não se apresentam como simples caracterização temporal, mas como esconderijos para a personalidade doentia da professora que, de forma sutil, coloca-se como vítima do acaso. Mesmo contaminada com a prerrogativa do mascaramento e do câmbio comportamental da

narradora, as representações históricas são fotografias plausíveis dos anos 1940, tudo que está na história é verossímil e, por isso, passível de verdade.

A autora dinamiza o texto com a caracterização geográfica da obra e, por conseguinte, sua representação verossímil faz referência a localidades amplamente conhecidas pelos leitores ou que tenham existência facilmente comprovada, aproximando ficção e realidade num influxo mútuo de configuração da história.

Naquela época, uma lancha principiava a fazer a linha Porto São José – Porto Angélica, este logo acima de Vila Morena, uma vez por mês. [...]Maona e eu fomos tomar uma lancha rio abaixo, pois seguiríamos até a Foz do Iguaçu. Partimos à tarde e, quando a noite chegou, escalamos em Porto Rico, onde a lancha pernoitaria (MELO, 1968, p. 215 e 244).

Descreve o rio Ivinhema e, mais adiante da narrativa, a construção da ponte que liga várias regiões importantes do hoje Mato Grosso do Sul, o Porto Vilma enquanto entreposto comercial importante nos meados do século XX, a fronteira Iguatemi e seus fazendeiros paraguaios, Pedro Juan Caballero e o comércio de produtos exóticos, o rio Cristalino na divisa com Naviraí, a então capital do Mato Grosso, Cuiabá, o rio Paraná como contato com o ‘mundo exterior’, Porto São José, Porto Angélica que hoje dá nome a cidade, Porto Rico, Foz do Iguaçu, o rio Prata, o Paraguai. A escrita imita a realidade que, por sua vez, justifica a ficção e faz uso dela enquanto objeto de rememoração histórica, “... a referência pressupõe a existência; alguma coisa deve existir para que a linguagem possa referir-se a ela” (COMPAGNON, 2001, p. 134).

3.2 A voz narrativa em *A dama da morte*

O texto é narrado em primeira pessoa em tom confessional. A personagem central encontra-se na velhice e conta sua história, o porquê de não ter sido feliz e os desdobramentos que a levaram ao isolamento e à solidão, tem a companhia de uma índia que fora criada como sua irmã. As vidas das duas mulheres, Catarina e Maona, são repletas de segredos que vão sendo revelados no corpo do romance; cometem os crimes para defender a necessidade e o direito que acreditam ter em relação à felicidade, aqueles que atravessam o caminho de ambas ou que de alguma forma possam vir a representar algum perigo são eliminados. Catarina mostra ser uma mulher amarga e ressentida com os acontecimentos pelos quais é acometida. Toda esta caracterização reporta ao mote essencial do romance: a solidão de uma mulher

obrigada a aceitar os designios culturais impostos por uma sociedade isolada e construída sobre preceitos masculinos de elaboração do papel da mulher.

Alice Vaz de Melo conduz o texto a uma constante construção e reconstrução do ambiente histórico em que romancista, personagens e leitoras interagem na elaboração e configuração da realidade em que estão inseridas, grande parte da obra gira em torno da reflexão do papel da mulher que sempre é tolhida das suas vontades e obrigada a assistir aos acontecimentos passivamente.

As mulheres de *A dama da morte*, ao contrário da sina de receptoras dos acasos, ganham notoriedade e disputam o espaço de domínio do masculino:

Fazia uma semana que o Dr. Siqueira partira, quando Anita apareceu. Encontrei-a estendida na rede da varanda, quando voltei da escola. Estremeci. A presença dela era mais sugestiva que a de qualquer temível matador. [...] Abracei-a e, abrindo a porta, levei-a para dentro. Anita nunca fora de rodeios. – Papai recebeu uma carta de Cuiabá... Deram-lhe o conselho de não resistir nem ao levantamento nem à desapropriação. Ali estava o que viera fazer: buscar informações e – quem sabe? – esperar. Esperar também... (MELO, 1968, p. 86-87).

São mulheres fortes que trilham seus caminhos e são independentes para lutar pelo que acreditam, seja isso de natureza positiva ou negativa. O local e o tempo no qual a história é configurada são duros e, por isso, as mulheres que têm destaque na narrativa conseguem fazê-lo graças a atitudes ativas e de incorporações de atitudes aceitáveis em personagens masculinos: Catarina, a narradora assassina e fria que passa por cima de tudo para realizar seus desejos; a irmã, Miriam, que não tem escrúpulos na busca do casamento mais vantajoso, Anita, a linda jagunça que orgulha o pai fazendeiro pela bravura e notoriedade que alcança na região.

3.3 Um olhar sobre o romance

O enredo do livro gira em torno do destino de uma mulher que apresenta sua história em tom confessional e, mesmo tomando decisões que a levam construir a própria decadência e infelicidade, não demonstra nenhum arrependimento e ainda vê os fatos como inevitáveis. O pano de fundo utilizado e que ganha vida própria, trilhando caminho paralelo à trama central, é a colonização da região onde hoje está localizada a cidade de Ivinhema e Vila Amandina. Toda a narrativa é desenvolvida em torno do processo de colonização o que acarreta os desdobramentos dramáticos que acometem a narradora que também é a personagem central do romance. Os elementos configuradores da história pessoal de Catarina são extensão do

destino da região e vice-versa, os acontecimentos de um respingam no outro, tornando, por vezes, impossível dissociá-los.

Há afetividade na forma como a narradora estabelece os laços identitários e conseguinte relação de pertencimento com o espaço geográfico de Vila Morena, a diegese permite o desenvolvimento de fatos e acontecimentos configuradores no texto que extrapolam o ambiente do romance e respingam na realidade. Assim, no plano individual, Catarina – que constrói toda a narrativa partindo de recordações, processo constituído a partir de estímulos - representa a paisagem com cores impregnadas pelas memórias sentimentais que conserva ainda na lembrança, porém, não é possível confirmá-las naquilo que é real, posto o confronto pressupor generalidades não possíveis na realidade, já que a força motriz da autora partiu de verossimilhanças, daquilo que poderia ter sido. De acordo com Pesavento, “Dessa forma. a combinação da memória/lembrança com a sensação/vivênciare apresenta algo distante no tempo e no espaço e que se coloca no lugar do ocorrido” (1995, p. 279). A rememoração no texto e na narrativa faz com que Catarina esteja tão distante do momento de enunciação pretendido que dificilmente teriam vivas as lembranças na mente; à passagem dos anos, a própria professora diz não ter certeza de quantos anos se passaram: “Quantos anos? Dez? Vinte? Um século?” (MELO, 1968, p. 9). Faz com que a personagem potencialize as memórias e especule detalhes menos importantes na configuração da história, mas fundamentais na montagem do panorama espontâneo da época.

A cidade pode ser representada de diversos modos, através da sua descrição, a pintura de um dado espaço urbano pode ser uma forma distinta de representação, os adjetivos que qualificam esta ou aquela cidade por um grupo social podem revelar que representações são construídas em torno de uma espacialidade específica, neste caso, as cidades [...] é a forma como alguns autores representam em suas obras, a cidade ou as cidades que fazem parte de sua identidade principalmente estabelecendo laços de afetividade, perplexidade em relação às mudanças e diversas nuances que dizem respeito, tanto à forma, como à vida na cidade e suas intensas metamorfoses (SILVA, 2001, p. 77).

Catarina traz ainda vivos detalhes do passado dificilmente acontecidos na ordem e/ou sequência dada. É certo que o montante dos fatos relevantes tenha permanecido intactos, mesmo impregnados com impressões pessoais e defendendo interesses de quem conta. No entanto, os outros detalhes que configuram a vida na sociedade da época, as conjunturas políticas, os costumes, etc., devem ter sido colhidos de memórias remanescentes e costumeiras que a narradora, depois de vivê-las à exaustão, reproduz como rememoração e não lembrança fidedigna. As memórias do que foi, ou poderia ter sido, a vida em Vila Morena

(Vila Amandina) são mostradas ao longo do romance, nas reconstruções do cenário tão importante para as ações e essenciais nas justificativas dos atos cometidos pela narradora-personagem.

A narradora assimila os hábitos da região enquanto forma de sobrevivência ao *habitat* social em que está inserida, porém não os aceita como parâmetros para si e para a irmã; enxerga outras possibilidades além das já instituídas, já que tem um olhar estrangeiro, de “fora”, e por isso distinto do “dentro” (SANTIAGO, 2000).

No sertão as mulheres começam a namorar cedo. Muitas aos quinze anos já são mães. Eu, porém, não queria saber disso no que se referia a Míriam. Assim, comecei a me preocupar quando Rodrigo apareceu e passei a vê-los sempre juntos (MELO, 1968, p.55).

Os comportamentos locais são assimilados, no entanto, são postos em ação de acordo com a conveniência da narradora, uma vez que entram em conflito com as verdades anteriores trazidas da educação em colégio paulista; assim, tradição e modernidade ou passado e presente vão mudando de acordo com as transformações que acontecem no cotidiano presente da narradora. São reflexos uns dos outros e a narradora, mesmo sendo fruto do lugar de onde origina, não fica alheia à verdade local, demonstra, em várias situações, a perspectiva do estranhamento e do estrangeirismo.

Colocamos a pergunta deste modo, na América Latina, onde as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar, não estamos convictos de que modernizar-nos deva ser o principal objetivo, como apregoam políticos, economistas e a publicidade de novas tecnologias (CANCLINI, 2003, p. 17).

Em vários momentos do texto, a narradora discorre sob a impossibilidade de ser feliz, a tradição não dá oportunidades às mulheres dos anos 1940 escolherem o destino, pois são obrigadas a seguir uma sina institucionalizada e, por isso, a interiorização e a assimilação dos conceitos folhetinescos de construção do romance é a florada e tem-se a ideia de que a felicidade não é opção para os personagens da trama. Tal visão se exterioriza a todos os outros personagens; o novo não consegue ultrapassar o costume que, por sua vez, norteia todos os movimentos e ações, fazendo o tempo apresentar a perspectiva vertical de verificação e/ou vivência dos fatos (SOUZA, 2002). A ideia transmitida é de que algumas personagens escolhem sofrer, não se permitem uma nova chance, é o caso da própria narradora e também da índia Maona “A amargura daqueles que conheceram a felicidade para depois, sendo

obrigados, mesmo inconscientemente, a renunciar a qualquer novo ideal” (MELO, 1968, p.116).

O que mais concerne e legitima a presente discussão, no entanto, é a ideia perene de transformação da tradição, instituindo a modernidade a partir do que é absorvido pela narradora quando das relações estabelecidas com outros elementos textuais, ora personagens, ora fatos e/ou situações cotidianos que ganham dimensão à luz das mudanças que ocasionam.

Como exemplo, pode-se utilizar as mudanças decorrentes das mortes, a maioria delas aparece como prenúncio das mudanças que acontecerão em Vila Morena: 1. A morte de Sérgio, noivo da narradora, serve de antecipação para a vinda dos agrimensores e conseguinte mudança no eixo narrativo do romance que deixa a configuração folhetinesca para incorporar elementos da história memorialista da região e introduzir a trama policial desencadeada no desfecho da obra, “- Tenho ouvido boatos... Se a política mudar isso aqui virará um inferno. Vão tomar terras de todo mundo para transformá-las em colônias” (MELO, 1968, p.73). 2. O assassinato de Marcelo inicia as desapropriações de forma violenta, fato que muda para sempre a paisagem, até então tranquila, da região; é o momento do texto no qual o moderno choca-se com o tradicional e uma nova ordem surge: “Finalmente, foram iniciados os serviços. O Dr. Siqueira colocou-se à frente de sua equipe, com férrea obstinação e talvez uma ponta de ódio pela terra e pelo povo que lhe assassinara o filho” (MELO, 1968, p.107). 3. O falecimento de Dr. Siqueira marca o fim das demarcações, ficando somente uma grande fazenda por ser levantada e desapropriada, fato que nunca aconteceria graças à entrada do Brasil na Segunda Guerra; história e literatura confundem-se já que há apenas uma grande fazenda, assim como a descrita no livro, na região. 4. O fim da vida de padre Luís antecipa a construção da ponte sobre o rio Ivinhema e a construção da MT 41, fato que intensificaria a colonização das terras do entorno do rio e adjacências: “E morreu. Foi-se num começo de ano, quando eram fortes os boatos de que uma estrada romperia o sul de Mato Grosso, ligando-o a São Paulo e ao norte do Paraná” (MELO, 1968, p.148).

A morte é, de certa forma, grande personagem no texto, já que traz em si a transformação da paisagem e dos viveres coletivos do local. As mudanças significativas acontecidas em Vila Morena são anunciadas pela morte que vai cambiando a cena histórica e movimentando a perspectiva de presente, até então, estático. Tradição - o passado, e modernidade - o presente, são modificadas respeitando os influxos que ambos têm em relação ao outro; os acontecimentos presentes seguem tendências narrativas possíveis no corpo do romance.

As personagens que morrem de forma trágica convivem com a narradora, que, no espaço temporal no qual divide com elas, assimila os hábitos de cada uma.

Com o noivo, Sérgio, Catarina toma ciência dos desejos femininos e da vontade de ser mulher. A personagem assumira as responsabilidades pela criação da irmã, quando da morte dos pais, e tal fato faz com que ela se anule, encare a vida como se não fosse mais possível, a exemplo de outras pessoas, casar e constituir família. O noivo é o instrumento pelo qual a narradora vê o quanto ainda é jovem. Sérgio é um forasteiro, um estrangeiro que não aceita os hábitos do local e ajuda-a a enxergar o universo medíocre que forjou para suportar a vida ali. Há, na convivência com o rapaz, a alforria intelectual que precisa para libertar-se dos ditames sociais da época. É na presença e companhia dele que encontra forças para ver diferente, absorve a personalidade do rapaz e exteriora o seu eu verdadeiro, sem amarras nem censura.

Por falar nisso, não gosto desse seu maiô. Por que você capricha em se fazer menos feminina? Quando for a São Paulo, vou lhe trazer um maiô de deixar as velhas da vila com íngua no pescoço. Olho envergonhada para minha velha e obsoleta roupa de banho. E de repente me recordo que tenho pouco mais de vinte anos (MELO, 1968, p. 17).

A morte do noivo faz com que Catarina volte a esconder-se; mascara os desejos e passa a cobrar a felicidade que fora tomada de si, as situações que contrariam o modo de vida que fora obrigada a assumir recebem retaliação. O capítulo XI apresenta as mudanças no comportamento da personagem que começa a moldar um novo comportamento. Em várias passagens, a própria narradora diz ter sentimentos não tão louváveis, tem-se a impressão de que a felicidade do jovem casal a incomoda. Por fim, em uma emboscada, mata Marcelo e fere Anita. O rapaz despertara os instintos maternos e Anita, a namorada que fizera com que o jovem perdesse a cabeça de tanta paixão, ocupa todo o espaço que o efebo antes destinara à narradora, pois a mesma quando vê os dois apaixonados fazendo sexo, fica aborrecida e deixa transparecer as frustrações em não ter consumado o casamento. Anita não deve morrer, precisa sobreviver para também lamentar as tristezas da morte do consorte. Com Marcelo, Catarina recupera a jovialidade que perdera depois da morte dos pais, sente-se útil e cheia de vida. O importante, porém, nos trechos que antecedem a tocaia é a boa vontade em relação aos visitantes que Catarina demonstra, diferentemente do restante da vila; os forasteiros representam a chance de novos conhecimentos: “Não podia negar que os ‘gringos’ sempre despertavam meu instinto de proteção e hospitalidade” (MELO, 1968, p.83).

Dr. Siqueira propicia uma visão transloucada do espaço em que Catarina está inserida, é ele quem dá a chance da personagem olhar o local onde mora sem envolvimento, com olhos imparciais; com o engenheiro está em constante contato com o pensamento de um estrangeiro sobre sua aldeia e, por conseguinte, com um parecer sobre ela mesma; os passeios, a companhia masculina e instruída, a possibilidade de mudar de vida, tudo atrai a narradora que demonstra a atitude clara de fazer uso da situação e dos conhecimentos que ganhara como independência e justificativa para com os novos hábitos que desenvolvera. Há, claramente, a ruptura definitiva a partir do relacionamento de amizade com o agrimensor. Porém, Dr. Siqueira sabe demais e já não tem serventia, passa a ser um perigo em decorrência das observações e comentários que vem fazendo e, deste modo, também é assassinado “Todos, para todos houve uma razão. Antonio Siqueira: Maona o odiava e ele estava perto da verdade” (MELO, 1968, p.250); é ele quem apelida Catarina de “dama da morte”.

- Vosmecê é tratada como merece. E sabe o que mais? Somos, no momento, o casal mais falado das redondezas. O velho sem-vergonha e a dama da morte! – Dama da morte...? Que diabo quer você dizer? – Não diga diabo, que é feio. O tinioso nada tem a ver com nossos problemas. Sim, minha bela, você já tem um apelido. E posto por mim. – Olhou-me fixamente. – Não é mau gosto, é a verdade. E nós dois sabemos disso (MELO, 1968, p. 141).

O aparecimento de Jean-Luc revela a necessidade que a narradora tem em envolver-se com algum homem; nunca fora somente Sérgio o único amor, poderia ser qualquer homem que fizesse com que vivesse aquilo que imagina ser direito e destino de toda mulher; Catarina é mulher forte e independente, no entanto, alimenta os influxos obtidos na convivência com os habitantes locais, mesmo deixando claro o pensamento de independência para com Vila Morena, espera ser igual a todos e por isso busca ser protegida por um homem e, em alguns trechos, demonstra até querer ser submissa, como num trecho da narrativa quando Jean-Luc abraça a namorada isso fica evidente.

Flora reapareceu com a bandeja de café. Peguei a xícara, olhos fixos no seu ventre ainda liso. Um filho de Jean-Luc... Ele a amara, sua boca se prendera àquela boca de menina, ela dormia aninhada em seus braços... Preparava sua comida. Pregava botões em suas camisas... Meus dedos apertavam a xícara com risco de quebrá-la. O ciúme de uma mulher é mil vezes pior que o de um homem (MELO, 1968, p. 185).

E é também o engenheiro belga que representa de forma clara as pretensões intelectuais antropofágicas da autora. Na história pessoal de Alice Vaz de Melo sempre houve

a preocupação com elementos comportamentais que representassem e reforçassem ações de formação com cunho intelectual e cultural e no espaço geográfico da época, cheio de obstáculos logísticos para obtenção de tais recursos, estabelecer relações e/ou trocar experiência, objetos culturais – livros, discos, fitas cassetes, etc.- ou qualquer outra experiência representativa do mundo exterior com sujeitos advindos de grandes centros era a maneira mais prática e rápida de estar sempre em contato com o mundo e a erudição. Dentro do contexto externo e ações da autora, o espaço diegético faz com que Jean-Luc ofereça a oportunidade de Catarina conhecer os grandes nomes da música clássica, da literatura, insere-a em convenções sociais relevantes para a época, possibilita uma cosmovisão, a chance de ter o mundo ali, no entorno do seu rio; afinal, ele também fica apaixonado pelo Ivinhema. O rio aparece como grande observador da história, outro personagem, e é cabível enxergá-lo assim já que tem papel de cenário e de ligação para o mundo.

Fica evidente que Catarina aproveita cada um dos personagens “estrangeiros” que aparecem na narrativa para absorver, num comportamento antropofágico, aquilo que têm de proveitoso e lhe é útil. Sérgio, o noivo assassinado, nesta perspectiva, traz as aspirações e lembranças de um universo cultural importante e então distante para a narradora, desde que viera de São Paulo com a família fica mergulhada no sertão sem manter contato com o então mundo “civilizado”, no interior do interior de Mato Grosso²⁵ não tem acesso a informações de moda, literatura e demais atualizações importantes para o contexto diegético que apresenta a personagem. O rapaz questiona e ao mesmo tempo encoraja a mudança de vestuário e conseguinte interação com o “fora”: “Por falar nisso, não gosto desse seu maiô. Por que você capricha em se fazer menos feminina? Quando for a São Paulo, vou lhe trazer um maiô de deixar as velhas da vila com íngua no pescoço” (MELO, 1968, p. 17). Traz ainda possibilidade de estabelecer conversas sobre acontecimentos de um mundo até então distante e inacessível, fato até então impossível levando em consideração as possibilidades geográficas e de comunicação da época.

Seguindo a mesma linha de pensamento, o agrimensor, Dr. Siqueira, é outro personagem masculino que corrobora a instituição do pensamento de liberdade intelectual da narradora. É nele que Catarina percebe a diferença que existe entre ela e os demais moradores de Vila Morena, mesmo dizendo não conseguir viver em outro lugar gosta de saber do distanciamento que há para com os demais e do *status* em manter relação de proximidade com

²⁵ No dia 11 de outubro de 1977, o presidente Ernesto Geisel assinou a Lei Complementar nº 31 dividindo Mato Grosso e criando o estado de Mato Grosso do Sul, por isso as referências ao MT no texto dizem respeito ao espaço geográfico que viria a ser MS.

indivíduos que, vindos de grandes centros, estão ali para transformar a história do local: “Antonio se dirigiu para meu lado e não pude deixar de sentir um pouco de orgulho ao imaginar que aquele homem maduro, ocupando uma boa posição no mundo lá fora, se tornaria meu a um simples aceno” (MELO, 1968, p.140), para ela era importante fazer parte dos bastidores das tomadas de decisão, poder participar do futuro e contribuir de forma propositiva nele. Siqueira também era representação do novo, do que seria o amanhã, ponto que Catarina sempre fez questão de defender, pois enquanto paulista nunca compartilhou as verdades mato-grossenses da pastagem e das culturas de subsistência.

Fechando a tríade dos elementos estrangeiros masculinos que constituem as pretensões antropofágicas da autora, aparece a figura mais ádvena dentre os três: Jean-Luc, que de origem belga, é quem coroa a maturidade intelectual da narradora, é no relacionamento com o engenheiro que pode desfrutar da discussão sobre filosofia, apreciar música erudita, estar em contato com generalidades culturais distintas das latino-americanas e principalmente deixar transparecer sua verdadeira natureza “Eu bebia cada palavra de Jean-Luc. Vivia cada segundo de convivência com ele” (MELO, 1968, p. 182); está tão certa e convencida de suas justificativas nesse momento que se descuida de proteger as vontades egoístas - que enfim entregam-na ao leitor - e os segredos que mantém em conluio com Maona. Há ainda o envolvimento com outros personagens da trama que também segue a mesma configuração: querer absorver aquilo que é alheio, que pode ajudá-la a realizar-se enquanto cidadã do mundo mesmo vivendo no sertão, neste contexto podem-se relacionar os estudantes paulistanos e toda a energia que a reavivaram, trazendo a agitação da locomotiva do país para perto e padre Marcos com os conhecimentos eclesiásticos e amizade cômoda.

A ânsia em sorver sempre o conhecimento e o contato inevitável com forasteiros atraídos pela aura daquela personagem ímpar do local, diaspórica e ao mesmo tempo tão ligada ao sertão, faz com que seja envolta e crie uma teia fatal de atração cada vez mais indissolúvel; por trás da imagem de mulher sozinha e frágil há segredos e perigos, as vítimas são seduzidas e as que apresentam algum perigo, eliminadas. A trama constituída por Catarina ganha dimensão audaz e caminha perigosamente para um final que surpreende pela frieza com que é conduzida, a inocente professora primária do sertão do Mato Grosso flerta com o novo e quando lhe é conveniente elimina os obstáculos em defesa de verdades próprias e da construção de sua casa do rio, que é metáfora para a constituição do novo espaço geográfico que surge na região do que viria a ser o Vale do Ivinhema. Desta maneira, o final do texto traz a justificativa da narradora pelos crimes cometidos.

Às vezes, porém, não posso deixar de perguntar-me... Todos, para todos houve uma razão. Antonio Siqueira: Maona o odiava e ele estava perto da verdade. Flora e o filho: truncavam meu caminho. Tonhão: batera em Guilherme. Míriam e Jean-Luc: tiraram a razão de viver. Mas... Marcelo... Por que o matei? (MELO, 1968, p.250).

A personagem acredita estar acima das vítimas, ela absorve, assimila o mundo “estrangeiro”, mas depois utiliza os conhecimentos retidos e utiliza contra seus desafetos, a maioria deles forasteiros. Há a assimilação do que é de fora, mas no final predomina o que é de dentro. A tradição desconstrói o novo.

Fiquei a janela assistindo o anoitecer, tomando devagar meu Martini. A poucos metros, o roseiral, a casa de pedra, o rio... Aquele era meu reino, meu mundo, e nada nem ninguém me faria perdê-lo ou desistir dele./ Senti-me como a dona do espetáculo, a criatura que maneja os cordéis. Tão fácil cortar um deles... (MELO, 1968, p.209).

Os sujeitos forasteiros não protagonistas são tratados com desdém pela narradora, que enxerga neles apenas canais da modernização do local, tão essencial e preciosa para a continuação da existência de Vila Morena diante das mudanças que o país vinha atravessando; para ela eliminá-los não representa problema algum, posto que são substituíveis com facilidade. Quanto ao controle dos fatos relevantes, Catarina tenta fazê-lo com preciosismo e atenção especial, apesar de dosá-los transitando entre a tensão e uma perigosa e arriscada soberba, age no limiar da segurança, arriscando-se desnecessariamente, o que faz supor o pensamento de superioridade que imagina ter sobre os demais personagens da trama.

3.3.1 O entre-lugar em *A dama da morte*

A autora trabalha com a ideia constitutiva de um terceiro lugar, espaço formado a partir dos vários encontros e desencontros ocorridos no romance. Os personagens em deslocamento chegam imaginando encontrar uma realidade e deparam-se com outra, não é mais possível a vida de outrora, nem tampouco é possível viver a mesma verdade do local. Como exemplo tem-se o próprio Sérgio, professor e comerciante vindo de São Paulo para viver em pleno sertão mato-grossense, tenta seguir os preceitos de Vila Morena: “Sérgio abandonara a cidade porque a magia do sertão o atraía” (MELO, 1968, p. 24), no entanto, está ligado a outros ares, vivência também inexequível graças às limitações culturais do lugarejo, a saída encontrada é seguir uma terceira via, estabelecer novos parâmetros.

O conceito referente ao entre-lugar aparece em vários autores e cada um deles dá nomenclaturas específicas, mas que não fogem da ideia de espaço intermediário de construção de vivências múltiplas e contaminado por pertencimentos sociais distintos, que materializam zonas de contato criadas a partir de deslocamentos e mobilidades de povos na constante busca de desbravar novos limites. Por isso, expressões como: lugar hifenado, terceiro espaço, terceira margem, entremeio, *in-between-space*, espaço liminar, espaço intersticial, lugar intervalar, espaço transfronteiriço, compartilham das mesmas definições e abonam possibilidades culturais diversas capazes de referenciar a elaboração de cotidianos imagéticos e, ao mesmo tempo, calcados na concretude da história.

No livro *Interfaces culturais: The ventriloquist's tale & Macunaíma* (2011), Barzotto aborda amplamente a questão do entre-lugar, explicando que o mesmo só é possível graças ao deslocamento que propicia a criação de uma zona de contato entre duas culturas, o espaço criado passa a não pertencer mais nem a “Um” nem “Outro”, surge do contato entre duas ou mais culturas dando início a um terceiro lugar. Homi K. Bhabha, em *O local da Cultura* (1998), defende a existência do espaço intersticial a partir do respeito aos contextos ligados a temporalidades, espacialidades e mentalidades, afinal cada período, no seu tempo, tem pensamentos e vivências específicas. Por isso, o contexto é sempre movente, cíclico e conflituoso; assim, elaborar observações partindo de espaços invadidos é sempre complicado e impossível sem considerar a ocupação e, por conseguinte, o conflito surgido daí. Desta forma, a leitura do lugar hifenado, espaço em constante confronto pelas imposições circunstanciais, é ‘antimonolítico’, ou seja, impossível observar sob uma ótica única (BARZOTTO, 2011).

Duas metáforas definem bem o conceito do terceiro espaço, Santiago (2000, p. 18) “A fonte torna-se a estrela intangível e pura que, sem se deixar contaminar, contamina, brilha para os artistas dos países da América Latina, quando estes dependem de sua luz para seu trabalho de expressão”, o autor utiliza a metáfora da estrela na qual o artista latino-americano tem que alcançar o brilho da influência eurocêntrica, que está tal qual uma estrela, distante e imortal, no céu, longe do homem latino-americano. Bhabha (1998, p.22) “O poço da escada como espaço liminar, situado no meio das designações de identidade, transforma-se no processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco” usa o poço da escada como metáfora da passagem intersticial que não é nem “sótão” nem “porão”, mas sim algo intermediário, que se constitui caminho, ponte entre duas vertentes.

O melhor exemplo observado no texto de *A dama da morte* é o da personagem central, Catarina, uma mulher solitária, endurecida pela vida, conservadora e que tem consciência do lugar e tempo no qual está inserida. É mulher num meio masculino e por isso tem que conservar uma falsa imagem de fragilidade.

- Você se preocupa tanto com a opinião dos outros, Catarina. Olhe, estamos sozinhos dentro da sua casa. Nada aconteceu entre nós, mas na língua do povo já somos amantes. A palavra “amantes” me chocou. – Não seriam tão mesquinhos... – murmurei. – Não? Como você é ingênua... E acha que isso mudará alguma coisa? Quero apenas que você modifique um pouco seu modo de pensar. Aqui nesta vila só existe uma pessoa digna: você (MELO, 1968, p. 37).

A personagem vem da capital de São Paulo para o ainda inóspito sul do Mato Grosso. Encontra um espaço formado pela tradição paraguaia e que vinha transformando-se com a chegada de forasteiros e colonos. A cidade em formação não é mais a velha tradição da erva mate nem tampouco a realidade trazida do sul e sudeste do país, há a criação de uma nova mentalidade contaminada pelo contato de culturas díspares, a região assim como os moradores locais, antigos e novos, transforma-se num novo espaço. E isso fica evidente no trecho no qual os filhos da viúva Genoveva e os peões da fazenda tentam intimidar os agrimensores, fica clara a postura de Catarina diante da cena, não é mais a paulistana, nem tampouco se comporta com a ingenuidade autóctone crente numa resolução pacífica para o problema:

Eu herdara de meu pai uma autoridade que às vezes me incomodava. Mas do colégio paulista trouxera a diplomacia. Usei-a. Falei em guarani. André, o mais velho, ouviu-me em silêncio, mascando seu interminável naco de fumo. Cuspiu. Prometeu esperar. Depois que eles se foram, eu me perguntava: esperar o quê? (MELO, 1968, p. 80).

O exemplo corrobora a construção de espaço intervalar que passa primeiro pela imitação, por parte dos oprimidos, dos valores do invasor, uma vez que não sendo capazes de estabelecer sozinhos padrões formadores, tais indivíduos vêm como necessário interiorizar os processos de opressão, pois o outro é a representação de uma existência melhor, fator que traz a tomada de consciência de si mesmos. Num segundo momento, é percebido que a imitação é falha, porque há a consciência de que não é possível ser o outro; tem-se a emancipação, que, mesmo sob influência, vai tomando as rédeas da situação. É criada uma falsa obediência,

visando a chegada do momento de amadurecimento do indivíduo, que passa do privado para o público e cria a possibilidade de independência dos autóctones.

O ‘Entre-lugar’ é, portanto, um espaço de criação, releitura e reescrita; é constantemente modificado e influenciado, bem como influencia outras culturas; é lugar de intervenção onde passado, presente e futuro são constantemente misturados enquanto possibilidade de criação de identidades próprias a partir daquilo que é a carga de experiências. A assimilação devolve tudo que entende sobre a perspectiva daquilo que aprende, expressa o conhecimento que foi revisitado e/ou assimilado, por isso há transgressão na forma de viver. Passado e futuro giram em torno do viver no presente, é formado um pensamento para sobreviver ao presente; por isso surgem zonas de convivência segundo as diferenças culturais; as vivências singulares transformam-se em coletivas. Toda essa contextualização caminha para a formação da identidade do indivíduo, que passa para o pensamento da comunidade na qual está inserido e, por conseguinte, a formação da sociedade como um todo.

A prerrogativa máxima do conceito do ‘Entre-lugar’ é defender o conceito segundo a formação de um novo espaço, de uma travessia daquilo que não é nem Um nem Outro e isso pode ser bem observado no que tange à constituição da personagem Catarina e seus desdobramentos no romance. Vila Morena e o sertão elaborado na narrativa de Alice Vaz de Melo são alegoria e extensão da comunidade latino-americana que é formada num espaço intersticial e, por isso, deve ser lida sob tal perspectiva, bem como nações africanas e asiáticas. A tradução cultural é constante, pois dá a possibilidade do sujeito se reinterpretar, e é assim que a narradora age, pois a diegese permite que cada elemento viva experiências únicas e indissociáveis, por este motivo tais aspectos são levados em consideração quando da análise do sujeito em sua essência.

Por isso, são dignos de destaque os aspectos vinculados a rebeldia, a autonomia e a transgressão exibidas pela protagonista que representa bem, através de sua história de diáspora e de subalternidade feminina a não submissão à dominação de um centro econômico e cultural. As esferas de poder direcionam as ações da narrativa, ora através da presença masculina do estado, ora por intermédio das relações de subjugação entre os gêneros.

A mulher é tratada como incapaz de produzir voz própria e por este motivo fazem-se necessárias outras instâncias tomarem para si a responsabilidade de exercer tal direito; à narradora resta, na intenção de caracterizar verdades próprias, produzir aquilo que Achugar (2006) nomeia “balbucio”. Catarina tem posturas distintas da maioria das mulheres da região, utiliza os subterfúgios necessários e possíveis para sobreviver dentro da configuração social que está inserida.

A “história local” de um sujeito social não é a mesma “história local” de outro, mesmo que ambos pertençam à mesma comunidade; ou, dito de outra forma, não somente se produz em função de uma “história local”, como também em função do “posicionamento” – os “interesses locais e concretos” – dentro das ditas histórias locais [...] O sujeito social pensa, ou produz conhecimento, a partir de sua “história local”, ou seja, a partir do modo que “lê” ou “vive” a “história local”, em virtude de suas obsessões e do horizonte ideológico em que está situado (ACHUGAR, 2006, p. 29).

A ideia do balbucio teórico, observado no romance *A dama da morte*, e conseguintes obras, que a *priori* silencia para depois exteriorar a voz subalternizada, encontra eco também em Elaine Showalter:

Os grupos silenciados tanto quanto os dominantes geram crenças ou ideias ordenadoras da realidade social no nível inconsciente, mas os grupos dominantes controlam as formas ou estruturas nas quais a consciência pode ser articulada. Assim, os grupos silenciados devem mediar suas crenças por meio das formas permitidas pelas estruturas dominantes. Dir-se-ia de outra forma que toda linguagem é a linguagem da ordem dominante, e as mulheres, se falarem, devem falar através dela (SHOWALTER, 1994, p. 47).

A tomada de consciência transforma os sussurros em gritos, Catarina sabe que à mulher cabem desígnios de doçura e amabilidade em relação às problemáticas sociais, econômicas e culturais de Vila Morena. No entanto, não aceita tais desígnios etoma para si o protagonismo em diversas frentes, muitas delas radicalmente distintas do que espera-se, à época, de uma mulher. É ela quem toma frente diante dos impasses entre os agrimensores e os fazendeiros da região, defende a integração dos colonos pela comunidade, ajuda o pároco local na organização da vila, em uma cena emblemática, defendendo um funcionário, mostra toda a brutalidade interiorizada graças à capacidade de igualar-se às instituições masculinas de opressão:

Tonhão se levantou, dando um chute nas costelas de Guilherme. Olhou desdenhosamente para mim. – Leva seu filho, dona. Dá um banho de salmoura nele e depois manda ele não se meter com homem... O primeiro tiro pegou na boca. Ninguém erra com uma “22” a uma distância de poucos metros. Quando o segundo tiro lhe atingiu a testa, eu tive a impressão de que o preto me olhava incrédulo. Joguei a arma e ergui Guilherme do chão. O outro ainda estrebuchava; tive ímpetos de dar-lhe um pontapé (MELO, 1968, p.206).

O balbucio discutido por Achugar (2006) constitui-se, no texto *A dama da morte*, enquanto elemento de equiparação entre os gêneros, propicia à narradora oportunidades de configurar verdades locais até então só possíveis aos e para os homens. Através de sua

história local e social é possível caracterizar Catarina como indivíduo capaz de fazer uso das expressões de vivências múltiplas da região para instituir caminhos de sobrevivência cultural e estabelecer-se enquanto sujeito agente e participativo.

3.4 O perfil do feminino

O texto de *A dama da morte* é uma publicação do final do ano de 1968; a Editora Monterrey fê-lo no formato livro de bolso, em coleção intitulada ‘Humana’ que tinha temática direcionada ao público feminino²⁶, por isso ninguém melhor que uma escritora para alcançar as leitoras alvo; é narrado pela personagem central e dimensionado em diário, logo está contaminado pelas impressões subjetivas e femininas da narradora que conduz o enredo para a direção mais conveniente. No romance, Catarina carrega a leitura iluminando o que lhe é conveniente e deixando confuso o que depõe contra si, dá a sua ótica do rumo que os acontecimentos tomam, antecipando justificativas ao comportamento reprovável que certamente será criado pelos possíveis interlocutores durante a leitura, por isso configura o conflito com a irmã, Miriam, enquanto o grande responsável pelo afloramento do caráter negativo desenvolvido em si. Tal qual em *Dom Casmurro*, cujo enredo é criado a partir da ótica do narrador personagem, fica a dúvida quanto às razões da personagem: Catarina foi vítima das frustrações da irmã ou vice-versa?

Percebe-se que, em vários momentos do texto, a narradora discorre sobre a impossibilidade de ser feliz; para Catarina, a felicidade não é opção, existe uma força que tolhe tal direito; tem-se a construção da ideia romântica de “escolha voluntária” pelo sofrimento. Corroborando o pensamento acima à mulher não é dada a opção de defender-se das configurações masculinas de objetificá-la, sendo obrigada, em muitos casos, a sujeitar-se aos desígnios falocêntricos de subalternação, por isso “o primeiro dever da mulher consigo mesma é sobreviver a esse processo, depois reconhecê-lo, e em seguida tomar medidas para defender-se dele”, (GREER, 2001, p. 14). O mesmo processo pode ser observado na vida cotidiana feminina, as decisões são tomadas mediante posturas impostas pelo contexto masculino que circunda o dia a dia; as escolhas são reflexos e projeções do universo do homem. Deste modo, Catarina também é levada a escolher o malmequer quando assume para si as responsabilidades da criação da irmã e subseqüentes desdobramentos acarretados por

²⁶ O romance *A dama da morte* foi o primeiro número da Coleção Humana, o romance subseqüente da mesma coleção tinha o título de *Secretária Particular*.

essa decisão. Sua postura reflete um condicionamento patriarcal, imposição social que distancia a aspiração a realizar os “desígnios” culturais do casamento tão cobrado pela sociedade, as responsabilidades para com a família consome o tempo, a vivacidade e conseqüente chance de casar-se. A chegada de Sérgio, por um período, faz o desejo de levar uma vida comum, de constituir família se apossar de Catarina, por algum tempo imagina romper a sina que fora obrigada a escolher, no entanto a morte do noivo promove a reclusão voluntária, não se permitindo nova chance; a infelicidade passa a ser imposição: “A amargura daqueles que conheceram a felicidade para depois, sendo obrigados, mesmo inconscientemente, a renunciar a qualquer novo ideal”, (MELO, 1968, p.116).

O desenrolar da trama faz com que sejam expostos diversos elementos que transitam pelas três fases do romance de autoria feminina, apontados por Elaine Showalter em ‘A crítica feminista no território selvagem’ (1986):

Elaine Showalter (1986) aponta três etapas para o percurso das obras literárias de autoria feminina. A primeira e mais prolongada é chamada de “feminina”, caracterizada pela imitação; a segunda, chamada de “feminista”, caracteriza-se pela ruptura e, a terceira, denominada “fêmea”, é a etapa da autodescoberta, da busca pela própria identidade. Nas entrelinhas literárias, a etapa feminina ainda carrega o sentimento de culpa da mulher, ainda desalojada de seu “eu”; já a etapa feminista enaltece o caráter de luta da mesma contestando os ditames patriarcais e, por fim, a etapa fêmea revela a independência total da mulher e sua vivência mais harmoniosa com o universo masculino; fatores visíveis nas obras contemporâneas, (BARZOTTO, 2008, p. 194).

As configurações romanescas da obra *A dama da morte* consegue contemplar essas três fases; primeiro retrata a etapa do feminino apontando elementos de construção que mostram a mulher enquanto dependente e sempre a espera do resgate por parte do masculino; Catarina idealiza o casamento com Sérgio, que morre assassinado, recolhe-se em dor quando surge novamente a possibilidade de casar agora com o agrimensor Antonio Siqueira, que também é morto – mesmo representando clara chance do tão esperado casamento, Dr. Siqueira não consegue despertar entusiasmo na narradora que deixa transparecer a preferência pela jovialidade e conseqüente beleza física – entra em cena, então, Jean-Luc - engenheiro belga contratado para construir a ponte sobre o Ivinhema e a MT 41, estrada que cortaria o sul do então Mato Grosso – que desde o aparecimento na trama revela a necessidade de seguir o conceito patriarcal que a narradora tem para si: envolver-se sentimentalmente com uma figura masculina. Historicamente tais envolvimento sempre representaram a garantia de sobrevivência para a fêmea, a figura do homem denota o mantenedor, aquele que da segurança e pode proteger, como pode ser observado em Mary Louise Pratt: “[...] no contexto

da Conquista, as mulheres tinham opções históricas diferentes das dos homens. Existia a possibilidade de se tornar dependente de um soldado espanhol e assim garantir sua sobrevivência econômica” (1999, p. 127).

Os acontecimentos e continuidades da narrativa demonstram que a morte de Sérgio fora o divisor na história da narradora, que depois de perder aquele que seria o grande amor de sua vida, busca a companhia de um homem que a faça viver o que imagina ser direito e destino de toda mulher: ‘a plenitude do casamento’. Por mais independente e forte que se mostre, em grande parte da narrativa busca a afirmação e aprovação do restante da comunidade através do casamento.

Em trecho emblemático do romance, Catarina demonstra bem a etapa feminina na obra, deixa transparecer claramente a competição com a personagem Flora, que frustrando as expectativas da narradora, engravida e passa a ocupar o lugar que ela tanto almejava na casa do engenheiro; deseja ser ela a detentora daqueles carinhos:

Flora reapareceu com a bandeja de café. Peguei a xícara, olhos fixos no seu ventre ainda liso. Um filho de Jean-Luc... Ele a amara, sua boca se prendera àquela boca de menina, ela dormia aninhada em seus braços... Preparava sua comida. Pregava botões em suas camisas... (MELO, 1968, p. 185).

Catarina sabe o papel social-econômico-histórico-cultural que a mulher ocupa num espaço ainda eminentemente masculino, vive a sombra de verdades cristãs seculares potencializadas pelo isolamento do sertão: o corpo da mulher obedece a vários tabus. Mesmo demonstrando, ao longo da narrativa, o afastamento e/ou rejeição no que tange o lugar do feminino na constituição da sociedade local e promovendo pequenas rupturas que vão tornando-se constantes na sua história pessoal, a narradora obedece a sina da tradição do padrão social e, ainda que apresente caráter indomável, segue, involuntariamente, os costumes históricos do seu lugar de inserção. O conflito entre o lugar imagético de formação de verdades próprias resulta no desassossego apresentado durante todo o texto pela protagonista, a professora transita e traz consigo os dilemas da independência em relação ao universo falocêntrico que a rodeia e ao mesmo tempo busca respeitar a submissão feminina do momento histórico que vive através do casamento; na presente configuração um marido representaria a liberdade das convicções sociais obrigadas a seguir.

As diferenças biológicas direcionam a constituição do pensamento de insubmissão da mulher, Catarina, tendo em vista isso, vê na anatomia masculina a pujança necessária e capaz de dar a tão sonhada independência feminina, há a busca pela imitação do “macho”, do

igualar as atitudes, equiparar forças, mesmo que para tal seja necessário submeter-se ao casamento como aproximação do ideal possível, é a transição de fase, o desalojamento do eu perde espaço:

As ideias a respeito do corpo são fundamentais para que se compreenda como as mulheres conceptualizam sua situação na sociedade; mas não pode haver qualquer expressão do corpo que não seja mediada pelas estruturas linguísticas, sociais e literárias. A diferença da prática literária das mulheres, portanto, deve ser baseada (nas palavras de Miller) “no corpo de sua escrita e não na escrita de seu corpo” (SHOWALTER, 1994, p. 35).²⁷

A etapa feminista da obra é verificada em passagens nas quais a personagem toma para si o controle da situação, assume o controle dos acontecimentos e faz as vezes de canal direcionador dos fatos; a construção da realidade segundo preceitos masculinos faz com que Catarina assuma tal papel, política e ideologicamente reflete os mesmos valores morais que a cultural patriarcal exige; forja-se, assim, em instrumento de reprodução, institucionalização e manutenção do poder segundo preceitos de sobrevivência ao ambiente hostil no qual está inserida.

A sequência na qual atira, a poucos metros, com um revólver 22 e mata, num bar, um dos trabalhadores forasteiros que construíam a ponte sobre o Ivinhema contextualiza bem a luta interna e contestação aos preceitos masculinos dominantes; é o momento de rompimento com os ditames culturais do local. Arrisca perder o tão batalhado amor de Jean-Luc em nome de firmar sua força feminina e equiparação com a pujança masculina suprema na região. Catarina comporta-se de maneira fria, fala com a autoridade daqueles que sabem da impunidade e de modo que o noivo não tenha outra opção a não ser aceitá-la, há a inversão dos papéis convencionais na relação homem versus mulher, é ele quem tem comportamento emocional, enquanto a professora diz o que pensa sabendo que não haverá negativa e/ou outra perspectiva para o engenheiro a não ser conformar-se.

- Você está sendo desnecessariamente trágico. Já lhe disse e repito: ainda está em tempo... Vocês, homens, são interessantes; essa morte devia até enchê-lo de orgulho. Sua noiva matou um homem! Não acha original? – Seu humor é descabido... – Paciência, não vou ressuscitar seu negro com meu arrependimento. – É justamente isso o que me deixa inconformado: a sua frieza, a sua indiferença diante da morte, (MELO, 1968, p. 211).

²⁷Referência feita pela autora do texto *Women's autobiography in France: For a Dialectic of Identification*. In.: *Women and a language in literature and society*, de Nancy K. Miller.

A personagem toma para si o “direito” de resolver suas querelas partindo dos mesmos procedimentos masculinos utilizados no sertão, espaço onde voluntariamente vive e constrói seus domínios. Exemplo do contexto citado é o momento em que mata um dos trabalhadores responsáveis pela construção da ponte sobre o Rio Ivinhema na defesa de Guilherme, jovem que trabalhava de caseiro e jardineiro para ela, também é emblemático o momento da conversa com o proprietário da fazenda Cristo Rei, Cantídio, logo após a emboscada que ela própria fizera para Anita, filha do fazendeiro, e Marcelo, filho do agrimensor e amigo Antonio Siqueira, o comportamento de Catarina é de frieza, embora admita insegurança: “Sua mão tocou meu ombro. – Quem foi? Abanei a cabeça, estremecendo àquele contato. – Não sei, seu Cantídio, ninguém sabe. Talvez Anita possa dizer, quando conseguir falar” (MELO, 1968, p.105); observa-se que, para a protagonista, é necessário reforçar para si própria a identidade de independência que vem conquistando e estabelecer distâncias seguras entre seus feitos e os mandatários da região, há prazer em comandar o destino dos acontecimentos em Vila Morena, e o fato de fazer e não ser identificada como autora dá segurança a professora.

As ações suspeitas e os crimes que circulam a vida de Catarina não são ligadas a ela pela “cômoda” condição de gênero, fica claro o pensamento patriarcal e o tom machista das pessoas com quem estabelece relações de convívio; para tais indivíduos não parece possível à mulher atitudes tão cruéis, o próprio padre Marcos, novo vigário da vila comunga dos mesmos pensamentos “E você? Não pode ser má. Gente má não cultiva rosas” (MELO, 1968, p. 150). Outro trecho confirma o pensamento masculino em acreditar não haver possibilidade de uma mulher cometer qualquer ato bárbaro, novamente um vigário, desta vez padre Luís em conversa com Catarina após a emboscada contra Anita e Marcelo:

Padre Luís esfregava furiosamente o queixo. Falou, olhando para meu lado: - Quem acha você que foi? – Não sei... – encolhi os ombros. – Talvez Anita possa falar. – Duvido – olhou-me curioso. – Você parece calma demais. Isso pode não ser bom... Pode lhe sobrevir uma crise nervosa (MELO, 1968, p.103).

A ‘brutalidade feminina’, ou seja, a necessidade de extrapolar a energia feminina reprimida dando resposta ao universo opressor patriarcal que rodeia Catarina apresenta-se enquanto força motriz de resposta aos estímulos da mesma “brutalidade masculina”, que rege de modo brutal a também história do sertão. Os conceitos interiorizados pela narradora fazem crer na concepção de devolutiva da violência sofrida em todas as etapas pela mulher sertaneja do então sul do Mato Grosso; sendo obrigada a aceitar os estímulos e direções dadas pelos homens protagonistas do local, mesmo tendo consciência, conhecimentos e práticas de

vivências capazes de instituir como descabidas tais imposições masculinas e fora daquilo que acredita ser o destino da mulher, reage devolvendo de igual forma a mesma violência. A narradora demonstra impassibilidade diante do sofrimento que ela mesma causara a Anita, quando do assassinato de Marcelo: “Anita se recuperava rapidamente. Não morreria. Ficaria, como eu, para chorar um homem morto” (MELO, 1968, p. 108), assim eram as relações masculinas, da mesma forma Catarina agia.

A etapa fêmea possibilita a percepção total e domínio pleno do espaço geográfico e social, cria-se a identificação imagética na feitura de novos desígnios culturais; não há mais limites nem barreiras na execução dos procedimentos que fazem da narradora tão igual quanto os – homens – que comandam o cotidiano da vila, a postura de identificação e nivelamento com o masculino trazem segurança a Catarina, pois há a certeza de que não existe castigo, por isso aprende a beneficiar-se da condição de “indefesa” e da impunidade até o momento desfrutada pelos homens:

Os dias foram-se transformando em semanas, em meses, em anos. E aqui estamos. Nenhum fantasma importante veio nos perturbar. Somos relativamente felizes... diz um velho ditado que o crime não compensa. Não sei. Como prêmio, tive apenas solidão. Maona e eu nada somos e nada temos além das lembranças (MELO, 1968, p. 249).

No final, Catarina mostra ser uma mulher amarga e ressentida com os acontecimentos pelos quais é acometida, porém segue a vida; os segredos revelados no decorrer da narrativa só conferem o nivelamento das ações da narradora com o igual comportamento masculino no dia a dia local.

Estabelecendo ponte com o pensamento patriarcal de Vila Morena e buscando a independência em forma de um pensamento feminista e contrário ao raciocínio reacionário machista do tempo e do espaço vivido, Anita representa principalmente o ideário feminino buscado por Catarina, é ela a construção da mulher sertaneja pensada na diegese e que ganha a realidade segundo as posturas da própria Alice Vaz de Melo:

Quando acordei, lá fora a tarde declinava. Ao pé da cama, escarrapachado num banco rústico, o velho Cantídio me olhava. Atrás dele, em pé, a mulher que com o passar dos anos se transformaria em lenda. Vestia-se como homem, comportava-se como homem, tinha a melhor pontaria da região e era bela como soem ser os demônios. A caçula, a menina dos olhos de Cantídio; os irmãos homens nada valiam perto dela (MELO, 1968, p. 63).

O trecho acima descreve o primeiro encontro entre a narradora e Anita, é claro o encantamento inicial de Catarina, no entanto a medida que o texto ganha corpo, há por parte desta a instituição de um antagonismo não correspondido para com aquela; a narrativa permite somente com sutileza observar tais conjunturas, ficando a cargo das entrelinhas e do contexto externo pontuá-las melhor.

Catarina e Maona eliminam friamente aqueles que atravessam o caminho de ambas ou que de alguma forma possam vir a representar algum perigo. Anita e Marcelo eram as representações do amor que Catarina não mais poderia viver, sofrera a desilusão com a morte de Sérgio e até o momento da emboscada dos jovens não vislumbrava outra saída que não a solidão da solteirice, invejava Anita e o que representava “E eu sentia um prazer perverso em espicaçá-lo. No fundo, odiava saber que eles viviam um amor que me seria para sempre vedado” (MELO, 1968, p. 90) e por essa razão o amor que vivido entre ela e o efebo soava ofensivo aos olhos da narradora “Eu sentia vergonha. E, o que era pior, sentia inveja” (MELO, 1968, p. 89).

Flora fora eliminada porque significava um obstáculo aos planos da protagonista, que via em Jean-Luc a oportunidade de concretizar seus desejos de mulher. O primeiro e único encontro entre o casal e a professora deixa claro o papel ocupado pela mulher na sociedade da época e o não lugar de Catarina nessa mesma comunidade, Flora chega de olhos baixos e Jean-Luc pede que busque café, enquanto Catarina permanece sendo a visita na sala, ela está sozinha, sem acompanhante, é uma mulher sozinha. A postura da protagonista é altiva, fato intimidador às demais e apreciado pela professora que gosta da aura que traz consigo “Seus olhos, ao encontrarem os meus, demonstraram medo. Gostei disso; era preciso mesmo que ela tivesse medo” (MELO, 1968, p. 184).

A morte do agrimensor Antonio Siqueira, odiado por Maona que o responsabiliza pela morte de Ramon, é pontual, pois estava cada vez mais próximo de descobrir os crimes da narradora, novamente age de forma fria e racional.

Relação com a irmã vai mudando e amarrando as pontas soltas da história, demonstra a índole corrompida de ambas e a aproximação, interação e correspondência entre as personagens masculinas e femininas na história. Logo, as mulheres ao fim e ao cabo são tão frias quanto os homens no que concerne defender interesses próprios.

Tive vontade de dizer-lhe que na sua terra as mulheres temiam a morte, mas na minha faziam dela um culto [...] – A polícia não dirá nada, nem fará nada. Aqui não existem inquéritos, nem processos, nem o diabo que o carregue. Matei em legítima defesa... Ele mataria o rapaz [...] Não ignorava que depois iria me arrepender daqueles termos. Jean-Luc devia sempre ver-me toda ternura e meiguice. Eu

precisaria convencê-lo de que atirara em Tonhão por puro nervosismo. Mas tudo isso tinha que ficar para o dia seguinte (MELO, 1968, p. 207).

Miriam envolve-se com o noivo da irmã e exige que ele separe-se para poderem continuar o romance. O belga já se envolvera com Flora, eliminada pela narradora que depois de receber a notícia do novo envolvimento de Jean-Luc, finge aceitar o destino e “abençoa” o casamento da irmã com o engenheiro. Catarina, ajudada por Maona, elabora e cumpre o plano sem deixar vestígios que as ligue a tragédia. Enfim alcança a ‘tranquilidade’ que tanto buscara, não há mais chances nem a personagem tem forças para lutar por mudanças, o destino que tanto lutou reservou a companhia de Maona e das lembranças, no fim traçou um caminho de solidão, chegou no ponto que não é possível diferenciar homens de mulheres: a impotência de não poder ter mudado os acontecimentos.

3.5 A identidade diaspórica presente no romance

O romance inicia com a rememoração do espaço geográfico e histórico dentro da narrativa, que já começa com instantes de memória saudosista para, na sequência, apresentar a primeira personagem diaspórica: Maona, índia trazida pelo pai da narradora “do norte do Mato Grosso” (MELO, 1968, p. 8); a silvícola vive conforme os costumes locais, porém não se distancia dos costumes de antanho, mantém acesa a tradição de seu povo, inclusive na manutenção de rituais que reforçam a identidade cultural da qual foi afastada e que cuja história vai amarrar-se a própria personagem central.

Maona entrou. Deu com o engenheiro, quis recuar, mas já era tarde. Ele olhava estupefato para as mãos dela. Ali se aninhava algo vermelho e negro. Algo vivo e coleante [...] – Mas pelo amor de Deus, Catarina, andar com cobras! Essa não! – Nenhum dos de sua raça teme as cobras. Isso é mais natural do que você pensa. – Natural o raio que o parta! E se forem picados por uma das “amigas”? – Maona conhece os contravenenos (MELO, 1968, p. 134).

Há uma relação de cumplicidade entre as duas mulheres e a narrativa caminha de forma que a paisagem representa a relação de proximidade ou distanciamento delas com os lugares descritos, por isso a narradora descreve a “casa de pedra”, local plantado as margens do Rio Ivinhema, onde muito do texto se explica, para apropriar-se, a partir de então, da paisagem local, pois Catarina direciona o tempo todo relação de pertencimento da paisagem, referindo-se ao Ivinhema enquanto “meu rio”. Confirma, desta forma, o estabelecimento da

fronteira entre o real e o imagético; já Maona mantém relação linear com a natureza local, posto que a mudança do norte para o sul não representou grandes transformações no que concerne a natureza, somente a relação com os habitantes fez-se diferente, por isso não parece haver a mesma relação de posse entre as duas para com o lugar onde vivem.

Vale lembrar que o contexto histórico no qual *A dama da morte* foi construído, está relacionado à Marcha para o Oeste, projeto político emancipatório do governo Vargas para a região Centro-Oeste, no sul do então estado do Mato Grosso e que teve como primeira região a fazer parte do processo a região de Dourados. A nova leva de colonos representa bem o ideário de diáspora nacional²⁸ que é grande entre os anos de 1960, período de maior efervescência d'A Marcha e momento no qual Alice Vaz de Melo produzira o texto da presente análise:

Por ele, vim a saber qual era o plano do Governo Federal. Desapropriar somente as terras não cultivadas, loteá-las e entrega-las aos colonos 'excedentes' de São Paulo, Paraná e Minas, e aos retirantes nordestinos também, de acordo com um plano de assistência e financiamento a longo prazo (MELO, 1968, p. 82).

Podem-se observar os mesmos fenômenos abordados em *A dama da morte* que em outras obras nacionais de maior conhecimento público: *A hora da estrela*, *Vidas Secas*, *Morte e Vida Severina*, etc., todas as narrativas alavancam a história pessoal de um sujeito deslocado geograficamente, mas que é levado a viver o espaço que ocupa enquanto configuração de novas realidades. A mobilidade e o deslocamento geográfico que caracterizam tão bem Macabéa, Fabiano e Severino, servem como referência do deslocamento de Catarina, que sai de São Paulo e, num movimento contrário de migração, já que sai de um grande centro e vai em direção ao interior, passa a viver numa terra, pra ela, desconhecida e 'selvagem', tendo como companhia desde a infância uma índia trazida pelo pai, quando esteve no norte do estado.

Catarina muda-se com a família para um estado ainda em formação; porém, com a morte dos pais assume as responsabilidades de administrar os bens da família, bem como de cuidar da educação da única irmã; há a representação do espaço geográfico enquanto fronteira entre o civilizado e o selvagem, a narradora representa o elo o qual transita entre as partes e dá o apelo narrativo necessário a construção identitária com cores locais. A configuração de

²⁸Diz respeito à mobilidade demográfica interna do país, aquela no qual os elementos migram dentro do limite geográfica da mesma nação.

fronteira não é retratada enquanto limítrofe, mas sim como espaço de convivências múltiplas, localidade de instauração de conceitos e verdades novas, tanto que existe a interiorização do sertão por parte de Catarina que não mais deseja sair daí; a formação da consciência local representa a aceitação dos desígnios da vida presente, a experiência serve para absorver os conhecimentos com que têm contato e absorve para depois utilizá-los em proveito próprio:

Quem vive o sertão e não no sertão nunca mais o tira do sangue. E a nossa pequena vila era o limite; até ali chegava a civilização, em pequena escala, para não envenenar de todo sua gente. Além dela, a mata virgem, lugar de ninguém. Era a minha terra, não por imposição, mas por escolha, (MELO, 1968, p. 25).

São configurados no início do texto os elementos que estabelecem o caráter diásporico da narradora-personagem, pois esta encontra-se na velhice e, ao lado de Maona, rememora os acontecimentos que as levaram até aquele momento, a história poderia ser outra, mas ao contrário, Catarina escolhe fazer parte da tradição local e aceita viver de acordo com os costumes de honra do lugar, deixa de lado o que vivera em São Paulo e os valores assimilados lá para seguir a sina do sertão; a paisagem é acre, assim como são as lembranças que começam a configurar a história e a mostrar como o isolamento e a solidão influenciaram nas escolhas feitas.

Há uma recorrência a cor vermelha²⁹: são tardes, cobras-corais, sol, rosas e ainda outros vocábulos que trazem a mesma ideia colorada; vermelha é a paisagem presente de Catarina, assim como vermelho é seu passado. A recorrência ao vermelho traz a ideia de expurgo da personagem no texto, a narradora busca convencer o leitor de que não havia outra forma de ter resolvido seus problemas, no entanto sabe que carrega sangue nas mãos e culpa-se por isso, a morte é companhia constante e a cor atormenta e lembra o tempo todo os crimes cometidos. O fogo é vermelho e as queimadas fazem a renovação das pastagens, Catarina faz o mesmo quando rememora o passado e resgata as lembranças, tudo é revivido; o sangue é vermelho e simboliza o nascimento (no romance está mais ligado a morte), a narradora renasce durante a reconstrução do discurso e ressuscita todos os fantasmas que claramente a perseguem.

²⁹ Vermelho. Universalmente considerado como o símbolo fundamental do princípio da vida, com sua força, seu poder e seu brilho, o vermelho cor de fogo e de sangue, possui, entretanto, a mesma ambivalência simbólica destes últimos, sem dúvida, em termos visuais, conforme seja claro ou escuro. (CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 12. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1998).

A personagem traz, já nas primeiras linhas do texto, a antecipação do que virá a ser a vida dela, a constituição de uma identidade cultural forjada no isolamento e na mistura com ingredientes passados, trazidos ainda da vida que tinha antes de aceitar plenamente as verdades e cores locais:

Lá fora o vento de agosto sopra. Vento quente e acre, vindo das queimadas. Agita os ramos dos chorões e das matas, além. Os barcos, lá embaixo, forçam as amarras e o barulho das correntes se confunde com o roçar das quinas de saibro. O sol, encoberto pela fumaça, é vermelho, vermelho... (MELO, 1968, p. 09).

Catarina é professora, vive as distâncias geográficas e intelectuais dos grandes centros, mesmo assim entende qual é o papel que deve desenvolver enquanto personagem da cercania em que habita; sabe das limitações de instrução local, bem como do puritanismo que impera no convívio social; tais construções fazem-na viver de acordo com o lugar e expressar-se da maneira que menos cause desconforto com os moradores originais da região: “- Você está escandalizando todo mundo. Por que não veio vestido? – Perguntei-lhe baixinho. [...] Levantei-me, lançando ao redor um olhar de desculpa. Antônio me seguiu, assobiando desafiadoramente. Saímos.” (MELO, 1968, p. 140). No trecho anterior a personagem rechaça o comportamento “fora dos padrões” aceitáveis pela sociedade do amigo e agrimensor responsável pela desapropriação das fazendas da região, Dr. Siqueira; Catarina sabe que o comportamento feriu os hábitos da região, mesmo demonstrando ser avessa as diversas convenções sociais nas quais está inserida, demonstra tê-las tomado para si.

Da mesma forma que Maona e Catarina são apresentadas a luz da diáspora, o texto segue revelando outras personagens que representam o fenômeno: Sérgio, o primeiro noivo da narradora, professor de matemática, comerciante, vem de São Paulo para aventurar-se no sertão onde é assassinado em circunstâncias suspeitas, a culpa recai sobre Miriam, a irmã da narradora que assume para si o papel de antagonista na história, muda para São Paulo para estudar e acaba voltando. Por fim, casa-se com Jean Luc, engenheiro belga que vem para o Brasil com a finalidade de construir a MT 41, fica noivo primeiramente de Catarina; Dr. Siqueira, agrimensor paulista designado para realizar a desapropriação das fazendas da região e Marcelo seu filho adolescente; o médico alemão Franz e a esposa Elfrida; os estudantes paulistanos Tônio, Maria, Moisés e Fernando, que vêm em companhia de Miriam na primeira visita que faz para a irmã; padre Luís, alemão radicado pelo sacerdócio no país e padre Marcos, sem procedência especificada. Ainda são mencionados, mas sem maior relevância, os colonos de Terra Nova, cidade que começa a formar-se perto de Vila Morena, e os

trabalhadores responsáveis por construir a ponte e a MT 41. Desta forma, é fácil observar o caráter político e cultural de construção de uma identidade própria do lugar, que recebeu influências de diversas partes; as fronteiras não podem, assim, ser definidas a partir de limites, posto que são muitas as contribuições que oferecem a chance do indivíduo de transitar entre um espaço de convivência plural e culturas múltiplas.

3.5 Liminaridade no Vale

A construção da identidade cultural acontece na troca e/ou tensionamento entre as culturas; no texto de *A dama da morte*, de Alice Vaz de Melo, a formação da identidade cultural da narradora acontece mediante o choque e as influências sofridas durante sua formação. Catarina consegue ver o mundo de forma mais esclarecida que os demais porque apresenta um leque de vivências e experiências maior que os outros moradores da região.

Desde o início da narrativa, a personagem central se institui enquanto importante personalidade local, transita em vários núcleos da trama e mantém ligação estreita com aqueles que virão a ser peças centrais na elaboração do texto; assim, há o estabelecimento de diversas relações com forasteiros, agrimensores e aventureiros advindos de várias partes do país com a finalidade de “descobrir” o sertão ou preparar caminho para a modernização da região central do país; a própria narradora é uma dessas estrangeiras. A formação de um pensamento liminar é observada já no início do texto, Catarina deixa clara a relação afetiva e emotiva estabelecida com a região, ora observando a paisagem acre das queimadas, ora divagando a cerca da sinuosidade do Ivinhema ou ainda do isolamento com a civilização:

Ele erguera os olhos quase fechados para o céu e deixara-se ficar numa posição de semi-abandono, gozando toda a beleza da noite. Sérgio abandonara a cidade porque a magia do sertão o atraía. E como eu o entendia bem! Quem vive o sertão e não no sertão nunca mais o tira do sangue. E a nossa pequena vila era o limite; até ali chegava a civilização, em pequena escala, para não envenenar de todo sua gente. Além dela, a mata virgem, lugar de ninguém. Era a minha terra, não por imposição, mas por escolha (MELO, 1968, p. 24).

É dentro de tais perspectivas que o romance vai ganhando as configurações necessárias à instituição de um pensamento de liberdade e identidade própria frente às constantes zonas de contato criadas na região. Os indivíduos que passam a viver, primeiramente os forasteiros em Vila Morena e mais tarde os colonos em Terra Nova, criam novos e distintos ajustes locais, vão estabelecendo critérios e padrões de absorção dos

elementos das cercanias e misturando com os hábitos e costumes trazidos do além fronteiras: “De um alforje surgiram a guampa e o pacote de mate. Tomamos o ‘tererê’, pois não havia água quente para o chimarrão” (MELO, 1968, p. 62).

Os novos colonos também se adaptam a região formando novas configurações sociais, o convívio restrito dos moradores de Vila Morena e a pouca reciprocidade encontrada faz com que criem um novo vilarejo:

Veio agosto e uns poucos colonos já haviam queimado alguns alqueires, os quais seriam plantados ainda aquele ano. Os colonos faziam compras em Vila Morena. Suas crianças frequentavam nossa escola. Mas ninguém queria amizade com eles. Por isso, conforme iam chegando e se apercebendo da indiferença de todos, iam-se unindo e formando sua própria comunidade. Assim nasceu Terra Nova, que mais tarde iria crescer e esmagar definitivamente a minha vila (MELO, 1968, p. 110).

A região vai ganhando contornos próprios, constituindo novas representações culturais e instituindo uma identidade própria. Há a mistura de diversos elementos étnicos e conseguinte criação de pensamento próprio, livre dos centros influenciadores. A constituição identitária do Vale do Ivinhema da diegese forma-se, então, a partir de um caldeirão cultural: índios vindos do norte, os primeiros moradores – numa mistura de paraguaios, índios e forasteiros diversos – paulistas, paranaenses, mineiros, nordestinos e ainda estrangeiros paraguaios, alemães e belgas. Tal mistura reflete a constituição real da identidade local.

São vários personagens que simbolizam a miscelânea do romance e a inevitável constituição de um pensamento forjado entre o centro e a margem: A índia vinda do norte do Mato Grosso e cúmplice da narradora, Maona: “Papai a trouxe, pequena ainda, do norte do Mato Grosso” (MELO, 1968, p.8); os paulistas Dr. Siqueira, agrimensor responsável por demarcar as propriedades improdutivas da região “- Viemos aqui para cumprir nossa obrigação. Nenhum caipira do mato vai nos por pra correr, vigário” (MELO, 1968, p. 78), o filho Marcelo “Marcelo, com sua jovialidade, sua simpatia cativante, em poucos dias era um dos nossos” (MELO, 1968, p. 85) e o professor e noivo, Sérgio “Cati, ele é formidável! Vai botar uma loja de tecidos. Vai lecionar no Ginásio. Vai...” (MELO, 1968, p. 12); o casal de alemães nazistas Dr. Franz e a esposa Elfrida “Lá estava o Dr. Franz na porta que levava ao interior da casa. Quanta dignidade em seu porte altivo, apesar dos anos [...] Elfrida correu para o lado do marido” (MELO, 1968, p. 122); engenheiro responsável pela MT 41 e a ponte sobre o Ivinhema, Jean-Luc “Apresentou-se: Jean-Luc, belga, engenheiro responsável pela construção da estrada” (MELO, 1968, p. 178); a irmã e antagonista, Miriam, que transita entre o sertão e o grande centro da época – São Paulo “[...] acho que ninguém pode se gabar de

conhecer muito bem sua irmã. Ela é uma criança e uma mulher, um anjo e um demônio” (MELO, 1968, p. 155-156); os paraguaios Ramón “[...] era um assassino. Um assassino circunstancial, como tantos outros naquela época ao sul do Mato Grosso” (MELO, 1968, p. 19-20) e Rodrigo “[...] tinha mais ou menos o tipo de Ramon. Alto, moreno, movimentos elásticos, cavalgava e atirava como ninguém” (MELO, 1968, p. 55); os fazendeiros de ascendência paraguaia da fazenda San Luiz “Os sobreviventes da família Reis foram para o Paraguai. Negavam-se aceitar o que o Governo lhes deixava” (MELO, 1968, p. 115), o fazendeiro de família tradicional mato-grossense Cantídio “O dono da Cristo /rei sempre me aterrorizava, não tanto por sua fama, mas por sua autoconfiança” (MELO, 1968, p. 64) e a família, principalmente Anita “[...] não escolhia armas, porém a que habitualmente a acompanhava era um trinta-e-dois, com cabo de madrepérola” (MELO, 1968, p. 65); o grupo de estudantes paulistanos Tônio, Maria, Moisés e Fernando “Míriam e seu grupo de malucos revolucionaram por completo minha vida, Vila Moreno e até Terra Nova” (MELO, 1968, p. 153); o alemão padre Luís “Dirigia o ginásio, programava festas, caçava, pescava e, nas horas de raiva, praguejava em alemão” (MELO, 1968, p. 28) e o jovial padre Marcos “[...] o vigário de Terra Nova, rezava a missa mensal, batizava, casava e, subindo ao seu sacolejante “pé de bode”, voltava à sua paróquia” (MELO, 1968, p. 149); os colonos de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Nordeste que fazem parte do movimento da Marcha para o Oeste “Desapropriar somente as terras não cultivadas, loteá-las e entrega-las aos colonos “excedentes” de São Paulo, Paraná e Minas, e aos retirantes nordestinos também” (MELO, 1968, p. 82).

A junção de tantas vozes e identidades díspares possibilitam a fundação de um espaço forjado sobre conceitos e contextos distintos da metrópole e capazes de formar nova configuração identitária local. São construídos novos pensamentos a partir do espaço intersticial criado.

- CONSIDERAÇÕES FINAIS -

A análise da novela *A dama da morte*, da autora ivinhemense Alice Vaz de Melo, propicia pressupor uma infinidade de elementos que confirmam o pensamento defendido no presente trabalho de que é possível observar configurações históricas no decorrer de narrativas literárias; foram destacados trechos que caracterizam momentos ligados à colonização da região sul do então Mato Grosso e hoje Mato Grosso do Sul. Apontaram-se os costumes sociais distintos que forjaram os hábitos até os dias presentes, desde as reuniões organizadas por líderes religiosos até o hábito tão sul-mato-grossense do tereré. As localidades – fazendas, cidades, rios, etc. - elencadas que situam a narrativa num *corpus* maior e aproximam aquilo que “poderia ter sido” com o que foi, utilizam o espaço imagético corroborando a contextualização histórica real/possível ocorrida no estado.

A literatura pode ser usada como recurso e configuração verossímil do mundo real pelos historiadores e, por isso, encarada como mais uma fonte de acesso às observações comportamentais, aos costumes, as incertezas, às pseudoverdades, a tudo que possa vir a aproximar o olhar crítico e contribuir com a construção infinda da história identitária do sujeito sempre ativo e em movimento.

Fica evidente, com o presente estudo, uma infinidade de elementos que reforçam a edificação do formar a identidade local tão apregoada no corpo do trabalho. Os valores literários contidos ou não na obra não aumentam ou desmerecem as marcas e a voz do intelectual que atua como romancista e configura o mundo a sua volta, desenha a paisagem e pinta com as cores de quem está imediatamente ligado a realidade do lugar.

O rio Ivinhema constitui-se na paisagem permanente da história, mas se hoje já não tem mais a importância comercial e logística de outrora, permanece no imaginário como marca de identificação e orgulho dos moradores da região. A autora não foge da missão de caracterizar sua terra com a responsabilidade e autoridade que o intelectual tem; Alice Vaz de Melo foi figura pública, preocupada com o bem comum e suscitou, sempre que preciso, discussões relevantes, manteve a independência e por isso representou a sociedade em que estava inserida. Foi antes de tudo uma personagem pública e assim em condições de representar, falar por outrem.

O texto apresenta também os liames da discussão entre tradição e modernidade; os elementos norteadores da narrativa conduzem ao entendimento da assimilação do que é

estrangeiro enquanto defesa e construção de uma nova identidade cultural. Se há respeito pelo tradicional é somente até esse servir ao propósito de construção de uma nova verdade, revelando a necessidade de existência e sobrevivência mútua.

Autora e romance comungam na perspectiva de enfrentamento do estrangeiro, do fora e do dentro, do alheio como elemento de formação de novas possibilidades culturais. Onde acaba Alice e onde começa Catarina, quais as representações históricas entre Vila Morena e Vila Amandina ou Terra Nova e Ivinhema? A leitura permite a identificação do leitor no que concerne à localização geográfica e sentimental enquanto memória coletiva e histórica da região, que sofreu influxo de dezenas de povos distintos quanto aos fazeres culturais e numa mescla de tradições construíram vivências novas e plurais.

A proximidade e o distanciamento que tradição e modernidade apresentam no corpo do texto não configuram paradoxo uma vez que os dois conceitos completam-se e precisam de tal reciprocidade para estabelecer um campo semântico condizente com os aspectos que apresentam e definem suas especificações. O olhar antropofágico da autora serve como elemento definidor na formação do pensamento plural da região, espaço de constantes apropriações históricas e culturais decorrentes dos processos de colonização, e é na história real da localidade e na memória coletiva estabelecida a partir dela que a autora trilha o caminho contrário e reconstrói o ambiente imagético do Vale do Ivinhema, que até hoje permeia as relações interpessoais dos moradores locais. Assim tem-se a tradição e a modernidade deglutindo o real e a ficção, o local e o estrangeiro, o dentro e o fora, tudo num grande processo de refactura das identidades locais.

Ainda foi demonstrado que o corpo do romance é repleto de elementos que configuram, refletem e confirmam a realidade da escrita feminina, quer pelo caráter de submissão e imitação que por vezes as personagens interiorizam, num processo de assimilação daquilo que é alheio e imposto a sujeitos subalternizados, quer pelo rechaçamento dos valores patriarcais impostos e vistos enquanto única forma de sobrevivência, faz da luta pela diferenciação o canal principal de afirmação de verdades concernentes, a todo custo, somente às mulheres ou num terceiro olhar de nivelamento, posto que há a redenção dos indivíduos femininos enquanto elementos capazes de tomar para si os mesmos mecanismos de defesa dos homens e, por isso, serem tão capazes de atos tanto para o bem, quanto para o mal.

Observa-se que a narrativa é direcionada a um público feminino, a narradora pretende construir um ideário e/ou espaço imagético capazes de alçar os elementos femininos a um patamar de nivelamento, de superação dos valores patriarcais impostos desde sempre e dar a possibilidade de identificação com as personagens. Tem-se, assim, a pretensão de atender um

público leitor engajado na defesa de direitos inerentes e indissociáveis do papel que a mulher ocupa na sociedade atual. Por último, observadas as três etapas do processo de construção da escrita feminina – feminino, feminista e fêmea – e promovendo o recorte direcionado ao viés ginocêntrico, fica explícita a montagem de uma narrativa na qual a mulher é o grande foco. Todo o processo de feitura e recepção textual é focado nela: um texto feito por mulher, com personagens mulheres e com temática direcionada ao público feminino.

Observa-se, ainda, que durante todo o corpo do texto aparecem elementos configuradores de fronteiras ora geográficas, ora culturais, porém todas caminham para a construção de instâncias agregadoras, que passam a instituir novos preceitos a partir do que já existe na região e respeitando as influências trazidas de fora. É observado na narrativa de *A dama da morte* elementos que norteiam e comprovam, entre outros, o caráter diaspórico do romance. A autora utiliza, para tanto, dos recursos concernentes à formação e definição de fronteiras sobre a perspectiva de constituição de identidades culturais originais, só possíveis graças ao contato entre os diversos sujeitos que constituem o ambiente. Tem-se, assim, a convicção de que através da análise do texto, é possível observar que os processos de migrações livres ou imposto por acontecimentos diversos, estão ampliando as questões identitárias e diversificando a cultura, até porque as diásporas não devem ser entendidas nem como positivas muito menos enquanto negativas.

Desse modo, conclui-se que a análise da obra *A dama da morte*, de Alice Vaz de Melo, seguindo as configurações literárias que constituem o ambiente imagético da região do Vale do Ivinhema, é assentada num construto capaz de abranger a diversidade e utilizar preceitos epistemológicos capazes de reforçar o pensamento de instituição de uma identidade cultural sul-mato-grossense.

- REFERÊNCIAS -

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2003.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976. Disponível em <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>. Acesso em 09/01/2013.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

BAKHTIN, Mickail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad. de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Hucitec/Editora da Unesp, 2002.

BARZOTTO, Leoné Astride. *Interfaces Culturais: The Ventriloquist's tale & Macunaíma*. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

_____. Nuestra Cultura local: por uma epistemologia das margens. *Caderno de Estudos Culturais*. V. 3, nº 6 (2011). Campo Grande: Ed. UFMS, 2011, p 75-87.

_____. O universo feminino revelado nos contos de Marina Colasanti. In: *Língua e Letras*. Unioeste - Cascavel, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BESSIÈRE, Jean. Centro, Centros: novos modelos literários. IN: WEINHARDT, Marilene *et al* (org). *Centro, Centros: Literatura e Literatura Comparada em Discussão*. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

BHABHA, Homi K. *O local de cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª Ed. Maringá: Eduem, 2009.

BORNHEIM, G. O conceito de tradição. In: *Tradição – contradição*. Rio de Janeiro: Zahar/Funarte, 1987.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. O mundo como representação. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. 12ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.

COMPAGNON, Antoine. O mundo. In: *O demônio da teoria - literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

COSTA, Claudia de Lima; DINIZ, Alai Garcia. Por uma perspectiva crítica feminista: entrevista com Mary Louise Pratt. Número duplo - *Dossiê Mulheres Indígenas*, vol. 7, n. 1 e 2, p. 127-140, 1999.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/11958/11225>>

Acesso em: 20 Ago. 2012.

COUTINHO, Eduardo F. Sem centro nem periferia: é possível um olhar no discurso teórico-crítico latino-americano? In: *Revista Abralic*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Abralic, 1995.

CUNHA, L. H. Movimentos, tempo e natureza: o singular e o universal. São Paulo: *Revista Margem*, nº 15, 2002.

CURY, Maria Zilda Ferreira. WALTY, Ivente Lara Camargos. *Intelectuais e vida pública: migrações e mediações*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

DECCA, Edgar Salvadori de. LEMAIRE, Ria. O mundo feito texto. In: *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas. Porto Alegre: Editora da Unicamp, Editora da Universidade UFRGS, 2000.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. *O Território Ofaie pelos caminhos da História*. Campo Grande: FCMS/Life Editora, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. (Tese de Doutorado em História). São Paulo, USP, 2000.

GREER, Germaine. *A mulher inteira*. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GOICOECHEA, Alicia Redondo. Ginocrítica polifônica. IN: *Contexto*. Volumen 5 – Nº. 7. Universidad de Madri, 2001.

GOTLIB, Nádía Battella. *A literatura feita por mulheres no Brasil*. Oxford, 1998. Disponível em: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_Nadia_Gotlib.htm> Acesso em 15 nov. 2011.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide Resende *et al.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, Brasília: Rep. UNESCO no Brasil, 2003.

HUYSSSEN, Andreas. Literatura e cultura no contexto global. In: *Valores: arte, mercado, política*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Abralic, 2002.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero*. (Tese de Doutorado em Literatura e Estudos Sociais). Brasília, UnB, 2008.

LOBO, Luiza. A literatura de autoria feminina na América Latina (online). *Revista Brasil de Literatura*. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <<http://lfilipe.tripod.com/LLobo.html>> Acesso em 31 nov. 2011.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.

MELO, Alice Vaz de. *A dama da morte*. Rio de Janeiro: Editora Monterrey, 1968.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

NESTROWSKI, A. *Semana de Arte Moderna: desdobramento 1922-1992*. São Paulo: EDUC, 1992.

PALERMO, Zulma. De fronteiras, travesías y otras liminalidades. IN: COUTINHO, Eduardo F. et al (org). *Elogio da Lucidez: A Comparação Literária em Âmbito Universal*. Porto Alegre: Evangraf, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: História cultural do Brasil. *Revista Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2006 (Dossiê) Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560#text>

_____. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. Revista Estudos Históricos. Vol. 8. Nº 16, Rio de Janeiro. 1995.

PIGLIA, Ricardo. Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades). IN: *Casa de las Américas*. Año XLI, nº 222, enero-marzo. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

RESENDE, Beatriz. A formação de identidades plurais no Brasil moderno. In: *Fronteiras imaginadas*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. Trad. de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no modernismo. In: *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

_____. O entre-lugar do discurso latino americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHWAB, Mariana de Castro. Nacionalismo, políticas sociais e Marcha para o Oeste nos artigos de Paulo de Figueiredo durante o Estado Novo (1937-1945). In: *ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza, 2009.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Representações das cidades. *Revista Formação*, n. 8, 2001, p. 75-97.

SILVA, Janice Theodoro da. Direções da pesquisa em Literatura e História. In: CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de (org.). *Literatura e História na América Latina: seminário internacional*. São Paulo: EDUSP, 1993, p. 195-222.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e Impasses*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SOUZA, Eneida Maria de. O discurso crítico brasileiro. In: *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. Saudades de Lévi-Strauss. In: *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. Unesp, 2ª edição, 1997.